SAÚDE NOVOS ESTUDOS MOSTRAM SER POSSÍVEL A CRIAÇÃO DE UMA VACINA CONTRA A AIDS

Editora ABRIL
edição 2894 - ano 57 - nº 21
24 de maio de 2024

COMEÇOU A MARATONA

A mais de dois anos do próximo pleito, já está em curso a corrida de presidenciáveis para ver qual deles será o nome forte da oposição em 2026

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 894 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 21. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

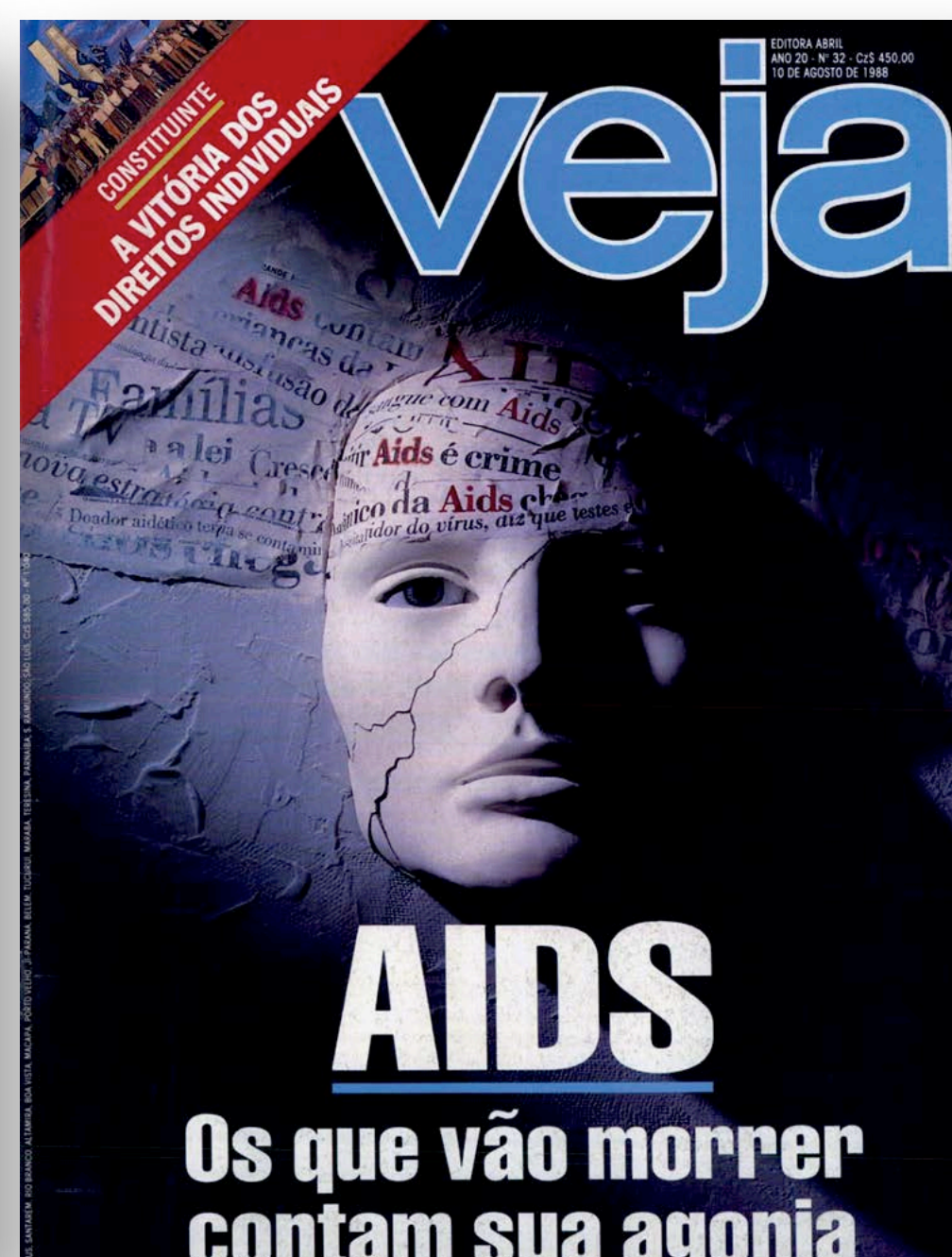
IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

www.grupoabril.com.br

BARBARA ALPER/GETTY IMAGES

PRÊMIO AO CONHECIMENTO

UMA GERAÇÃO INTEIRA, a de jovens adultos no início dos anos 1980, foi marcada pela eclosão da pandemia de aids. Os primeiros casos de morte de celebridades, como a do ator americano Rock Hudson e a do estilista brasileiro Markito, associados às descrições dos severos efeitos para o organismo, deflagraram o medo diante do desconhecido, fantasma que se imiscuiria no cotidiano. Mais até do que a

AVANÇO DA CIÊNCIA No início dos anos 1980, manifestantes pedem menos histeria e mais pesquisa *(ao lado):* a trajetória da aids foi tema de sucessivas e premiadas capas de VEJA

pandemia de covid-19, que nos impôs o distanciamento social e o uso de máscaras, para que, então, tudo depois voltasse ao dito velho normal, o vírus HIV provocou radical mudança no comportamento da humanidade — no caso, no comportamento sexual. O uso de preservativos virou norma, e não apenas para efeito contraceptivo. O que antes era a celebração de sucessivos parceiros passou a ser visto com cautela. Não raro, no início de um relacionamento, pessoas chegavam a pedir ao companheiro um teste que confirmasse a ausência do patógeno.

Excetuando-se os exageros, aos olhos de hoje, algumas dessas posturas são habituais, de responsabilidade e que a ninguém cabe considerar conservadoras, como se a civiliza-

ção tivesse dado um passo atrás. Trata-se apenas de cuidado necessário — e naturalíssimo — com a saúde. É movimento que caminhou de mãos dadas com um fascinante capítulo de avanço da ciência. Em 1987, surgiu a primeira droga para o tratamento da condição, o AZT. Em 1996, uma combinação de medicamentos passou a compor o "coquetel", atalho para o controle do número de infectados. Em seguida, já nos anos 2000, vieram os antirretrovirais e os remédios profiláticos pré-exposição, os PrEP, extremamente efetivos. E, então, a aids deixou de representar a sombra aterrorizante dos primeiros tempos — ainda que todo o cuidado seja pouco e uma única morte signifique uma tragédia. A derradeira fronteira, como mostra a minuciosa reportagem que começa na pág. 58, é o desenvolvimento, enfim, de uma vacina, cujos testes bem-sucedidos em humanos acabam de ser anunciados.

Acompanhar os quarenta anos dessa aventura, sinônimo de respeito pela medicina, é também seguir o caminhar dos humores da sociedade, que sabe — a partir do esforço inicial de corajosos militantes que saíam às ruas para exigir olhar mais empático e investimento em pesquisa — afastar o preconceito, o inaceitável estigma. A primeira reportagem de capa de VEJA destinada ao tema, em agosto de 1985, escrita com riqueza e clareza de informações, apontava um triste efeito inicial da pandemia. Assim, em um dos textos: "Por trás de cada doença, nem sempre há apenas um vírus, uma bactéria ou um fungo. Muitas vezes, de maneira mais ou menos disfarçada, há também a condenação do doente, ou

pelo menos a suspeita de que alguma coisa ele fez, ou deixou de fazer, para atrair a má sorte. 'Irmãos, vocês merecem a desgraça', repetia sempre, em seus sermões, o jesuíta Paneloux, personagem de *A Peste,* de Albert Camus". Lá atrás, e infelizmente ainda hoje, no Brasil, há políticos oportunistas — e irresponsáveis — que atribuem os males a alguma vingança divina ou simplesmente minimizam vírus mortais. A trajetória da aids, um prêmio ao conhecimento humano, mostra que eles estão errados. Muito errados. ■

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO

"SOU HOMEM COM H"

Um dos grandes nomes da MPB diz que não se encaixa nos modernos escaninhos de gênero e, mais livre do que nunca, fala de sexo, drogas e da passagem do tempo, que não o assusta

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **SOFIA CERQUEIRA**

DONO de uma trajetória que se mescla à história da MPB, Ney Matogrosso vem soltando a potente voz, capaz de alcançar um agudo raro e fazer reverberar ideias reveladoras de uma mente sem travas, em mais de cinquenta anos de palco. Desde que surgiu na cena musical, ele, que viria a integrar o transgressor Secos & Molhados na década de 1970, vive de cutucar temas tabus — algo que agora, aos 82 anos, pratica com renovado vigor. Idade, para ele, nascido em Mato Grosso do Sul, é conceito abstrato, tanto que anda às voltas com uma agenda lotada de shows — um deles, em São Paulo, promete ser o mais grandioso de sua carreira. Ney acompanha ainda os últimos retoques de *Homem com H,* filme sob a direção de Esmir Filho que percorre seus altos e baixos. “Tive todas as experiências possíveis com as drogas e realizei minha sexualidade plenamente”, diz o artista na entrevista que concedeu a VEJA em sua cobertura no Leblon, na Zona Sul carioca, onde as paredes são tomadas de coloridas telas abstratas que entregam o humor do proprietário.

Fez alguma exigência no roteiro de *Homem com H,* filme sobre sua trajetória? Queria me ver retratado com franqueza, sem nenhuma mentira. Durante o processo, conversei muito com o diretor e cheguei a ler doze roteiros. Normalmente sou durão, não choro, mas, quando fui assistir às filmagens, desabei. Estava ali, na minha frente, a cena em que chegava em casa, com o Marco *(de Maria, médico com quem viveu)* muito doente. Ele tinha aids e, naquele dia,

meu teste deu negativo. Passou na cabeça um flashback de toda aquela época e não aguentei.

Alguns de seus relacionamentos serão abordados no longa, inclusive com Cazuza. Ele foi o grande amor de sua vida? Um dos meus grandes amores, sim, mas não o único, graças a Deus. Fui completamente apaixonado, mas era difícil conviver com os dois Cazuzas que havia nele. No lado público, se mostrava agressivo, louco, bêbado e cheirava muito pó. Já na intimidade, era o oposto. Foi uma das pessoas mais encantadoras que conheci. A relação durou três intensos meses. Uma vez, ele sumiu por quatro dias e apareceu na minha casa sujo, fedendo, com um traficante a tiracolo. Discutimos, e Cazuza cuspiu em mim. Aí dei um tapa na cara dele e o mandei ir embora. Seguimos amigos, nos amando, mas sem sexo.

“A relação com Cazuza durou três intensos meses. Uma vez, ele sumiu e reapareceu sujo, com um traficante a tiracolo. Seguimos amigos, nos amando, mas sem sexo”

Tanto Cazuza como Marco, único homem com quem morou, morreram de aids. Isso o marcou? Eles receberam o diagnóstico na mesma época. Cazuza morreu e, dois dias depois, foi a vez do Marco, em 1990. Era um período diferente de hoje. As pessoas tinham medo até de encostar em alguém com aids *(leia a reportagem "A última fronteira").* Em uma ocasião, fui levar o Marco, detonado, ao médico, e não queriam que entrássemos no elevador. Cazuza morava perto de mim. Ia visitá-lo e massageava seus pés quando já não conseguia se levantar. Ele me pediu que tomasse AZT, para entrar na mesma onda dele. Não aceitei, claro.

Teve medo de contrair o vírus? Nunca tive medo da morte, mas não dava para entender como gente tão próxima havia se contaminado e eu, não. Além do Cazuza e do Marco, treze amigos, alguns que eu havia namorado, se foram num período curto.

O senhor já declarou ter usado muitas drogas. Chegou a se viciar? Nunca fui viciado em nada, embora tenha vivido todas as experiências possíveis nos anos 1970, 1980. Tomei ácidos, usei maconha e pó. Minha dependência hoje é de um remédio para dormir, o Frontal. Comecei por causa da insônia, há vinte anos, e estou tentando me livrar com a ajuda do CBD e do THC *(princípios ativos da* Cannabis). De vez em quando, tomo uma colher de chá do santo-daime, que me ajuda a ter clareza em determinados momentos.

Poderia explicar melhor sua experiência com o santo-daime? A primeira vez que experimentei foi em 1987, em Brasília. Não buscava uma religião, mas algo que balançasse o meu coreto. Passei mais de um ano tomando toda semana. Era uma jornada à procura do autoconhecimento. Cheguei a morar quinze dias no meio da Floresta Amazônica. Acordava às 5h da manhã para beber o chá. Às vezes, vomitava. Via aquilo como uma limpeza, para abrir caminhos. Sinto que aquela fase me ajudou a ser mais manso e dono de mim.

Nascido em cidade pequena e filho de militar, sofreu preconceito ao se assumir gay? Houve questões em casa desde cedo. Embora eu me enxergasse como uma criança comum, que gostava de pintar, desenhar e cantar, meu pai me chamava de viado. Um dia, perto de eu deixar o Mato Grosso do Sul, aos 17 anos, falou isso de novo e respondi: "Eu não sou, não, mas o dia em que for, o Brasil inteiro vai saber". A praga pegou. Na adolescência, sentia atração por homens, sem ir adiante. Até ali só havia tido relação com mulheres. Aos 20, época em que trabalhava em um laboratório em Brasília, experimentei a primeira relação homossexual.

Acredita que sua postura livre no palco tenha ajudado pessoas a assumir sua sexualidade? Nunca tive a intenção de tirar ninguém do armário, mas acredito que aconteça, sim. As roupas e a pintura no rosto, na verdade, eram

uma forma de me proteger, preservando minha identidade. Lembro que saí de um show no Maracanãzinho e, no dia seguinte, estava na praia à vontade, ouvindo falarem de mim, sem ser reconhecido. Aquilo me transformava em uma espécie de super-homem.

Quais loucuras cometeu em seus anos mais transgressores? Realizei a minha sexualidade plenamente. Cheguei a transar com quinze pessoas ao mesmo tempo. Virava uma confusão, uma enorme brincadeira. Houve ainda uma época em que olhava para a plateia e desenvolvia uma relação quase sexual com ela. Tinha vontade de transar com toda aquela gente. Claro que isso não se concretizava. Fora dali, eu era fácil, fácil. Se alguém se aproximasse com vontade e eu me sentisse atraído, não perguntava nem o nome.

Já foram listadas cerca de setenta identidades de gênero. O senhor se reconhece em algum desses escaninhos? Não faço ideia do que querem dizer exatamente termos como fluido, não binário ou cisgênero. Sou do sexo masculino. Gosto de ter pelo, pau e de ser homem. E isso não é obstáculo para nada na minha vida. Nunca me encaixei em rótulos, mas defendo a liberdade sexual. Durante boa parte da minha vida, transei com homens e mulheres.

Afinal, é homem com H? Sim. Sou honesto, íntegro e defensor do que é verdadeiro. Isso é ser homem com H.

Em um show dos Secos & Molhados chegou a ser xingado de bicha. O preconceito ainda pesa? Antes era velado, agora ele é explícito, incitado. Nos últimos anos, vimos o conservadorismo ganhar sustentação no país. Lá atrás, quando estava cantando num clube rico de São Paulo e me chamaram de bicha, fiz uma pose linda e falei: "Vão tomar no c...". Muita gente na plateia começou a bater palma. Entendi ali que nunca poderia ter medo.

Como um grupo tão transgressor como o Secos & Molhados conseguiu se lançar em plena ditadura? Nem eu sei. Havia muita incoerência na época. Algumas músicas adaptadas de poemas, como *Rosa de Hiroshima,* do Vinicius de Moraes, passavam sem problemas. Outras, como *Vou-me Embora pra Pasárgada,* de Manuel Bandeira, foram barradas pelos censores, que viam nelas uma apologia

"Cheguei a transar com quinze pessoas ao mesmo tempo. Eu era fácil, fácil. Se alguém se aproximasse com vontade e eu me sentisse atraído, não perguntava nem o nome"

às drogas. Também tivemos problemas em shows. Em Brasília, a mulher de um militar queria que eu usasse camisa numa apresentação. Peitei: “Esse figurino não dá. Se tiver que vestir, vou embora, e a plateia depreda tudo”. Fiz a apresentação até o fim, mas, assim como Rita Lee, Caetano Veloso e Gilberto Gil, fiquei uns anos proibido de me exibir no Distrito Federal.

O senhor já foi criticado por não dar apoio a candidatos. Por que não se mete com política? E eu sou obrigado? Os políticos não me convencem. Prefiro ser *free,* sabe? Votar em quem eu quero e quando quero, sem envolvimento com a vida partidária.

Por que tece críticas à Lei Rouanet? A única vez que cogitei recorrer ao benefício tive uma péssima experiência. Entendo que leis como esta dão certo em várias partes do mundo, mas aqui vi casos em que ela foi desvirtuada e contaminada. Cheguei a me encontrar com um integrante do Ministério de Minas e Energia, que disse que me daria 200 000 reais para um projeto, com a condição de eu reservar para ele uma porcentagem do valor. Fui embora. A questão não é a lei, é a forma como se utilizam dela.

Seu nome ascendeu ao rol dos assuntos mais comentados nas redes por um motivo curioso: em 2021, uma foto de seu pênis foi parar no Instagram. Cogitou negar que o

nude fosse seu? Nunca. Até me orientaram a dizer que tinha sido clonado, mas jamais faria isso. Estava flertando com alguém, que me mandava fotos e eu enviava de volta. Percebi quase imediatamente que tinha postado errado, e logo começaram a me ligar. Sei que nunca mais vai sair da internet, mas não fico constrangido. Espero que façam bom uso.

Sua presença foi confirmada no Rio2C, o grande evento de inovação no Rio de Janeiro. Como lida com a tecnologia? Vou falar sobre a minha história e a do Secos & Molhados. Mal sei mexer nas redes, mas faço questão de gerenciar meu Instagram. Não gosto de falar por aplicativo e me recusei a fazer shows virtuais na pandemia. Embora reconheça a importância da tecnologia, sou do olho no olho, do contato.

Foi vítima de *fake news?* Sim, e muito antes dessa febre na internet. Espalharam que minha voz era fina porque tinha sido castrado em um acidente de carro. Isso virou verdade absoluta.

Como consegue manter tamanha energia no palco aos 82 anos? Sempre fui regrado. Como pouco e me exercito. Faço musculação em casa e já cheguei a me pesar todos os dias, mas desencanei. Meu parâmetro é uma calça de veludo roxa que o Cazuza me deu. Se ela serve, estou bem. A vitalidade também está ligada à mente. Subo no palco pen-

sando que sou o dono da coisa toda e confio que meu corpo vai obedecer.

Envelhecer o assusta? Nunca me assustou. Acredito em crenças budistas sobre a vida após isto aqui.

A vida sexual continua a ter um peso essencial? Sempre teve e segue assim. Lá pelos 30, 40 anos, cheguei a ficar viciado em sexo. Tinha que transar todo dia para conseguir dormir. Hoje, vivo um relacionamento com uma pessoa de fora do Rio e consigo me guardar para ela.

Pensa em se aposentar? Só quando eu for impedido de trabalhar. A felicidade, para mim, está no palco. ■

IMAGEM DA SEMANA

SOMBRAS NO FUTURO DO REGIME

COMO MANDA o figurino de regimes autoritários, na costura da mão de ferro com o populismo, **o Irã velou o presidente Ebrahim Raisi com grande comoção pública.** Milhares de pessoas prestigiaram o cortejo, que passou por quatro cidades, empunhando fotos e cartazes do líder ultraortodoxo morto em um acidente de

FAISAL KHAN/NURPHOTO/GETTY IMAGES

helicóptero, no domingo 19. O choro e as orações, porém, são moldura frágil das incertezas em torno do episódio. A primeira delas, relacionada à queda da aeronave, que cruzou a fronteira com o Azerbaijão sob intensa neblina. Israel, recentemente atacado pelos persas, se apressou em negar qualquer envolvimento no caso. As autoridades iranianas culparam o embargo americano, que não teria permitido a reposição de peças da aeronave, em evidente *boutade.* A maior dúvida, contudo, ronda o futuro do regime xiita. Raisi era apontado como o sucessor de Ali Khamenei, o aiatolá de 85 anos que comanda o país. Juiz de formação, ele conquistara a confiança do líder supremo depois de condenar à morte 5 000 opositores da Revolução Islâmica, no final dos anos 1980, o que lhe rendeu o apelido de "carniceiro de Teerã". A sucessão ocorrerá no momento em que a comunidade internacional se esforça para impedir que a guerra na Faixa de Gaza se espalhe pelo Oriente Médio. Novas eleições já foram convocadas para 28 de junho. Até lá diversos personagens tentarão se credenciar junto a Khamenei, incluindo seu filho Mojtaba, gatilho para uma nova dinastia na região. Não há sinal de moderação no horizonte. ■

Amanda Péchy

“SÓ NÃO ME FAÇA DANÇAR”

O embaixador da Coreia do Sul no Brasil, de 59 anos, diz que se sente em casa numa roda de samba e confessa que gostou quando os vídeos de suas cantorias viralizaram

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA COREIA

EU SAMBO, SIM Lim, conhecido aqui como Guilherme Lima: “A música aproxima”

Como descobriu os ritmos brasileiros? Escuto samba e pagode desde jovem, na Coreia. Quando assumi a embaixada no Brasil, comecei a aprender português, e cantar me ajudou muito. Fico mais alegre, relaxado, memorizando o som e o significado das letras. Essas canções passaram a fazer parte da minha vida.

Entende tudo? Português é difícil para um coreano. As estruturas das duas línguas são completamente diferentes. Mas, como escuto o mesmo samba várias vezes, eu acabo entendendo quase tudo o que está lá.

Esperava a repercussão dos vídeos? Nem sabia que estavam nas redes. Não sou bom nisso. Gente que nem conheço viu, postou, e confesso que gostei da repercussão. Para quem quiser ver ao vivo, aliás, vou cantar no Clube do Choro, em Brasília, no dia 4 de junho.

O que mais escuta, além de samba e pagode? Adoro *Cheia de Manias,* do Raça Negra. Conheci pessoalmente o cantor, o Luiz Carlos, e até bebemos juntos. Também aprecio sertanejos e o funk de Anitta e Ludmilla. Só não me faça dançar daquela maneira. Para mim, é outro planeta. Coreanos não têm esse jeito. Vão para o karaokê e praticamente não se mexem.

Além da música, se identifica com outros aspectos da cultura local? Estou assimilando esse modo de viver dos

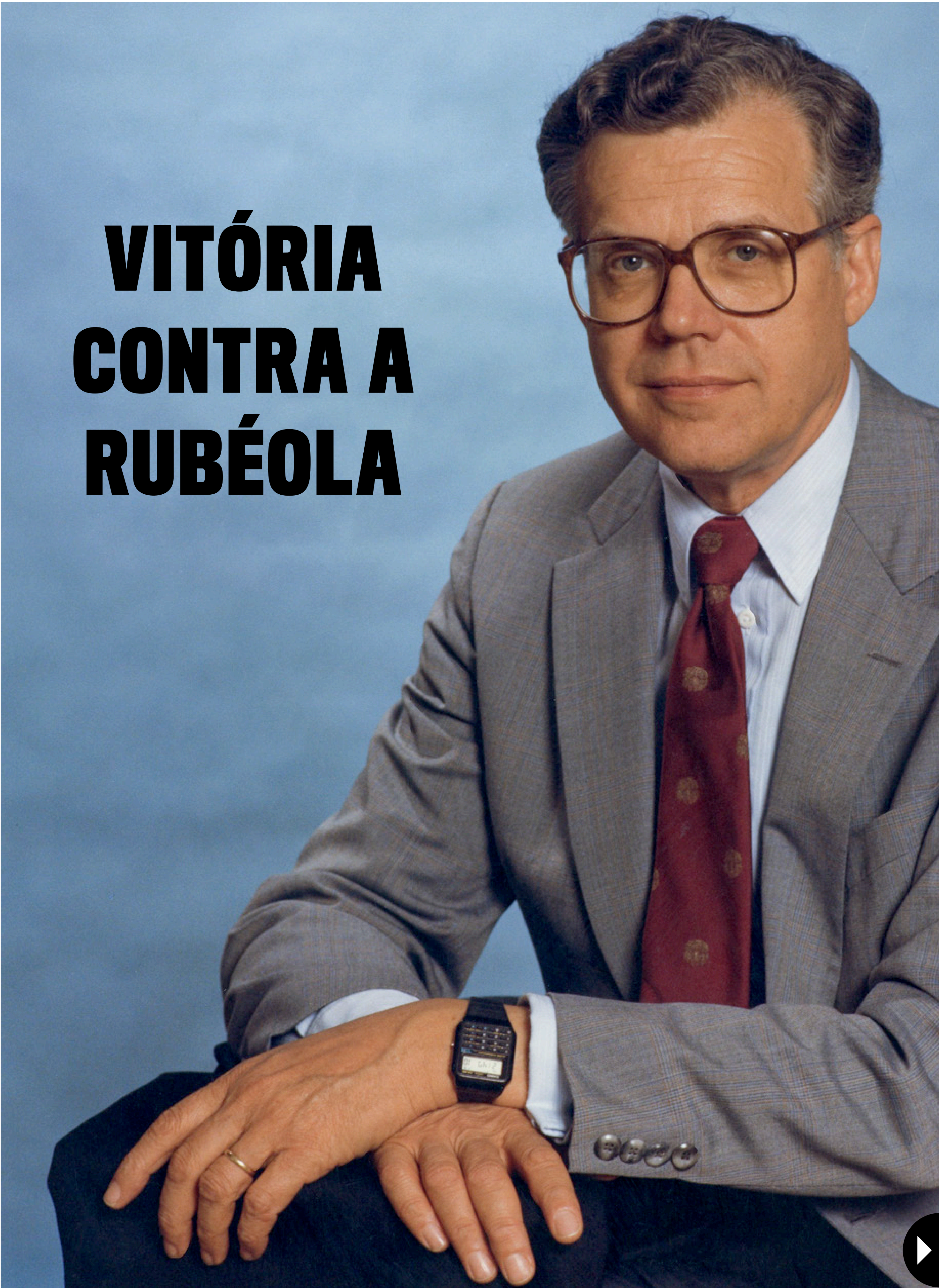
brasileiros, mais extrovertido, convivendo o tempo todo com as pessoas. Por outro lado, tenho comigo um hábito bem coreano, de saber aproveitar o tempo sozinho.

Como escolheu seu nome brasileiro? Meu primeiro nome é Ki-mo e meu sobrenome, Lim. O que fiz foi abrasileirar para Guilherme Lima. Achei parecido.

É fã do k-pop? Muito. Gosto da liberdade contida no k-pop, a mesma que vejo no samba e no pagode. Todos esses ritmos guardam, inclusive, semelhanças nos temas. Acho que os brasileiros têm aí um instrumento de *soft power* que podem disseminar. Tenho certeza de que as pessoas vão entender e amar mais o Brasil a partir dessas canções.

Samba combina com diplomacia? O samba pode ser útil à diplomacia, sim. No G20, evento global do qual vou participar, seria ótimo que tocassem, por exemplo, *O Bem,* de Arlindo Cruz. "*O bem é o verdadeiro amigo / É quem dá o abrigo / É quem estende a mão.*" Estamos precisando de mensagens de paz. ■

Paula Freitas

VITÓRIA CONTRA A RUBÉOLA

FDA HISTORY OFFICE

No início dos anos 1960, a rubéola era considerada uma doença viral inofensiva, embora fosse altamente contagiosa. Não se dava muita atenção às manchas vermelhas associadas a sintomas de gripe ou resfriado. Não demorou, contudo, para que fossem detectados os riscos na gravidez, atalho para a malformação do feto. O desenvolvimento de uma vacina se tornou compulsório. A equipe de **Paul Parkman,** que trabalhava para o corpo médico do Exército dos Estados Unidos, dedicou-se então à empreitada. De mãos dadas com um grupo de Harvard, chegaram enfim ao imunizante tão sonhado. “Poucas pessoas estão entre as que fizeram avançar de modo tão direto o bem-estar da humanidade, ao salvar vidas e levar esperança ao mundo”, disse o presidente americano Lyndon Johnson, em 1966, a respeito da iniciativa de Parkman. Ele morreu em 7 de maio, aos 91 anos. Em muitos países do mundo, com ampla cobertura vacinal, inclusive o Brasil, a rubéola é enfermidade erradicada.

CIÊNCIA Paul Parkman: dedicação ao imunizante, no início dos anos 1960

O CINEMA COMO MOVIMENTO

O cineasta paulistano **Toni Venturi** dedicava-se com igual empenho aos filmes que dirigia e ao ativismo político na defesa de sua categoria — nos anos 2000, como presidente da Associação Paulista de Cineastas, teve papel crucial na luta por melhores salários, por mais verba para as produções e por respeito. Zelava também pela minúcia em um novo capítulo de discussões — a remuneração, por audiência, das obras exibidas nos canais de streaming. Como diretor, fez os aplaudidos *Latitude Zero* (2002), *Cabra-Cega* (2005) e *A Comédia Divina* (2017). Ele morreu no dia 18, depois de passar mal em uma praia do Litoral Norte de São Paulo.

OLHAR IMAGINARIO/AFP

ECLETISMO Toni Venturi: diretor e ativista em nome da categoria artística

JIM BRITT/GETTY IMAGES

ENFEZADO Dabney Coleman: o diretor de TV safado de *Tootsie* (1982)

O VILÃO DE PLANTÃO

Era preciso um ator convincente em Hollywood para o papel de vilão com pinta de gente boa? Bastava chamar **Dabney Coleman.** Ele foi o mandachuva turrão que Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton queriam matar em *Como Eliminar seu Chefe* (1980), o diretor de televisão safado de *Tootsie* (1982) e o pai mulherengo de Tom Hanks em *Mensagem para Você* (1998). Coleman morreu em 16 de maio, aos 92 anos.

PIONEIRO O australiano Frank Ifield, de estilo country: sucesso no início dos anos 1960 nas paradas britânicas

A VIDA ANTES DOS BEATLES

Pode não parecer, não é o que a história da música pop costuma apresentar, mas houve vida antes dos Beatles — antes de o quarteto de Liverpool vir ao mundo, com o sucesso bobinho de *Love Me Do*, de 1963, e *I Wanna Hold Your Hand*, de 1964. Convém ir ao Spotify para ouvir as canções ao estilo country do australiano radicado em Londres **Frank Ifield:** *I Remember You*, *Lovesick Blues* e *Wayward Wind*. Antes dele, apenas Elvis Presley tinha alcançado o topo das paradas de sucesso britânicas com três trabalhos consecutivos. E então vieram John, Paul, George e Ringo. Antes da explosão universal, da beatlemania, eles chegaram a abrir um show de Ifield — sem um centavo sequer de pagamento. Ele morreu em 18 de maio, aos 86 anos, em Sydney, na Austrália. ■

ESTA EDIÇÃO DE VEJA FECHOU QUINTA-FEIRA, ÀS 19H10.

PARA DESDOBRAMENTO DOS FATOS E ÚLTIMAS NOTÍCIAS, ACESSE:

Aponte a câmera do celular para o código ao lado e leia sobre os últimos acontecimentos do Brasil e do mundo .

veja.com.br

Nas bancas
No site
No app
E na sua casa

FERNANDO SCHÜLER

VIVA E DEIXE VIVER

DAVID BROOKS é um tipo que gosto de ler. Escreve uma coluna imensa, toda semana, no *The New York Times,* e sempre o vi como um mestre do *common sense*, naquela grande democracia. Nos últimos tempos, ele mudou um pouco o tom. Em um artigo recente, sugere que a "luta central", do nosso tempo, é entre o "liberalismo e o autoritarismo". Ótimo. Quem rejeitaria uma tese bacana como essa? O problema é o tom. Algo do tipo "nós, os liberais, os gentis, os tolerantes, os bem-educados", contra essa gente perigosa, que vai do Putin até seu arqui-inimigo Trump. Brooks incomoda-se ao ver Trump ir bem nas pesquisas, prenúncio de que, mais uma vez, toda a beleza do liberalismo, tolerante, aberto às diferenças, pode estar indo ladeira abaixo. Vi um certo paradoxo aí. Me lembrou de uma postagem que li, de um intelectual bacana, chamando de "fascista" um sujeito delirante que sugeriu que a China estava por trás das enchentes no Rio Grande do Sul. "Põe a PF pra cima dele!", terminava o post, com um ponto de exclamação.

É possível que o paradoxo venha da própria ideia liberal. Sua origem remonta ao século XVI, quando um punhado de intelectuais europeus começou a se dar conta de que ou acei-

távamos o fato evidente que há uma fratura, que as pessoas pensam de maneira diferente, ou viveremos em guerra. Foi essa a conclusão a que chegou um humanista francês, Sebastian Castellio, que por volta de 1560 escreveu um livro hoje esquecido, chamado *Conselhos a uma França Desolada*. A França andava desolada por causa da guerra religiosa entre católicos e protestantes. Era uma guerra muito mais radical e violenta do que a briga entre Biden e Trump, na qual Brooks está metido. Uma guerra que Castellio considerava estúpida e para a qual só via uma solução: a tolerância religiosa. O conceito que está na raiz do pensamento liberal e, diria, da própria modernidade: que há ideias e tipos "insuportáveis" por todos os lados, mas que, por absurda que seja, não poderemos mandar essa gente para a fogueira. Ou, numa versão mais amena e civilizada, "pôr a PF pra cima" deles.

O lado paradoxal dessa longa história é o que eu chamaria de "princípio McCain". Ele vem de uma resposta dada pelo então candidato republicano, John McCain, na campanha de 2008, quando uma senhora fazia acusações morais contra Obama. "Não, minha senhora", cortou McCain, "ele é um cidadão decente" com o qual tenho divergências, e "é apenas disso que se trata esta campanha". A sútil distinção está ali: a eleitora conduzia a diferença para o terreno ético. Diria: da "insuportabilidade". McCain, para o terreno simples da dualidade liberal: ele pensa de um modo distinto, mas sua forma de pensar é tão legítima quanto a minha. Brooks vê o paradoxo de um modo diferente. "Ao pôr tanta ênfase nas esco-

“GRANDE HISTÓRIA” Svetlana Aleksiévitch: retrato do vazio soviético

lhas individuais”, diz, “o liberalismo afrouxa os laços sociais”. Deixa as pessoas “espiritualmente inquietas”. De modo que elas tendem a buscar na política uma forma de “suprir o vazio moral e existencial”. Daí o tribalismo, as visões totalizantes, da política, que levam ao bate-boca permanente.

Brooks vê um problema existencial no liberalismo. Boas regras são importantes, assim como a neutralidade do Estado. Mas há um preço a pagar. Deixa de lado o desejo das pessoas de fazer parte de alguma “ordem transcendente”.

HENDRIK SCHMIDT/DPA/GETTY IMAGES

“Renunciar à ‘guerra’ não é covardia. É um ato de civilidade”

Seja ética, seja religiosa ou ideológica. Algo que uma sociedade liberal não teria como oferecer. Lendo isso me lembrei do melancólico livro de Svetlana Aleksiévitch, *O Fim do Homem Soviético*. Uma obra de memória sobre o imenso sentimento de vazio que tomou conta das pessoas quando o mundo soviético desmoronou. Um mundo monstruoso, sob muitos aspectos, mas no qual havia uma “grande história” sendo contada, “da qual de algum modo fazíamos parte”. Reside aí o contraste: nas sociedades liberais, é possível que uma “grande história” sirva quando muito como pano de fundo. Mas o que conta são as histórias, infinitas, de altos e baixos existenciais, que forjam a arte da vida.

Os anos recentes tornaram o desafio liberal complicado. Diria que passamos por uma “crise pelo excesso”. Um enorme contingente de pessoas saiu do modo “passivo” para o “ativo” na esfera pública. O resultado é a cacofonia coletiva. A tecnologia reduziu os custos de intervenção pública. O que antes era exercido por meio de um partido ou sindicato

passou a ser feito diretamente, de modo desordenado. Há um lado bom nisso tudo, mas gera uma sensação de mal-estar. O mal-estar que frequentemente chamamos de "crise" das democracias. Ao lado da cacofonia, há o surto de intolerância. E isso, lamento dizer, não vem de Putin ou Trump, como sugere Brooks. Vem de nós mesmos. Vem do sujeito que quer "pôr a PF pra cima" de quem pensa de um jeito "absurdo". Vem dos disciplinadores da linguagem, dos tribunais que se metem a "curadores" da sociedade, e de todos, à esquerda e à direita, que querem usar a "força para mover a consciência". Aquilo que, um dia, há mais de quatro séculos, Castellio descobriu que não era desejável.

Brooks diz que precisamos de novos líderes ao estilo de Roosevelt ou Reagan, capazes de dialogar com nossos "anseios mais profundos". Não é por aí. Não são líderes eloquentes que darão às pessoas alguma razão existencial. Em uma sociedade liberal, não apenas a informação e a verdade, mas também a ideia de "sentido" anda espalhada. Cabe a cada um fazer sua própria "busca da felicidade", como escreveram os pais fundadores na Constituição Americana. Sabe quem eles liam? Milton, Locke e os herdeiros de Castellio. Quanto à intolerância generalizada, o máximo que podemos fazer é andar na contramão. Quando a invenção de Gutenberg espalhou livros e entregou poder às pessoas, as coisas foram mais complicadas. Passamos dois séculos em guerra, até aprender a lição simples da tradição liberal, que frequentemente esquecemos.

Acho ótimo viver em uma sociedade liberal, cuja máxima, na observação de Alexandre Lefebvre, é "viva e deixe viver". Seja cordial, trate os outros com respeito, contribua com a comunidade e tente fixar alguns objetivos pessoais. É quase tudo o que podemos fazer. Se seu vizinho for um cara de "direita", o.k. Se a colega do beach tennis é de "esquerda", o.k. Muita gente se irrita com isso, talvez por achar que renunciar à "guerra" seja covardia. Não é. É um ato de civilidade. Fique furioso, isso sim, se qualquer um, na sociedade ou em uma posição de poder, quiser controlar a regra do jogo. Reaja, pois essa deve ser neutra e impessoal, como o fundamento primeiro de nossa liberdade. No mais, lembre da frase de Lefebvre. Viva e deixe viver. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

JOSÉ DIRCEU

A Segunda Turma do STF decidiu extinguir a pena do ex-ministro em uma condenação por corrupção passiva no âmbito da Operação Lava-Jato.

MACHADO DE ASSIS

Brás Cubas, um dos clássicos do escritor, entrou para a lista dos livros mais vendidos na Amazon dos Estados Unidos após uma influenciadora rasgar elogios à obra no TikTok.

VICTORIA'S SECRET

A grife americana anunciou que vai ocorrer até o fim de 2024 o retorno de seu badalado desfile de lingerie, após intervalo de cinco anos.

DESCE

PEC DO QUINQUÊNIO

Fiador da pauta-bomba com novos benefícios a categorias como a dos juízes, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, diz agora que ela passará por nova avaliação de impacto financeiro. Antes tarde do que nunca.

FRANCISCO CEZÁRIO

O presidente da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul foi preso no curso de uma investigação de desvios de dinheiro na entidade.

BELO

A Justiça penhorou cachês do cantor para garantir a quitação de uma dívida de 1 milhão de reais.

VEJA ESSA

INSTAGRAM @GIORGIAMELONI

"Faço isso porque quero perguntar aos italianos se estão satisfeitos com o trabalho que estamos fazendo na Itália e na Europa."

GIORGIA MELONI, primeira-ministra da Itália, que anunciou sua candidatura a deputada pelo Parlamento europeu, em pleito que acontecerá em junho

“Emmanuel, não podemos acreditar nisso, em fingir que haverá algum tipo de cessar-fogo. Em primeiro lugar, nós não confiamos em Putin. Em segundo, ele não vai retirar suas tropas.”

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia, ao revelar a negativa dada ao presidente da França, Macron, que sugeriu uma trégua durante a Olimpíada de Paris

“Em nenhum momento passou pela minha cabeça ligar para o ministro Paulo Guedes para falar que eu achava que o *guidance* ia mudar para A, B ou C. Nunca fiz isso no governo anterior e com certeza não planejo fazer neste.”

ROBERTO CAMPOS NETO, presidente do Banco Central, garantindo nunca ter avisado aos governos sobre mudança de orientação em relação aos juros, já que o BC é autônomo

“É uma crise humanitária em Gaza, é por isso que eu pedi um cessar-fogo imediato.”

JOE BIDEN, presidente dos Estados Unidos

“Tudo o que nós não precisávamos nesse momento é de um gesto que, na prática, politiza algo que deveria estar sendo construído com generosidade, harmonia e desprendimento.”

AÉCIO NEVES, deputado federal pelo PSDB-MG, em torno da nomeação de Paulo Pimenta para coordenar o socorro ao Rio Grande do Sul, em entrevista ao programa *Três Poderes*, de VEJA

“Livrai-nos de todo o mal.”

MICHELLE BOLSONARO, ex-primeira-dama, ao criticar uma decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF, que liberou um método de aborto — para casos muito específicos e autorizados pela Justiça — que tinha sido proibido pelo Conselho Federal de Medicina (CFM)

“É impossível fazer comédia e atender a todas as pautas.”

MARCELO MÉDICI, humorista

“Não é banal ser filho do Caetano e sobrinho da Bethânia.”

MORENO VELOSO, cantor e compositor de carreira consolidada

“É bom. Normalmente fazem quando o cara morre. Vão fazer em vida, né?”

CÁSSIO, ex-goleiro do Corinthians, na cerimônia de despedida em que foi anunciada a construção de um busto na sede do clube, em São Paulo

“Acho que foi uma das emoções mais fortes que senti, apesar de estar sozinho na pista e nem mesmo correndo. Foi incrível.”

SEBASTIAN VETTEL, ex-piloto alemão de F1, ao dar uma volta no circuito de Ímola com a McLaren MP4/8 dirigida por Ayrton Senna. O gesto foi uma homenagem ao brasileiro, que morreu há trinta anos

“Estou chocada.”

SCARLETT JOHANSSON, atriz, ao exigir explicações sobre o uso de sua voz – como no filme *Ela* – pelo ChatGPT *(leia a reportagem “Disputa pelo futuro”)*

"Tal como Capitu... Olhos de cigana, oblíqua, dissimulada."

MELL MUZZILLO, atriz, a Ritinha da novela *Renascer*, em suas redes sociais

INSTAGRAM @MELLMUZZILLO

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia
e Nicholas Shores

Perigo à vista

Em novembro de 2025, Belém receberá 140 chefes de Estado na abertura da COP30. Como ocorre em eventos globais com tantos líderes, o planejamento de segurança contra ações terroristas é uma prioridade. **Lula,** no entanto, até agora não envolveu a elite militar do país na conferência. Os **comandantes das Forças Armadas** já alertaram o Planalto, mas nada acontece.

TIRO NO PÉ Lula e militares: o governo deixou as Forças Armadas fora da COP30

RICARDO STUCKERT/PR

Chama o reforço

Até o momento, o plano de segurança da COP30 envolve a ampliação do efetivo da PM paraense. Sem a inteligência militar, oficiais das Forças Armadas dizem que isso é insuficiente.

Tudo no jeitinho

O Ministério da Defesa tem realizado reuniões sobre a situação. "O receio é de que tudo seja feito de última hora, sem tempo para um trabalho adequado", diz um general do Exército.

Ficou na promessa

Três meses atrás, Lula ofereceu uísque a aliados no Alvorada e prometeu receber os parlamentares mais vezes. Até agora, só recebeu Gleisi Hoffmann e Rogério Carvalho, ambos petistas.

Falta pluralidade

Um ministro de Lula lamenta essa falha: "Até para ajudar o Haddad nas votações do Congresso, seria bom que Lula ouvisse mais aliados de centro".

Mais cedo

Aliados reclamam da jornada mais curta de Lula. Terça (21) e quarta (22), dias de Congresso cheio, o último compromisso do petista foi às 16h.

Dando um tempo

A relação entre Rui Costa e seu padrinho Jaques Wagner anda desgastada. "Rui é bruto até na forma de falar", diz um interlocutor da dupla.

Na minha conta

Numa reunião com prefeitos do RS, nesta semana, minis-

tros de Lula ficaram incrédulos quando um gestor ofereceu o Pix pessoal para receber recursos federais. “Presto conta de tudo direitinho”, garantiu o esperto.

Quem avisa amigo é

Diante da situação, Jader Filho, ministro das Cidades, deu um alerta: “Sejam rigorosos. Depois do desastre, virão os órgãos de controle”.

Cenário preocupante

Dados do governo mostram que o RS, muito antes da tragédia, já era o estado com maior número de suicídios no país. A preocupação aumentou.

Bom é viajar...

Até o fim do ano, Lula deve viajar a sete países, entre eles a Rússia, onde encontrará com Vladimir Putin, na reunião do Brics, em outubro.

Passaporte carimbado

Em junho, o petista vai à Itália para encontro do G7. Em agosto, irá ao Paraguai para reunião do Mercosul, e, na sequência, Bolívia e Chile.

Ufa...

Em setembro, Lula irá aos Estados Unidos para a Assembleia Geral da ONU. E, em novembro, pouco antes da Cúpula do G20 no Rio, deve participar de reuniões no Peru.

Pragas do apocalipse

O discurso de Lula na ONU, aliás, vai abordar mudanças climáticas, as guerras e agendas do G20, entre outros temas em definição no Itamaraty.

CPF de solteira

Quando casou, a primeira-

dama Janja virou publicamente Rosângela Lula da Silva. No cadastro do governo, no entanto, ela segue com o nome de solteira.

O dono sou eu

Tarcísio de Freitas e Gilberto Kassab tiveram uma conversa dura, recentemente, sobre emendas do governo. Freitas vai agora controlar o caixa.

A ministra avisou

O MPF acaba de abrir inquérito para investigar a "destruição dos ecossistemas da Volta Grande do Xingu provocados pela Usina de Belo Monte".

Patrimônio em risco

Uma das tantas joias arquitetônicas de Roma, o **Palazzo Pamphili,** sede da Em-

DIVULGAÇÃO

PRECÁRIO Palazzo Pamphili: a sede da embaixada em Roma sofre com o abandono

baixada do Brasil, enfrenta um preocupante estado de abandono. A última manutenção na construção barroca de 1644 foi feita ainda no governo FHC. Funcionários relatam riscos de incêndio no lugar. O Itamaraty deve fazer melhorias em breve.

Prepara a mochila

Investigados soltos por Alexandre de Moraes, Sergio Moro absolvido... O bolsonarismo que se prepare. Logo essa calmaria vai acabar. A PF vem aí.

Saudade do Piu-Piu

Anderson Torres até hoje não retomou os passarinhos levados pela PF. Eram 55 aves. Pelo menos dezesseis morreram — e estão congeladas — e uma sumiu.

Pauta do barulho

O STF vai retomar o julgamento do porte de drogas. O pedido de vista termina em junho. Vem confusão por aí.

Poder moderador

Arthur Lira está em alta no STF, depois de ter enterrado projetos do Senado contra a Corte. “Virou o próprio poder moderador”, brinca um ministro.

Ajuda milionária

A Noruega vai depositar em junho a nova doação de 50 milhões de dólares ao Fundo Amazônia.

A arte imita a vida

O gabinete de Luís Roberto Barroso no STF ganhou um quadro do artista Toninho Euzébio. Na obra, a famosa estátua da Justiça

SAMUEL FIGUEIRA/TCU

LUPA Bruno Dantas: o TCU fará devassa em concessões do setor elétrico

aparece descascando um abacaxi com sua espada.

Ótima causa

Febraban, Cosan, Abrainc, ABBC, Multiplan e iFood já aportaram 3 milhões de reais no programa de bolsas do CNJ para jovens negros classificadas no Exame da Magistratura.

Revisão de contratos

O TCU de **Bruno Dantas** fará uma devassa nas concessões do setor elétrico. O tribunal vê “risco de insustentabilidade” nos contratos da Amazonas Energia, Light e Enel Rio e mira vinte concessões que vencerão em 2025. ■

FOI DADA A LARGADA

A mais de dois anos do próximo pleito, já está em curso a maratona de presidenciáveis para ver qual deles chegará na frente como nome forte da oposição em 2026

ADRIANA FERRAZ E **LAÍSA DALL'AGNOL**

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS AI FREEPIK PIKASO; CANVAAI; MARCOS CORRÊA/PR, CLAUBER CLEBER CAETANO/AG BRASIL; DIVULGAÇÃO

FOTOS ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA; ZACK STENCIL/PL BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO; RODRIGO FELIX LEAL/AEN; LUIS EVO/FOLHAPRESS; MARCOS NAGELSTEIN/FOLHAPRESS

CANDIDATOS Tarcísio, Michelle, Caiado, Ratinho, Zema e Leite: problemas de popularidade do atual governo animam o grupo

No universo olímpico, uma maratona tem 42 quilômetros e é vencida pelos campeões em pouco mais de duas horas. No mundo da política brasileira, o melhor exemplo de uma prova de resistência é a atual corrida para definir quem reunirá mais forças para tentar desbancar o candidato de situação ao Palácio do Planalto em 2026, o próprio Lula (ninguém duvida que o presidente tentará a reeleição). Os competidores já deram a largada e agora precisam percorrer mais de dois anos até o pleito. A exemplo do que ocorre no atletismo, neste momento inicial da disputa, o

O INÍCIO DA CORRIDA

Lula tem empate técnico com Bolsonaro e Michelle em simulações de primeiro turno

JAIR BOLSONARO (PL)

38,8%

LULA (PT)

36%

CIRO GOMES (PDT)

8,4%

EDUARDO LEITE (PSDB)

3,4%

HELDER BARBALHO (MDB)

1%

NÃO SABEM/NÃO OPINARAM

5,4%

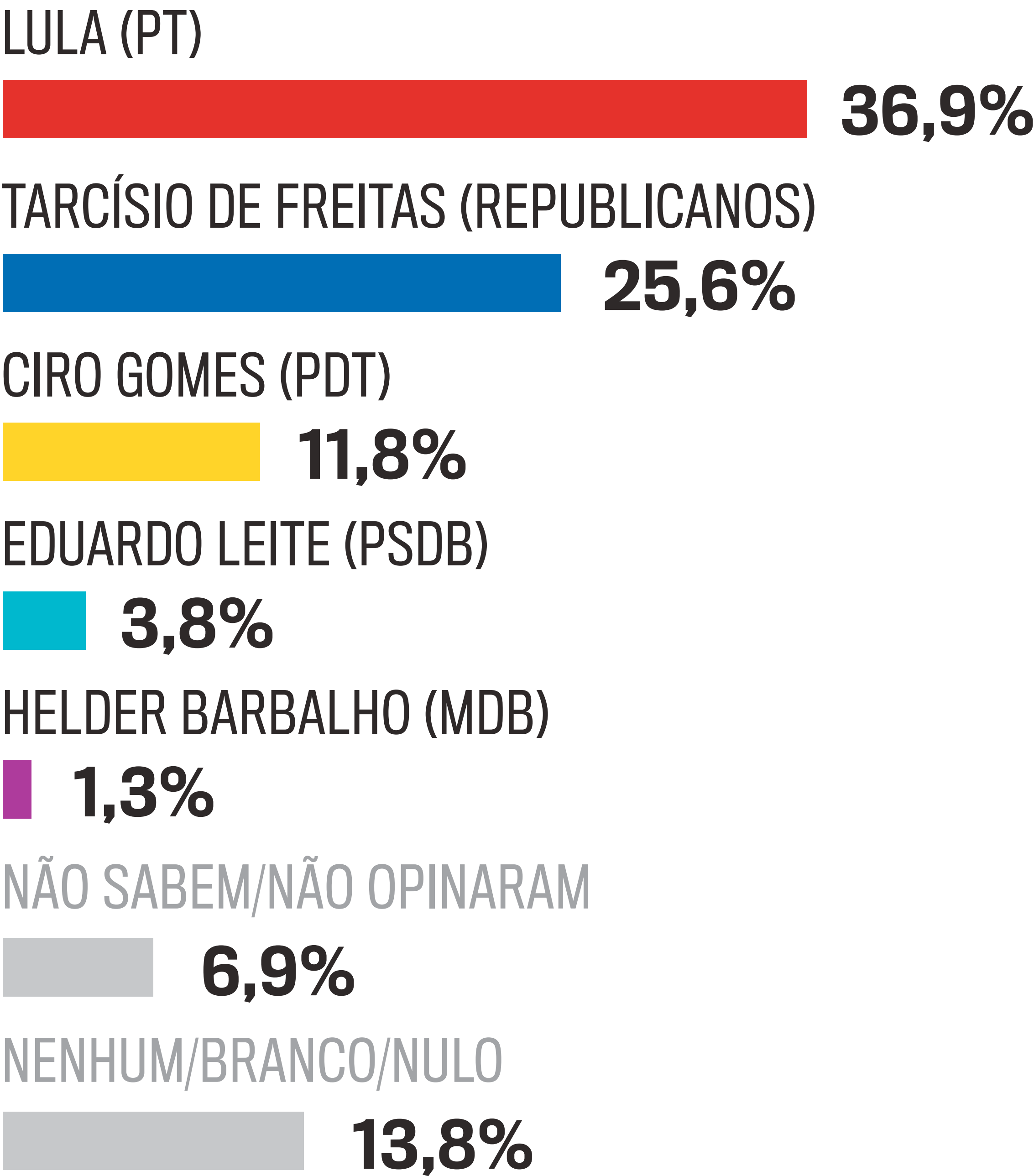
NENHUM/BRANCO/NULO

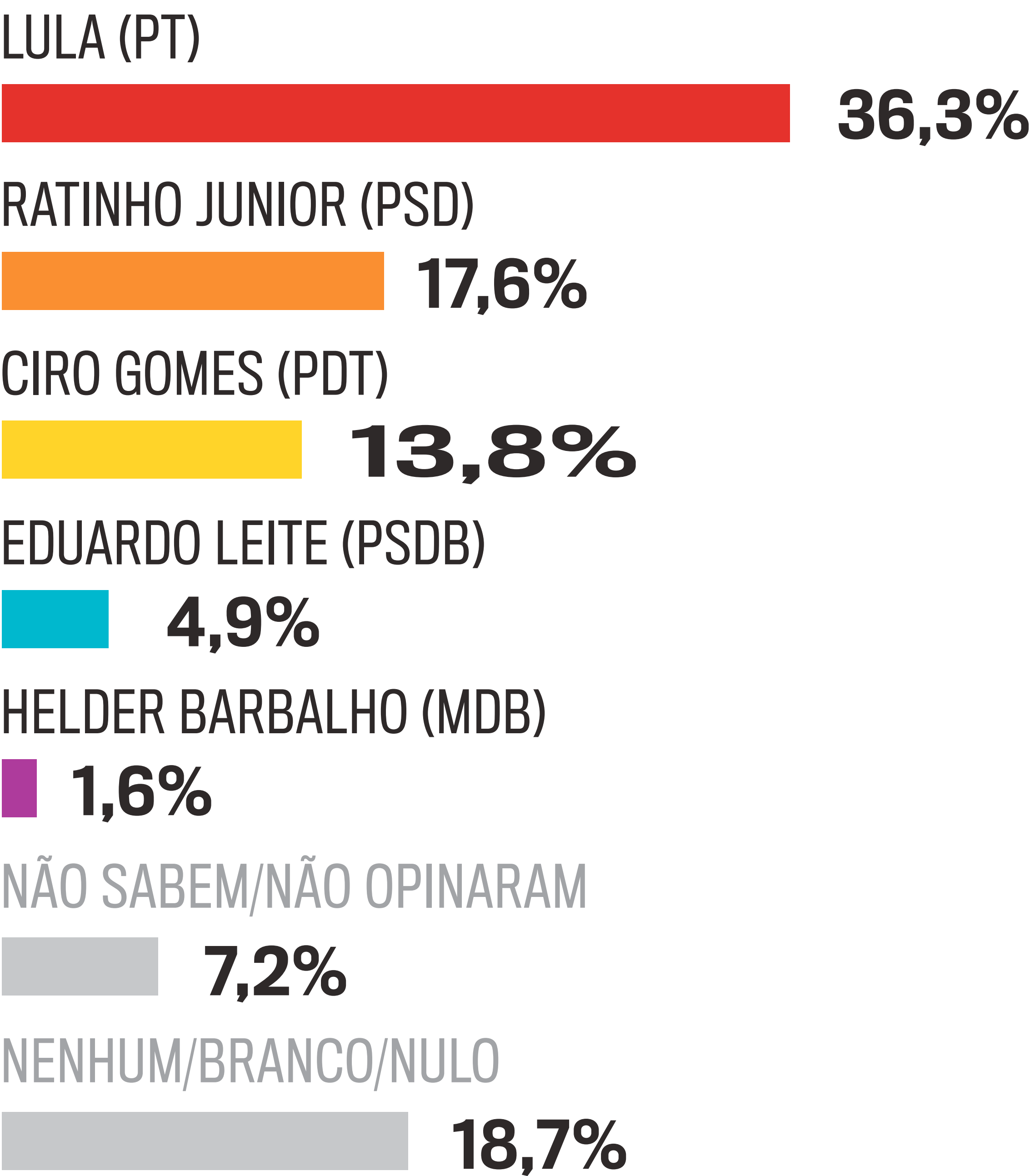
6,9%

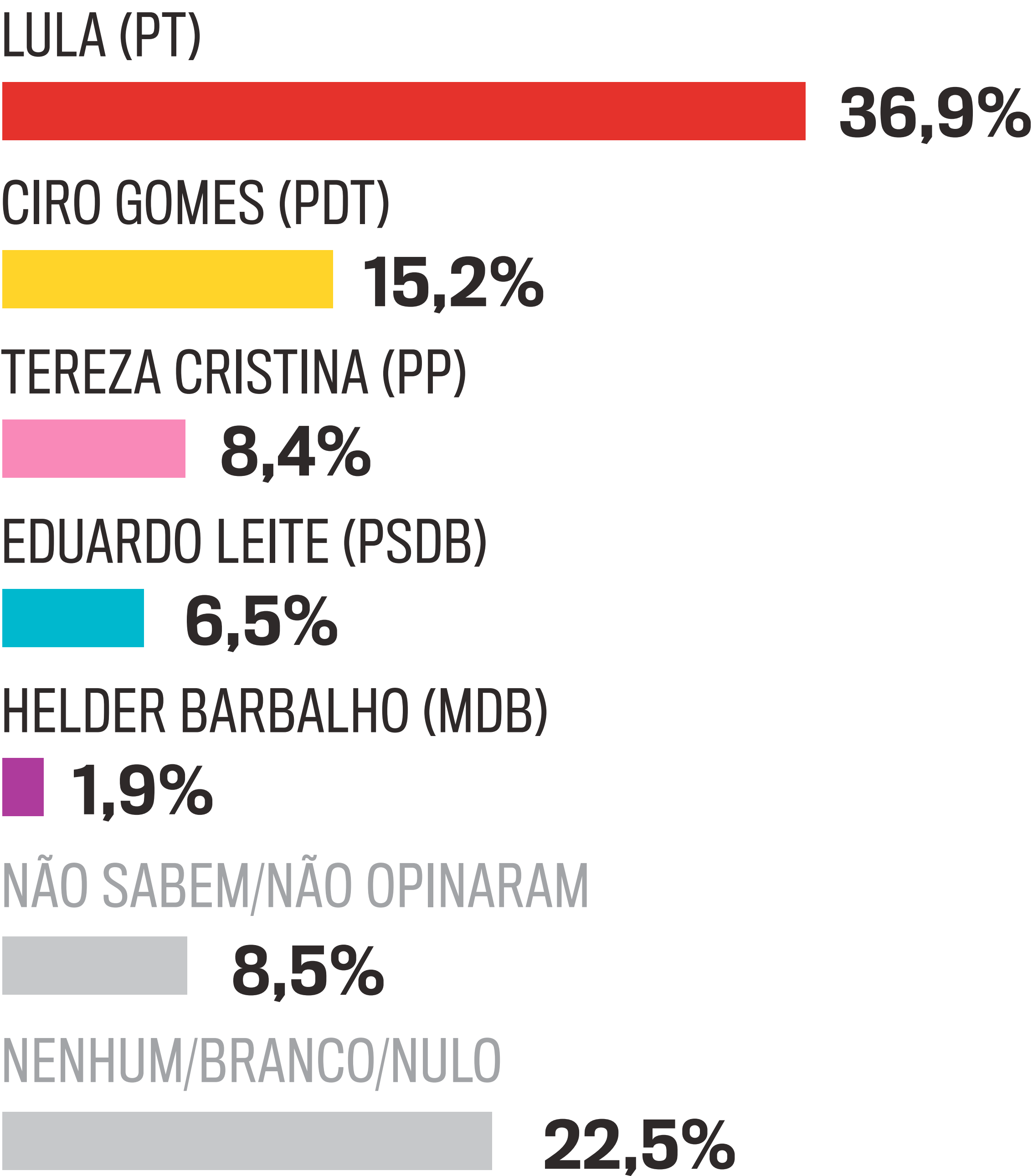
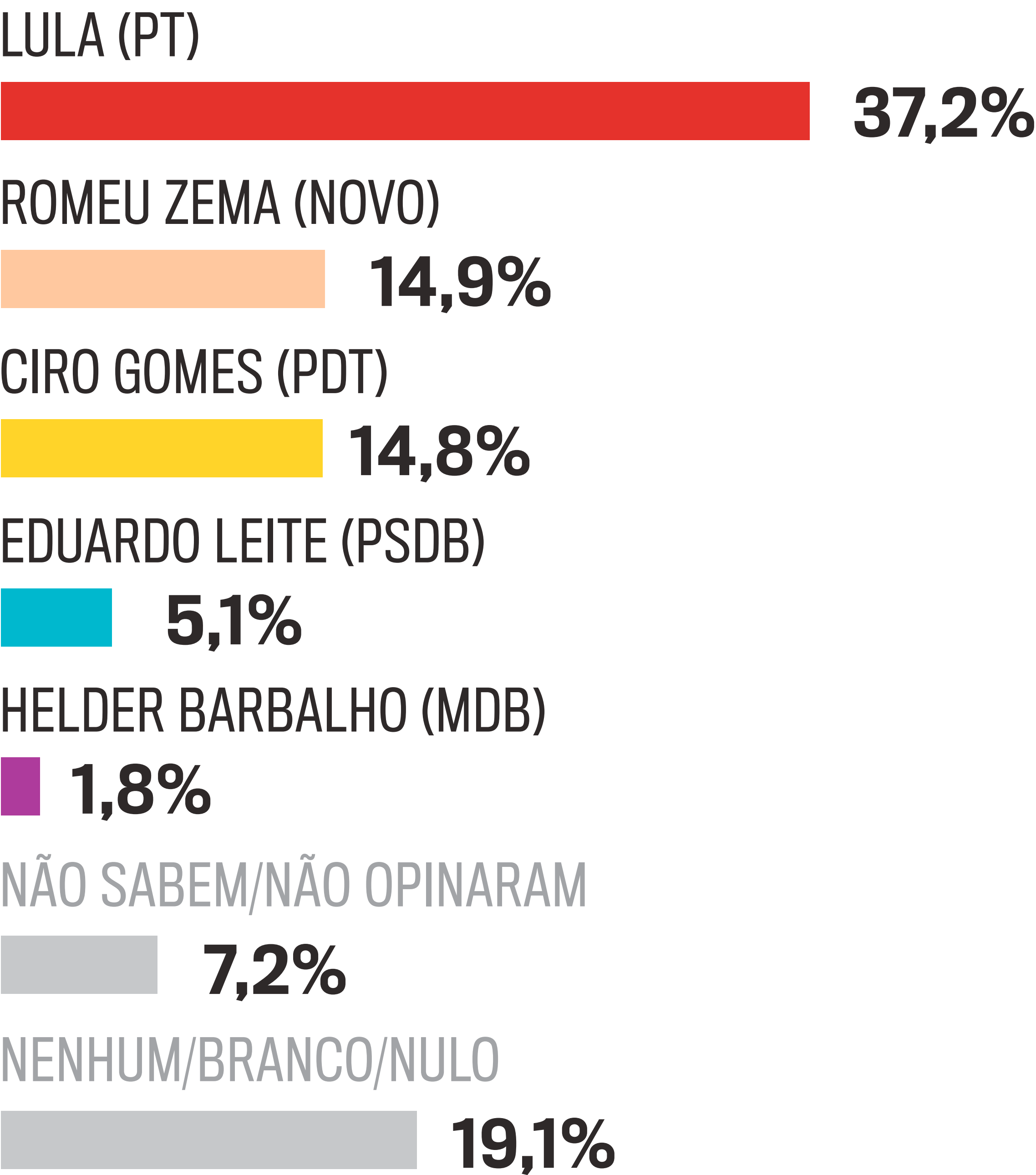
Fonte: *Levantamento Paraná Pesquisas, feito entre 27 de abril e 1º de maio. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais*

pelotão segue meio embolado, sem movimentos de cotoveladas nos rivais. Nos bastidores, formou-se até uma espécie de confraria de oposição. Ela foi oficialmente inaugurada no fim de março, quando cinco governadores e três senadores, além de líderes partidários, reuniram-se pela primeira vez em Brasília para analisar os resultados da eleição passada e traçar cenários para 2026 diante da inelegibilidade de Jair Bolsonaro e de um consenso sobre

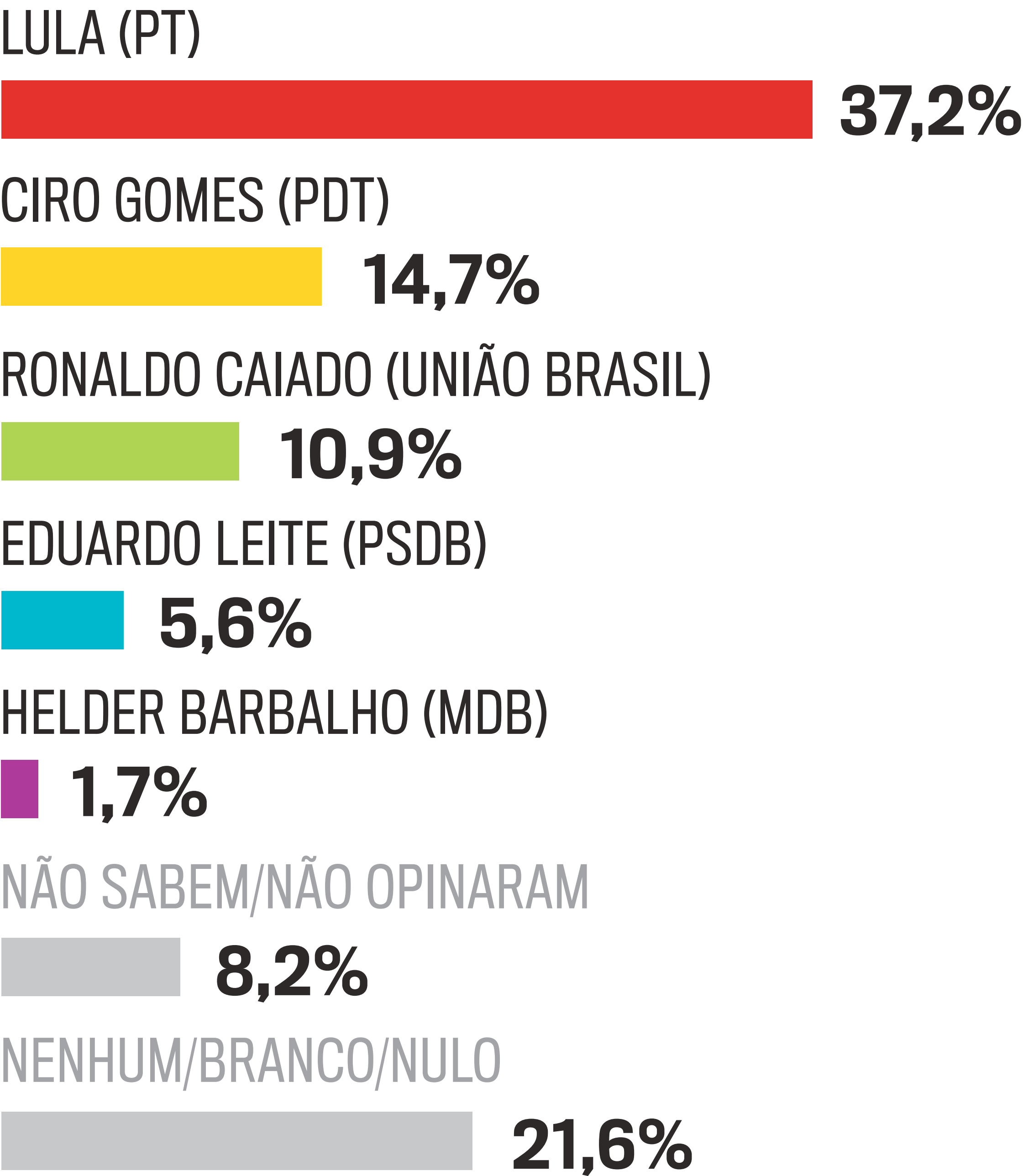
a necessidade de articular, desde já, uma candidatura forte e, de preferência, unificada da centro-direita. Novo encontro da turma deve ocorrer ainda neste semestre. A iniciativa é mais uma prova de que a procura por um substituto para o ex-presidente nas urnas está em curso e que a campanha para impedir mais quatro anos de Lula promete ser uma das mais longas da história.

Um dos principais combustíveis da largada precoce

são os bons índices de aprovação obtidos pelos governadores de oposição que fazem parte da confraria, na contramão dos atuais percalços de popularidade de Lula (de acordo com sondagem recente da Genial/Quaest, a maior parte dos brasileiros não concorda hoje em dar a ele mais quatro anos no poder). O apoio popular do ex-presidente (que permanece quase intacto, a despeito dos processos na Justiça) e a possibilidade de transferência de votos de-

le para um herdeiro político, em caso de manutenção da inelegibilidade do capitão, também servem de alavanca ao movimento, que conta, inclusive, com a simpatia da família Bolsonaro.

Aliado de primeira hora, o senador e ex-ministro Ciro Nogueira (PP-PI) é o patrocinador oficial. Espécie de "primeiro-ministro" de Bolsonaro quando ocupou a Casa Civil, ele almeja compor a chapa de oposição, inde-

pendentemente de quem irá encabeçá-la. “Meu sonho é disputar a vice, mas não é uma condição”, diz o presidente do PP. Foi na casa dele que Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), Ratinho Junior (PSD-PR), Romeu Zema (Novo-MG) e Ronaldo Caiado (União Brasil-GO) assistiram atentos à apresentação de uma pesquisa sobre as percepções do eleitorado a respeito do nome de cada um. Eduardo Leite (PSDB-RS) passou rapidamente por lá.

Sem demonstrar animação ou frustração com os dados, os governadores se comprometeram a trabalhar pela unidade da oposição enquanto disputam entre si o apoio do bolsonarismo.

Na bolsa de apostas, Tarcísio de Freitas é o favorito a ser o herdeiro. Nos últimos dias, a pressão para que ele faça movimentos mais explícitos em direção ao Palácio do Planalto aumentou, com os rumores de que a espera-

da transferência para o PL, sigla de Bolsonaro, possa ocorrer antes das eleições municipais deste ano. Ele não confirma, e o mais provável é que a mudança ocorra apenas mais adiante. Segundo levantamento do instituto Paraná Pesquisas, Tarcísio se sai hoje melhor nas sondagens do que os outros governadores. Além da proximidade com o ex-presidente e da força política alcançada ao liderar o estado mais rico do país, o ex-ministro representa uma espécie de bolsonarismo mais palatável a um fragmento do eleitorado que votou no petista não por convicção, mas contra a continuidade de um governo que, entre outras coisas, atuou de forma negacionista durante a pandemia. "Hoje, o candidato mais forte e primeiro da fila é o Tarcísio", afirmou a VEJA o presidente do PL, Valdemar Costa Neto.

Primeiro do grupo a assumir publicamente a intenção de se lançar ao Planalto, Caiado foi o que menos pontuou entre os governadores cotados pelo Paraná Pesquisas. Mesmo assim, ele se diz animado para rodar o país em busca de um consenso em torno de uma candidatura forte da centro-direita ou até mais de uma. "As sondagens mostram que há espaço para isso, e estou decidido a me apresentar à disputa. Lá na frente vamos tentar construir uma conciliação, mas acredito que, assim como eu, outros nomes podem ter a mesma disposição", disse. À frente do estado pelo segundo mandato consecutivo, Caiado tem trabalhado os bons resultados obti-

RICARDO STUCKERT/PR

OBSTÁCULO Lula: 55% dos eleitores não querem mais quatro anos do petista

dos por sua gestão na área da segurança pública (a taxa de homicídios, por exemplo, caiu 56%) como trunfo para se aproximar dos bolsonaristas e disputar com Tarcísio o apoio e os votos do ex-presidente.

Defensores de uma candidatura de Ratinho Junior também procuram ressaltar sua capacidade de gestão. Em 2023, por exemplo, o PIB do Paraná cresceu 5,8%, o dobro da média nacional e à frente das altas de Goiás (4,4%), Minas (3,1%) e São Paulo (0,8%). Até aqui, no entanto, o governador é o que menos movimentos faz na direção do Planalto, ao menos publicamente. “Não é hora de discutirmos nomes, mas, sim, projetos que tornem a vida do brasileiro melhor”, afirma ele, que tem

BRUNO KORESSAWA/PL

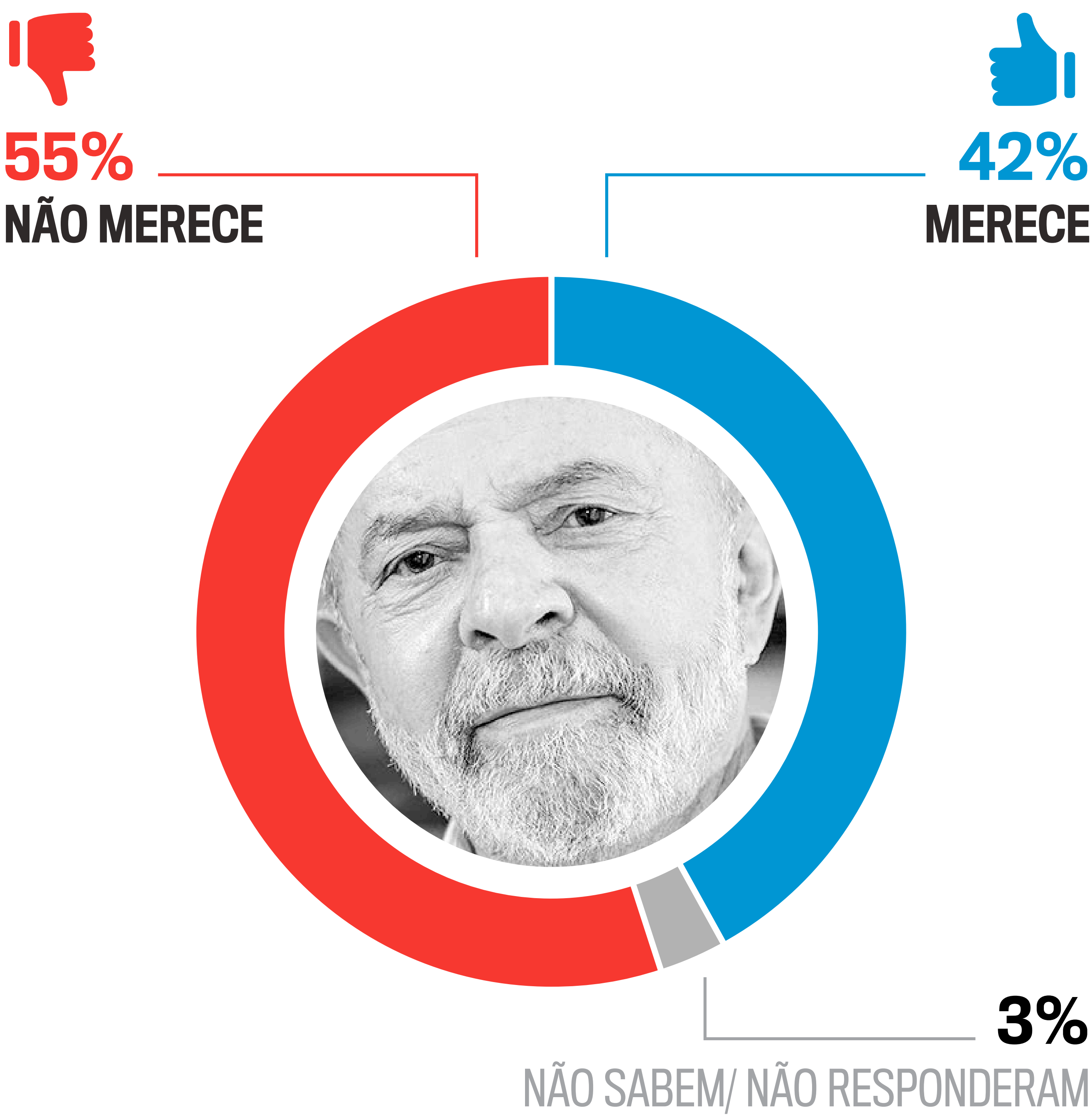
EM CAMPANHA Bolsonaro: confiança em uma reviravolta na Justiça Eleitoral

apenas 43 anos e é dono de uma taxa de aprovação de 79% entre os paranaenses. Aliados enxergam para ele duas possibilidades para 2026: a disputa pela Presidência ou por uma vaga no Senado, não necessariamente nessa ordem de prioridade.

A despeito do comportamento discreto, Ratinho Junior tem feito avaliações a políticos próximos de que 2026 poderá lembrar um pouco o congestionamento de candidaturas de 1989, quando 22 nomes se lançaram à corrida. Para o governador paranaense, não seria surpreendente o registro de até três candidaturas de direita no próximo pleito. A conta considera inevitável no páreo um nome do bolsonarismo (como Tarcísio) e Caia-

A CABEÇA DO ELEITOR

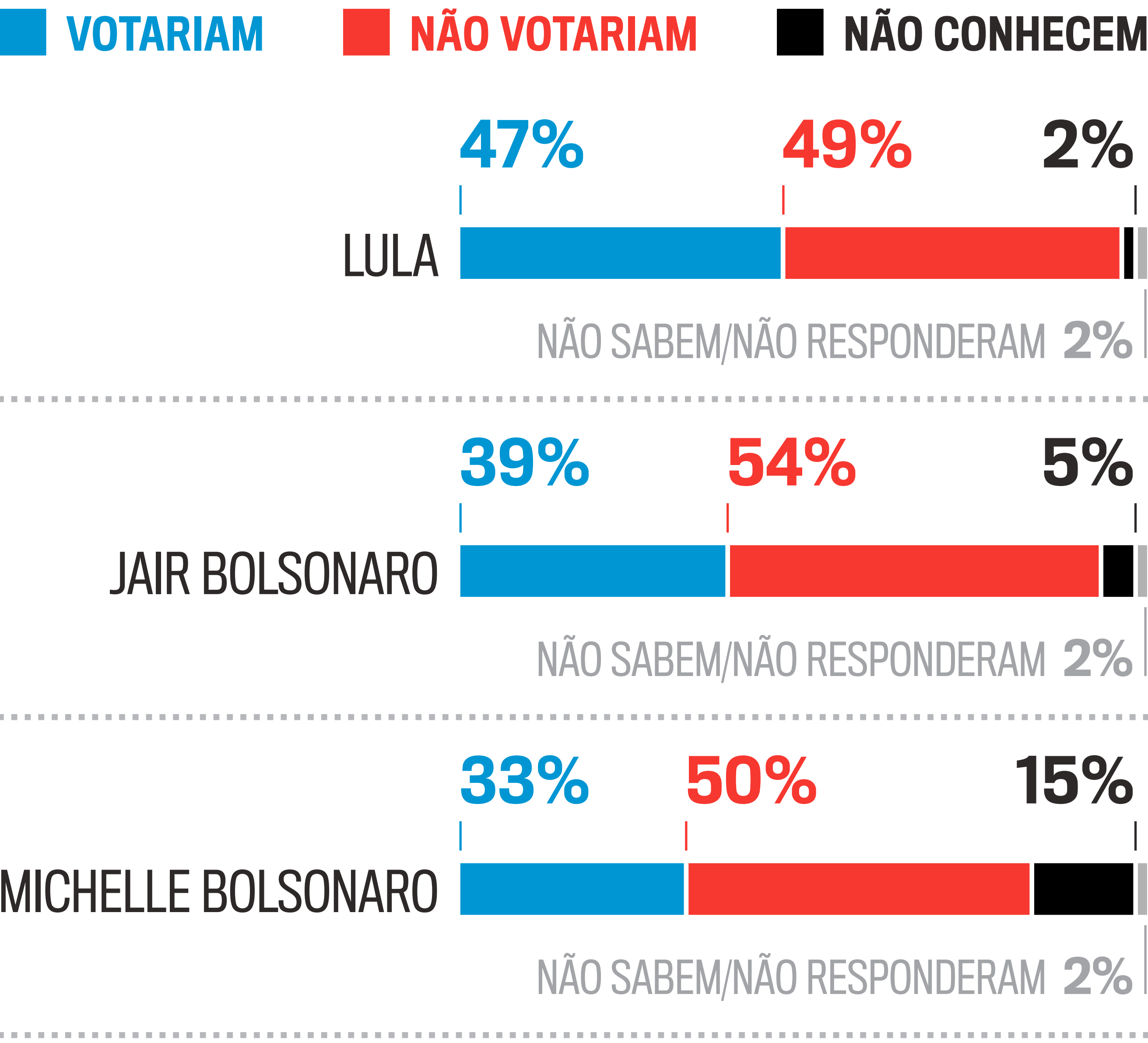
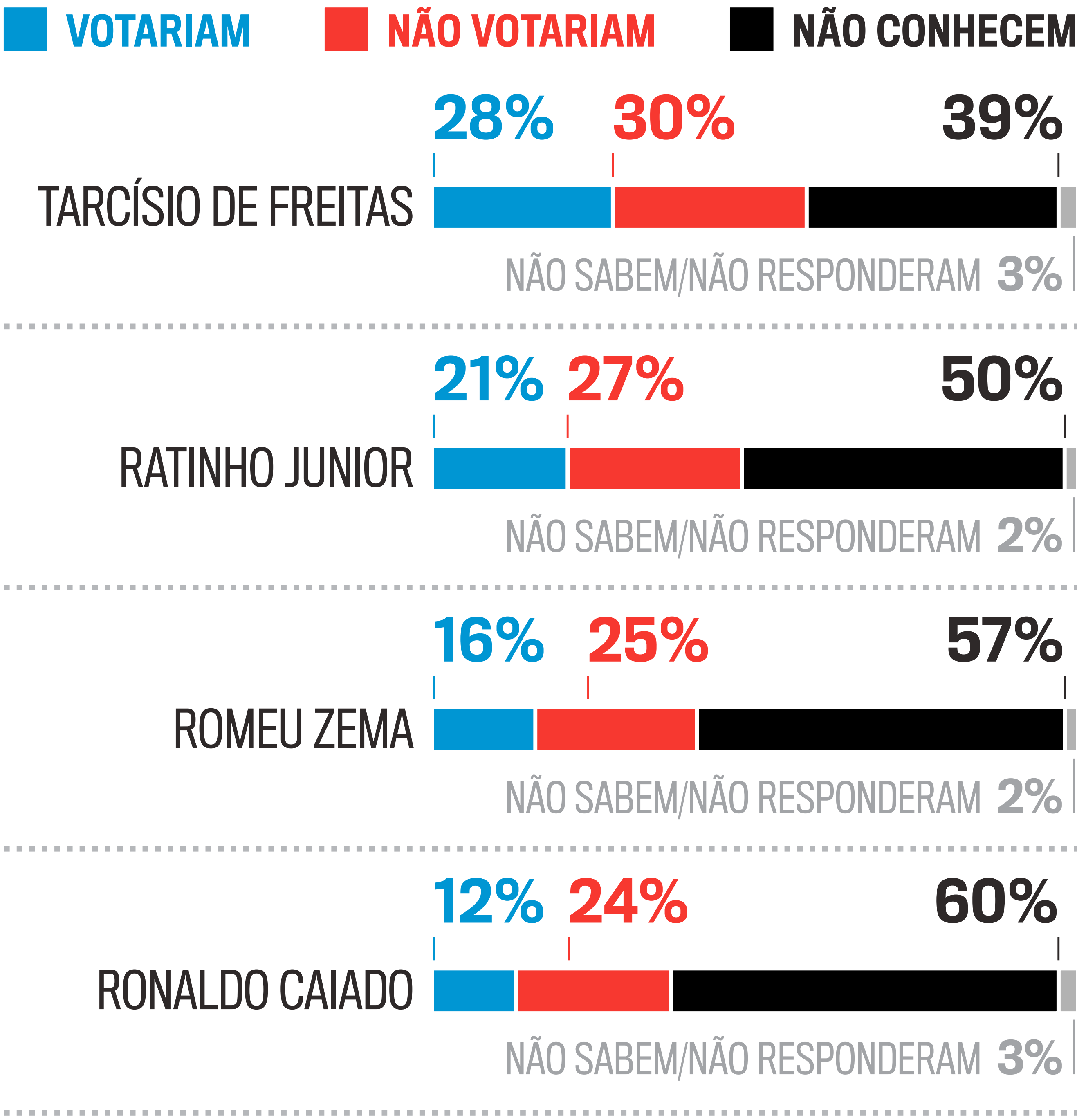
O que o brasileiro pensa sobre as possibilidades na corrida ao Planalto em 2026

LULA MERECE MAIS UMA CHANCE EM 2026?

Fonte: *Pesquisa Genial/Quaest, feita entre os dias 2 e 6 de maio. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais*

do, que não deve abrir mão de ir até o final. A possibilidade de uma terceira opção na mesma faixa é vista pelos correligionários de Ratinho Junior como um sinal de que ele considera seriamente concorrer. Ainda pouco conhecido no âmbito nacional, o governador tem potencial de crescimento. Segundo o cenário do Paraná Pesquisas em que ele seria o candidato de direita, o para-

QUEM SERIA MELHOR PARA ENFRENTAR LULA SE BOLSONARO NÃO PUDER CONCORRER?

Candidato	%
MICHELLE BOLSONARO	28%
TARCÍSIO DE FREITAS	24%
RATINHO JUNIOR	10%
ROMEU ZEMA	7%
RONALDO CAIADO	5%
NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM	26%

naense teria 17,6%, segundo melhor resultado entre governadores, abaixo apenas do índice de Tarcísio (25,6%). Fora do grupo da direita, surge na sondagem do Paraná, mais uma vez, o nome de Ciro Gomes (PDT). Depois da última derrota, ele prometeu nunca mais concorrer. Se mudar de ideia, seguirá tendo dificuldades para ultrapassar o patamar de 10%.

Num cenário ainda de muitas incertezas, a única garantia é a de que, dentro ou fora do jogo, Bolsonaro terá papel de protagonismo. Ele vinha cumprindo agenda de candidato, até que ela foi interrompida nas últimas semanas por uma nova internação hospitalar. Os eventos recomeçam na segunda, 27, quando pretende percorrer cidades paulistas para arrecadar doações ao Rio Grande do

Sul. O cenário adverso na Justiça não tirou dele o otimismo de uma reviravolta que lhe permita ser o cabeça de chapa do PL em 2026. “O partido tem uma boa base e prega as coisas que eu defendo, como Deus, pátria, família e liberdade”, disse ele a VEJA.

Dentro do PL, a “ordem” é para que a possibilidade de tê-lo como candidato seja considerada nos cálculos eleitorais até a batida final de martelo da Justiça Eleitoral sobre a sua situação. “Percebo que tem amadurecido cada vez mais a questão de uma anistia pelo Congresso Nacional para recolocar meu pai no jogo”, declarou o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Para um dos mais fiéis escudeiros de Bolsonaro, Fabio Wajngarten, que é advogado e chefiou a Secom no governo passado, não há dúvidas quanto a isso. “O retorno eleitoral dele é certo”, disse. “O ex-presidente despertou no povo brasileiro o patriotismo, além dos interesses pela política, pela propriedade privada e pela liberdade, no seu mais amplo sentido.”

A força do bolsonarismo não se expressa apenas pelo prestígio praticamente intacto do ex-mandatário entre seus eleitores. Na sondagem do Paraná Pesquisas, a ex-primeira-dama aparece à frente de todos os governadores. No cenário em que surge como o principal nome de oposição, ela perde para Lula, mas dentro de empate técnico: 36,6% a 33%, sendo que a margem de erro é de 2,2 pontos. “A divisão política que existe no Brasil não tende

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

ANFITRIÃO Ciro Nogueira: reuniões em Brasília

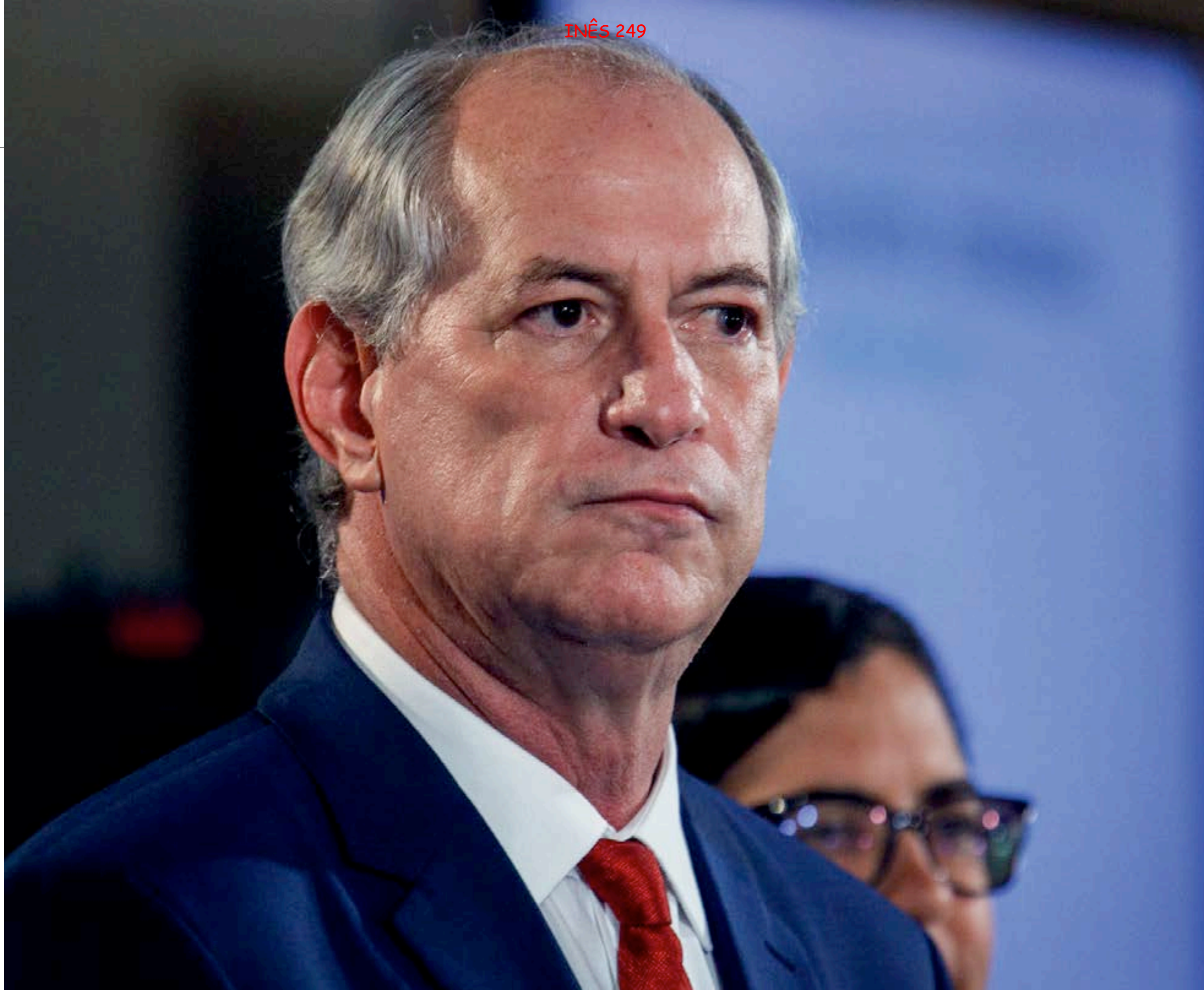
a cessar; o jogo de 2026 está nas mãos de Lula e Bolsonaro", comenta Murilo Hidalgo, presidente do instituto.

Nesse sentido, o time de postulantes tem investido em temas como políticas linha-dura na área de segurança para ficar em sintonia com a maior parte da população, cujo pêndulo parece se voltar à direita — pesquisa Ipec divulgada em abril mostra que 24% dos eleitores brasileiros afirmam ser de direita, enquanto apenas 11% se identificam com a esquerda. O grupo de governadores não enfrenta dificuldades para representar o eleitorado conservador, mas cada um deles vive dilemas e desafios para se viabilizar como presidenciável. Zema tem sua postura liberal constantemente colocada à prova, dado

BETO BARATA/ PL

PRESSÃO Valdemar: dirigente tenta antecipar filiação de Tarcísio

que até agora o mineiro não conseguiu privatizar estatais como a Cemig (companhia energética do estado). Caiado e Ratinho enfrentam problemas na base, pois são filiados a partidos que hoje compõem o governo federal, com três ministérios cada. Tarcísio, por sua vez, pode optar ao final pela reeleição em São Paulo, campanha teoricamente menos espinhosa do que a de enfrentar Lula em 2026.

Mesmo vivendo um momento delicado em termos de popularidade,o petista segue liderando em todos os cenários. O presidente também está em franca campanha pela reeleição e, com a máquina pública nas mãos, tem agora, no episódio das enchentes no Rio Grande do Sul, a chance de promover uma guinada na maneira como a população

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

ESTAGNADO Ciro Gomes: dificuldade em ampliar o eleitorado permanece igual

avalia o seu governo. Exemplo disso foram as respostas rápidas à tragédia, que incluem um pacote bilionário de recursos federais ao estado para recuperação de infraestrutura, além de socorro a empreendedores e à população severamente afetada, com o pagamento de 5 100 reais via Pix a cerca de 240 000 famílias, para uso livre.

Evidentemente, uma possível melhora na popularidade de Lula está entre os fatores que podem mudar o cenário atual. Se os ventos da economia começarem a soprar na direção da prosperidade, o que não parece ser a tendência no momento, o petista ficará fortalecido, e o quadro deve desencorajar alguns políticos de chegar ao fim da maratona de 2026. A sucessão do Congresso, no início

LUIZ CARLOS DAVID/FOLHAPRESS

RECORDE Eleição de 1989: sem acordos entre as diferentes alas políticas, número de chapas chegou a 22

do ano que vem, também pode criar obstáculos adicionais a governadores de oposição, a depender dos acordos partidários a ser fechados pelo governo para lançar uma candidatura na Câmara. Outro fator decisivo é a (remotíssima) possibilidade de Bolsonaro reverter a inelegibilidade na Justiça Eleitoral. Mesmo ciente das muitas incertezas que terá pelo caminho, por via das dúvidas, o pelotão de oposição decidiu dar a largada. O desafio será manter o fôlego até o final. ■

RICARDO STUCKERT/PR

GUINADA Lula: gestos à esquerda e afastamento dos aliados de centro que o ajudaram a se eleger

NA DIREÇÃO ERRADA

As manifestações do presidente da República mostram que ele está cada vez mais Lula e, por consequência, cada vez menos frente ampla

DANIEL PEREIRA

QUANDO ASSUMIU a Presidência da República, Dilma Rousseff lidava com a pecha de poste, uma forma pejorativa usada por adversários e até por petistas para dizer que sua candidatura e sua administração eram invenções de Lula, que continuaria a mandar de fato no país. A presidente sabia das desconfianças em torno dela. Convocado para ser seu chefe da Casa Civil, Antonio Palocci dizia que o plano da mandatária era se distanciar de forma gradativa da sombra do padrinho político. No primeiro ano de mandato, a gestão teria mais a feição de Lula do que a de Dilma. No segundo, ocorreria o inverso. Daí em diante, segundo Palocci, o governo seria predominantemente dela. Em seu terceiro mandato no Palácio do Planalto, Lula parece seguir uma lógica parecida. Na disputa contra Jair Bolsonaro, ele formou uma frente ampla, conceito que guiou parte das decisões tomadas no ano passado, como a formação do ministério. Neste ano, no entanto, o petista tem feito cada vez mais gestos à esquerda, afastando-se de aliados de centro que foram fundamentais em 2022 e provavelmente serão decisivos em 2026. Essa guinada, se confirmada, poderá custar caro no futuro.

Os sinais de uma provável mudança de direção são mais frequentes na área da economia, impulsionados pela dificuldade do presidente de resistir à tentação de aumentar o intervencionismo estatal e os gastos públicos. Depois de fritar o aliado durante semanas, Lula demitiu o petista Jean Paul Prates do comando da Petrobras, substituindo-o por Magda Chambriard, que dirigiu a Agência Nacional do Petróleo

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

ATAQUES Simone Tebet: a ministra foi alvo de críticas pesadas dos petistas

(ANP) no governo Dilma Rousseff. Apesar de ter "abrasileirado" a política de preços da companhia, como queria Lula, Prates era considerado simpático demais ao mercado e um obstáculo ao plano do presidente de usar a Petrobras para tirar do papel projetos considerados prioritários pelo Planalto, independentemente de sua viabilidade econômica ou de sua pertinência em termos de estratégia de mercado. Em linha com os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Silveira (Minas e Energia), que trabalharam pela demissão de Prates, Lula quer que a empresa acelere investimentos em gás, fertilizantes e refinarias — e volte a impulsionar a indústria naval, um antigo sonho do PT que, como descobriu a Operação Lava-Jato, tornou-se terreno fértil para corrupção grossa.

Magda Chambriard assume o posto com missões bem definidas, todas estipuladas pela equipe do presidente. Com essa orientação, o fantasma do intervencionismo estatal voltou a assombrar. E não apenas na Petrobras. Desde o início do governo, Lula e a presidente do PT, a deputada federal Gleisi Hoffmann, reclamam da atuação do chefe do Banco Central, Roberto Campos Neto, indicado ao cargo por Jair Bolsonaro. Eles dizem que a taxa básica de juros definida pelo BC, que tem contribuído para manter a inflação sob controle, dificulta o crescimento econômico do país e, por isso, exigem cortes expressivos. Essa pressão tem zero embasamento técnico e muita conveniência política. Com ela, o presidente tenta sedimentar no imaginário popular a impressão de que, se a economia não decolar, a culpa não é dele, Lula, mas da política monetária asfixiante e pró-mercado comandada por Campos Neto. Teses falaciosas, como se sabe, não são exclusividade do bolsonarismo. Desde agosto de 2023, o Comitê de Política Monetária do BC tem cortado a taxa básica de juros, mas na sua última reunião reduziu o ritmo da queda de 0,5 para 0,25 ponto percentual.

A decisão foi tomada por 5 votos a 4, saindo derrotados os diretores indicados por Lula. Foi o suficiente para que se espalhasse o temor de que, tão logo acabe o mandato de Campos Neto, no fim deste ano, o presidente da República lançará mão da escolha do sucessor no cargo para interferir no BC, que goza de autonomia prevista em lei aprovada por ampla maioria no Congresso. Essa suspeita cresceu a ponto

MAURICIO TONETTO/SECOM RS

POLITIZAÇÃO Enchentes: tudo que os gaúchos não precisam agora é de disputa eleitoral antecipada

de provocar um comentário de Gabriel Galípolo, diretor do BC nomeado por Lula e considerado favorito para substituir Campos Neto à frente do banco. Num evento com investidores, Galípolo disse que também cogitou cortar a taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual e que havia argumentos técnicos para os dois lados. Ele tentou, assim, sinalizar independência em relação ao Planalto, enquanto Gleisi Hoffmann classificava a decisão do BC de um crime contra o país. Combativa, a deputada muitas vezes verbaliza aquilo que Lula pensa, mas evita falar. Ao lado de Rui Costa, Gleisi também está na linha de frente do lobby por mais gastos públicos, que pressiona desde sempre o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

A vida do chefe da equipe econômica não é fácil. O presidente não desautoriza Haddad, mas sempre que pode defende a ampliação dos gastos ou a concessão de favores pela União. Lula também dá corda às pregações de Rui Costa, porta-voz da tese de que nenhum ajuste fiscal pode comprometer programas como o PAC e o Minha Casa, Minha Vida. O presidente e o PT resistem a qualquer iniciativa destinada a cortar despesas ou, pelo menos, torná-las mais racionais. Terceira colocada na última eleição presidencial e peça-chave da frente ampla formada para derrotar Bolsonaro, a ministra do Planejamento, Simone Tebet, tem defendido a desvinculação entre a política de valorização do salário mínimo e os benefícios previdenciários e a inclusão do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) na conta do piso de gastos com educação. Essas medidas teriam como objetivo conter a expansão das despesas obrigatórias e desengessar o Orçamento da União. O debate dessas ideias mal começou, mas a reação já é enorme.

A deputada Gleisi Hoffmann, sempre ela, diz que, se adotadas, tais iniciativas contrariarão o programa de governo eleito em 2022. “É no mínimo preocupante que sejam defendidas pela ministra Simone Tebet. Responsabilidade fiscal não tem nada a ver com injustiça social”, escreveu numa rede social. O raciocínio de Gleisi é no mínimo controverso. Em 2022, Lula derrotou Bolsonaro numa batalha de rejeições. O eleitorado escolheu o que considerou menos pior para o país. Até os petistas reconhecem isso. Na disputa mais acirrada

RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

LEO PINHEIRO/VALOR/AGÊNCIA O GLOBO

FANTASMAS Rui Costa e Magda Chambriard: o intervencionismo estatal voltou a assombrar

desde a redemocratização, Lula saiu vitorioso porque conseguiu atrair apoios de segmentos de centro e da centro-direita que enxergavam em Bolsonaro uma ameaça real à democracia. Não houve uma opção entusiasmada pelo programa de governo do PT. Não houve um voto de confiança na cartilha petista para a economia. Longe disso. Na ocasião, prevaleceu nas urnas a perspectiva de pacificação do país, de moderação, de um governo que honrasse a frente ampla. Algo que tem ocorrido cada vez menos, inclusive na seara política.

Diante do maior desastre natural da história do Rio Grande do Sul, o presidente resolveu politizar a tragédia e indicar como ministro extraordinário para cuidar da reconstrução do estado o deputado petista Paulo Pimenta, que comandava a Secretaria de Comunicação Social da Presidência. Adversário local do governador Eduardo Leite (PSDB), Pimenta é

cotado para concorrer ao Senado ou ao próprio governo em 2026. O novo cargo dá a ele visibilidade e uma oportunidade de ouro de colher dividendos eleitorais, mas também pode ser um catalisador de embates, o que ficou claro numa de suas primeiras entrevistas. Perguntado sobre o que achava das críticas do deputado federal Aécio Neves à sua nomeação para o posto, Pimenta respondeu: "Aécio Neves? Não conheço". Tudo que os gaúchos não precisam agora é de disputa eleitoral antecipada. O momento exige cooperação entre União, estado e municípios, para viabilizar o recomeço da vida dos desabrigados e a reconstrução da economia local. Pelo cargo que ocupa, Lula tem condições de liderar esse processo, desde que priorize os desafios administrativos, e não as conveniências eleitorais dos quadros de seu partido.

Com o PT à frente dos principais ministérios, o presidente tem usado as eleições municipais para fazer concessões a aliados, especialmente de centro. Por decisão dele, os petistas não terão candidatos a prefeito em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Salvador. Com essa estratégia, Lula espera receber em troca o apoio de legendas como MDB e PSD à sua reeleição, em 2026. A reedição da frente ampla seria até natural caso Bolsonaro pudesse concorrer, mas ele está inelegível. Com o capitão fora do páreo, a aliança com siglas de centro não se repetirá tão facilmente. Lula corre sério risco de ficar isolado se insistir em trilhar a direção errada. Não parece boa ideia para quem enfrenta um alto índice de rejeição. ■

LUIZ ROBERTO/SECOM/TSE

SINAIS DE CONTENÇÃO

Depois de enfrentar o extremismo com medidas duras, mas necessárias, o Tribunal Superior Eleitoral terá uma nova configuração, que tende a privilegiar a pacificação política **LARYSSA BORGES**

MUDANÇA Plenário: o TSE realizou o julgamento de Sergio Moro sob a presidência de Alexandre de Moraes

POUCOS MESES antes da eleição que deu vitória a Lula em 2022, Alexandre de Moraes assumiu a presidência do Tribunal Superior Eleitoral com a convicção de que, apesar dos boatos, não havia qualquer risco de um golpe militar no país. O ministro se fiava na avaliação de que as Forças Armadas e as Polícias Militares, com as quais tinha convivido quando ocupou cargos no governo paulista, jamais embarcariam em uma aventura antidemocrática. Essa certeza duraria pouco. As ameaças recebidas pelos juízes, a difusão

em larga escala de notícias falsas que colocavam em dúvida a lisura das urnas eletrônicas e a pregação aberta de que o sistema não era confiável punham a própria democracia em xeque. Foi quando o tribunal se apresentou como anteparo contra essas investidas que, soube-se depois, faziam parte de um delirante plano golpista. De maneira inédita, a Corte instaurou vários procedimentos para punir os abusos. O caso mais famoso, como se sabe, resultou na inelegibilidade do ex-presidente Jair Bolsonaro. Os ministros, também de maneira inédita, impediram um programa de televisão de ir ar, bloquearam perfis em redes sociais e derrubaram páginas na internet — medidas consideradas necessárias diante do cenário conturbado da época, mas também vistas por alguns como exageradas.

No mundo jurídico, há certo consenso de que, em um momento extremamente difícil, poucos conduziriam o TSE de maneira tão satisfatória quanto Alexandre de Moraes. Ao longo de dois anos no comando da Corte, ele suspendeu comunidades de seguidores que pregavam violência eleitoral e costurou uma resolução que determina que *fake news* já reconhecidas pelo tribunal podem ser tiradas do ar a partir de uma simples canetada do presidente — no caso, ele mesmo. Nas eleições municipais deste ano, a retirada de notícias fraudulentas pode ser feita em um rito sumaríssimo. “Essas medidas foram fundamentais para defender a democracia dos ataques extremistas”, ressalta um ministro do Supremo Tribunal Federal. “Em alguns momentos, ele pode até ter se

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

DISTENSÃO Pacheco e Moraes: relação entre STF e Congresso deve melhorar

excedido um pouco, mas o que também precisa ser reconhecido é que nós, magistrados, hoje podemos voltar a andar na rua sem medo de atentados", completou. Não há dúvidas de que as decisões enérgicas de Moraes no TSE interromperam uma escalada perigosa — e esse certamente será o legado de seu mandato, que termina na próxima semana. Tudo indica que também será o início de uma novo ciclo.

Antes de ser nomeado para o Supremo, Moraes foi promotor de Justiça, secretário de Segurança de São Paulo e ministro da Justiça. De cada um desses postos, ele assimilou uma característica. Não se furta a embates, é persistente e não tem dificuldades em contrariar interesses — características fundamentais para o bom trabalho de um juiz. Na de-

fesa intransigente da democracia, porém, isso acabou por provocar certas rusgas com políticos de oposição, que reclamam de perseguição e o elegeram como inimigo. Mas o momento agora é outro. No lugar de Moraes, assumirá a ministra Cármen Lúcia, dona de um perfil mais sóbrio que o do antecessor e que tende a adotar uma postura menos bélica com os demais poderes. “A expectativa geral é de que haja uma distensão em relação aos conflitos que foram gerados pelo enfrentamento político que houve a partir de episódios como o 8 de Janeiro”, avalia o especialista em direito eleitoral Francisco Zardo. “A ministra Cármen tem uma posição mais conciliadora. Mesmo em um cenário de tanta incerteza, se compararmos com a presidência dela no STF, podemos projetar que ela vai tentar apaziguar, ser muito mais discreta e contida na relação com os pode-

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

NELSON JR./SCO/STF

COMPOSIÇÃO
Cármen Lúcia, Kassio Nunes e André Mendonça: interpretação mais amena na análise de ações eleitorais

ANTONIO LACERDA/EFE

INELEGÍVEL Bolsonaro: aliados do ex-presidente reclamam de perseguição política

res", completa Raphael de Matos Cardoso, doutor em direito do Estado e especialista em direito eleitoral.

Os primeiros sinais de contenção já haviam batido às portas do TSE antes mesmo da saída de Moraes, quando o tribunal suspendeu no mês passado o julgamento que poderia cassar o mandato do senador bolsonarista Jorge Seif (PL-SC) e determinou a coleta de novas provas antes de decidir se o parlamentar cometeu abuso de poder econômico. Na terça-feira 21, em novo aceno, os ministros, Moraes inclusive, rejeitaram por unanimidade pedidos do PT e do PL para que o senador Sergio Moro (União Brasil-PR) perdesse o cargo por supostas cometidas irregularidades na campanha de 2022. Em ambos os casos, pairava a suspeita de que uma

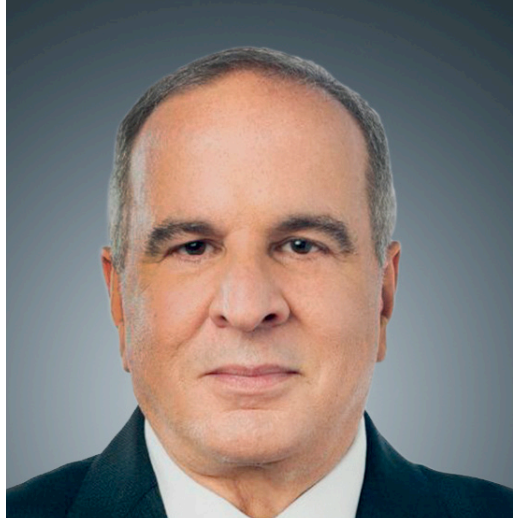
PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

ABSOLVIDO Sergio Moro: “O melhor é deixarmos de lado o revanchismo”

condenação estaria lastreada mais em interesses políticos do que em provas concretas. “O melhor é deixarmos de lado esse espírito de revanchismo, essa polarização exacerbada que muitas vezes embota o nosso raciocínio e impede que nós busquemos convergências em pontos comuns”, disse Moro após o julgamento do TSE. É um aceno de paz importante que parte do outro lado.

Além da ascensão de Cármen Lúcia à presidência, haverá mudanças na composição do TSE. A cadeira de Alexandre de Moraes será ocupada pelo ministro André Mendonça pelos próximos dois anos. Indicado por Jair Bolsonaro, ele engrossará a fileira dos magistrados que privilegiam o princípio de liberdade de expressão frente a remoções sumárias de conteú-

do e rejeitam uma interpretação abrangente do que são *fake news*. Mendonça, aliás, foi um dos primeiros integrantes do Supremo a tecer críticas ao modo de atuação de Alexandre de Moraes tanto no STF quanto na condução da Justiça Eleitoral. Especialistas afirmam que, ao lado do ministro Kassio Nunes Marques, que presidirá o tribunal nas próximas eleições presidenciais e também foi indicado por Bolsonaro, Mendonça vai compor uma maioria que tem interpretações menos duras em relação a certas questões eleitorais.

Quando Cármen Lúcia assumiu pela primeira vez a presidência do TSE, em 2012, a Justiça Eleitoral ainda informatizava os processos judiciais, testava a aplicação da Lei da Ficha Limpa e discutia se o PSD, hoje uma das maiores legendas do Congresso, teria acesso a recursos do fundo partidário. Prioridade do TSE nos dias de hoje, o combate ao uso de *deepfakes* e *fake news* para tentar interferir no processo eleitoral já foi elencado como a principal plataforma da futura presidente, que, nos próximos meses, vai coordenar a eleição de prefeitos e vereadores. A disputa municipal é tratada como laboratório para que o TSE saiba como agir no pleito presidencial de 2026, quando tecnologias cada vez mais avançadas deverão ser utilizadas para enganar os eleitores. De saída do tribunal, Alexandre de Moraes mandou um recado aos críticos da Corte por banir conteúdos ilegais: “Eu já falei no TSE que a fase do amor acabou”. Cármen assume o comando do tribunal com o desafio de continuar esse trabalho. Sem excessos. ■

MURILLO DE ARAGÃO

ARMADILHAS DA REFORMA

A estrutura tributária brasileira continua insana

AO LONGO do mês de maio, o Ministério da Fazenda organizou diversos eventos e entrevistas sobre o projeto de lei complementar que regulamenta a reforma tributária. Em meio às frequentes explicações técnicas dadas à imprensa, emergiram as futuras batalhas que o governo enfrentará no Congresso Nacional. A reforma introduz mudanças significativas no sistema tributário, além da simplificação e da substituição dos impostos atuais.

Exemplos disso são a criação e os critérios do Imposto Seletivo (IS) e as mudanças na atual cesta básica nacional, que representam alterações importantes. O IS foi criado com natureza regulatória, visando desestimular o consumo de produtos prejudiciais à saúde e ao meio ambiente. Entre os produtos taxados estão fumo, bebidas alcoólicas e açucaradas, veículos e bens minerais extraídos.

Segundo a LCA Consultoria, a tributação do IS sobre a extração de produtos minerais poderá render à União uma receita extra de 8,7 bilhões de reais em 2027, quando come-

çará a ser cobrada, chegando a 10,8 bilhões de reais em 2033. De acordo com a proposta do governo, o tributo deverá ser cobrado sobre petróleo, minério de ferro e gás natural, mesmo que destinados à exportação, o que é uma insanidade. Afinal, nenhum país competitivo do mundo exporta tributos. A proposta é um tiro nos dois pés do Brasil e revela a ganância arrecadatória de autoridades incompetentes na ânsia de racionalizar os custos.

A estrutura tributária brasileira é insana. Na semana passada, a Receita Federal, no espaço de quatro dias, expediu mais de 80 atos e portarias alimentando a fogueira que queima o contribuinte e faz a alegria de auditores, contadores e advogados. Foram, para quem gosta de números, 78 atos declaratórios executivos, quatro portarias, uma portaria conjunta e sete soluções de consulta. Exportamos turistas para o exterior ao tributar excessivamente o transporte aéreo inter-

“Aprovar uma legislação complexa, como a que ainda será debatida, em um ano curto por causa das eleições, é uma temeridade”

no. Sobretaxamos a indústria, que só é competitiva da porta para dentro da fábrica. Agora, estamos desestimulando a produção de commodities no país.

A confusão da reforma prossegue, pois outros setores impactados pelo IS, como o de bebidas alcoólicas, também expressaram insatisfação. O principal ponto de conflito reside na alíquota do imposto, que pode variar conforme o tipo de bebida, incidindo sobre a quantidade de álcool. Outro desafio para o governo no Congresso é a composição da cesta básica. A proposta da Fazenda sugere uma cesta com alíquota zero para apenas quinze alimentos, o que parece pouco frente às necessidades de alimentação da população.

As proteínas animais, por exemplo, foram incluídas em um segundo grupo de alimentos com uma alíquota reduzida a 60% da alíquota-padrão. Esse ponto gerou descontentamento no setor de supermercados, que já manifestou intenção de trabalhar para a inclusão de mais produtos na cesta com alíquota zero. No final das contas, porém, caberá ao Congresso esclarecer se haverá ou não aumento da carga tributária de setores estratégicos, como a aviação civil, e se as exportações de commodities serão ou não oneradas. No entanto, a armadilha maior é o tempo. Aprovar uma legislação complexa, como a que ainda será debatida, em um ano curto por causa das eleições, é uma temeridade. ■

RUÍDOS NA COMUNICAÇÃO

Saída provisória de Paulo Pimenta da Secom tende a agravar a guerra de bastidores entre gente muito próxima ao presidente Lula pelo controle dessa área estratégica **VALMAR HUPSEL FILHO**

AJUDA Janja e Edinho Silva na Base Aérea de Brasília: posts da primeira-dama elevaram especulação sobre mudanças

CLAUDIO KBENE/PR

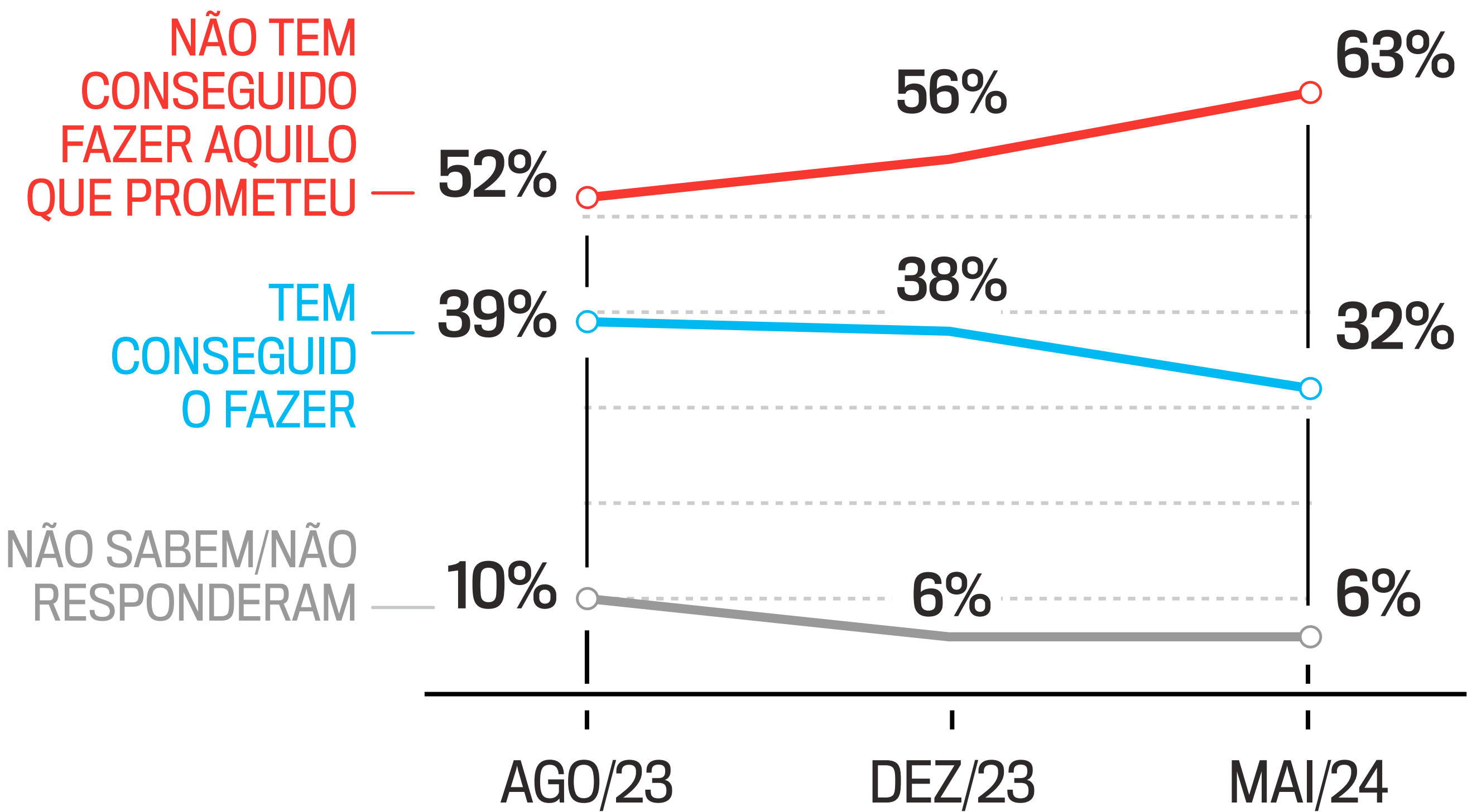
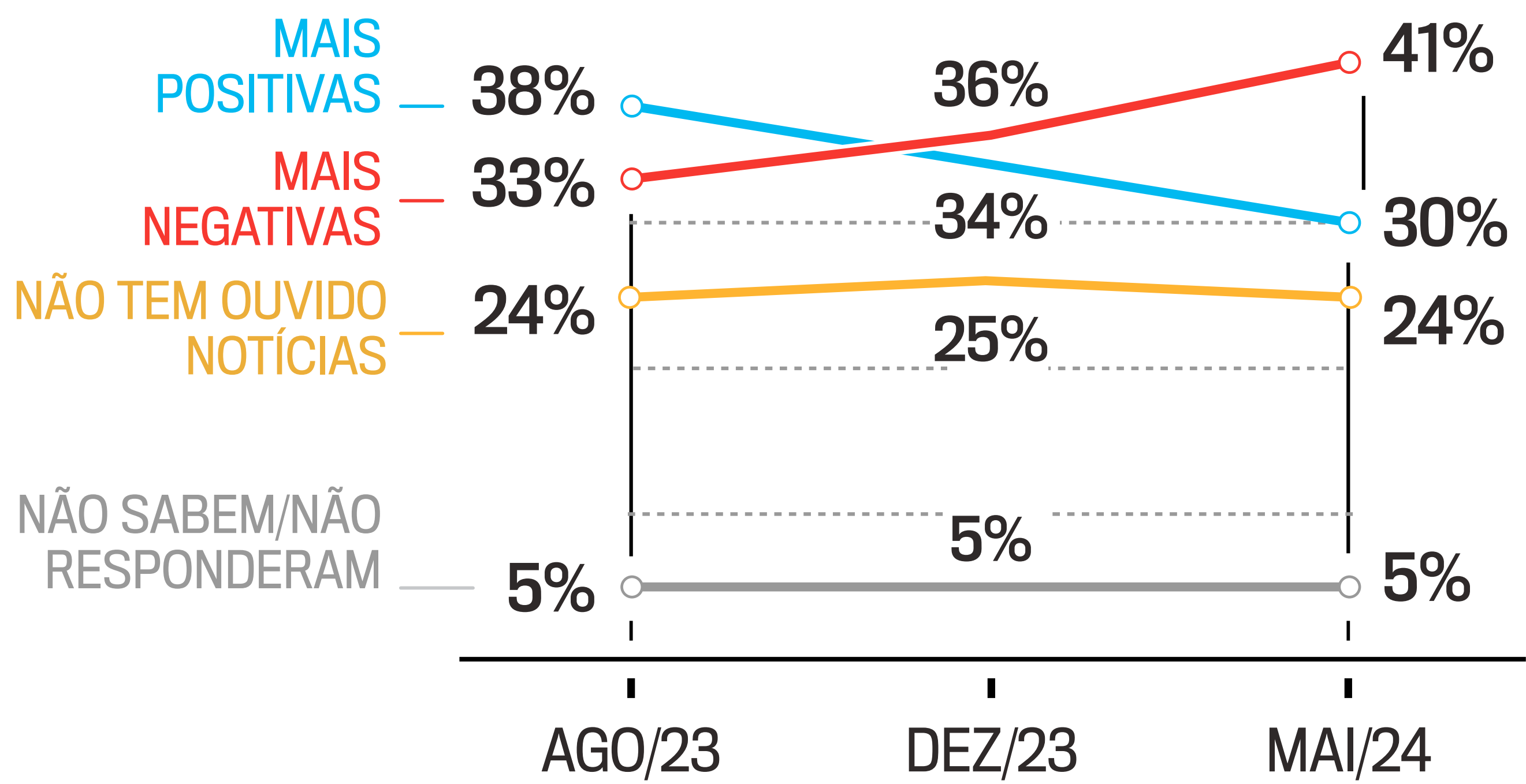
O PRESIDENTE Luiz Inácio Lula da Silva iniciou o segundo ano do seu terceiro mandato intrigado. Sua gestão tinha dados positivos para mostrar, principalmente na economia, com indicadores que influenciam diretamente o humor da população, como queda no desemprego e aumento do salário mínimo. Mas as pesquisas de opinião iam na direção contrária e apontavam queda na avaliação do trabalho. Disparou-se, então, o alerta de que o governo era melhor do que a percepção da população sobre ele e chegou-se ao diagnóstico de que a falha estava na comunicação. Lula externou isso, colocando na berlinda o titular da Secretaria de Comunicação (Secom), Paulo Pimenta. A convocação de Sidônio Palmeira, marqueteiro da campanha de Lula, para dar contribuições informais, acentuou a impressão de que os dias de Pimenta estavam contados. O destino, no entanto, mudou a sua sorte. Político gaúcho experiente, ele foi alçado a ministro extraordinário da Reconstrução do Rio Grande do Sul por seis meses. A sua ausência, contudo, pode gerar um grave efeito colateral: piorar a disputa nos bastidores pelo controle de um setor estratégico a Lula e seu governo.

O cabo de guerra tem vários lados, alguns bem próximos ao presidente. O perfil dele no X (ex-Twitter) é controlado pelo secretário de Imprensa, José Chrispiniano, jornalista que assessora Lula desde que ele deixou a Presidência no segundo mandato. Atuou no Instituto Lula e foi porta-voz do petista no período em que ele ficou preso. Já o Instagram está a cargo do secretário de Produção e Divulgação de Con-

teúdo Audiovisual, Ricardo Stuckert, fotógrafo que acompanha Lula em todas as agendas há mais de vinte anos. Ele tem sido alvo de críticas da primeira-dama, Janja da Silva, por apresentar o presidente quase sempre de maneira formal, como um estadista, enquanto ela prefere o marido mais informal. Influente na área, Janja trabalha para fazer com que as contas pessoais de Lula em todas as plataformas fiquem sob a responsabilidade da secretária de Estratégia e

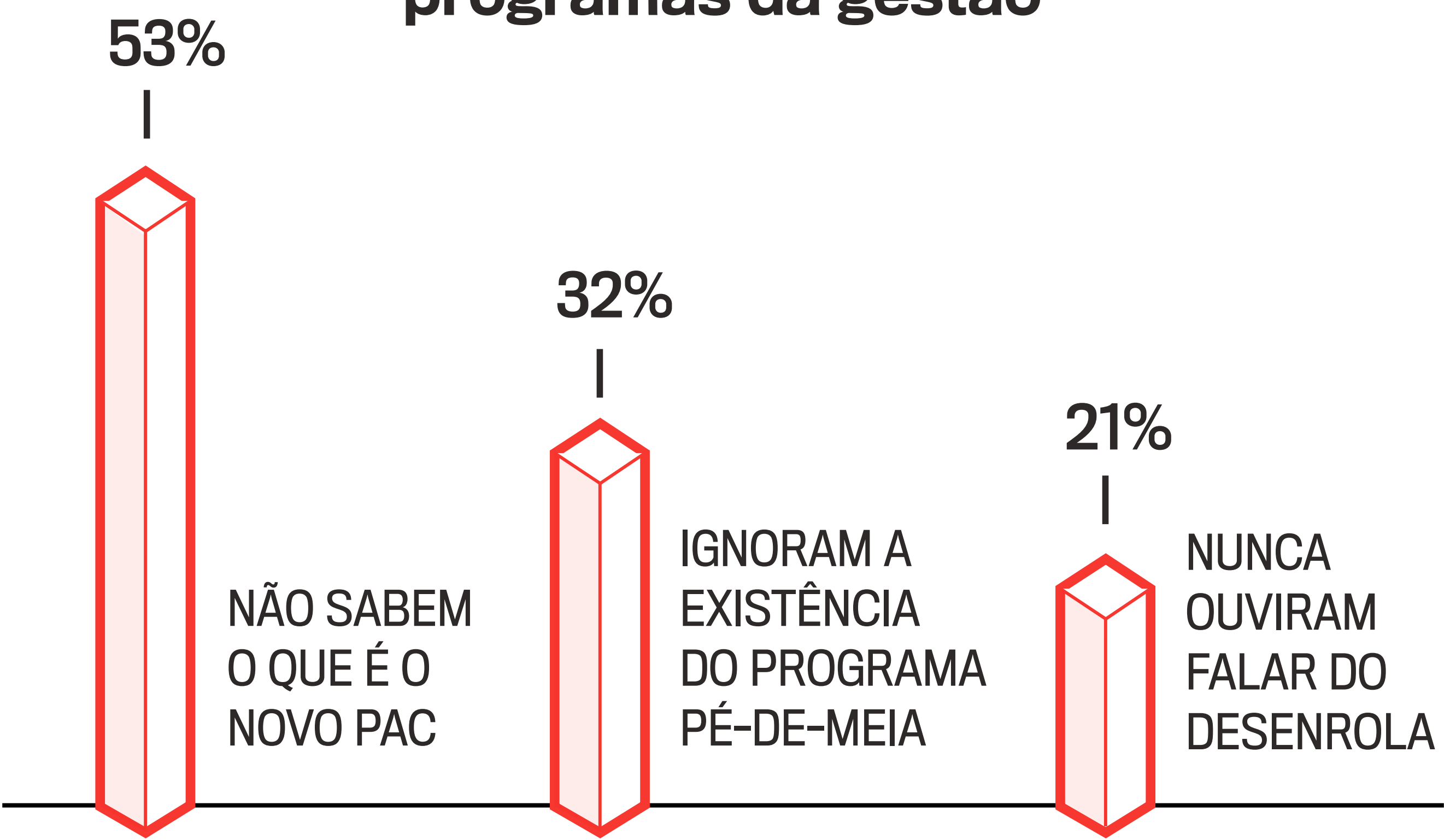
MUITO A MELHORAR

A maioria acha que Lula não cumpre promessas e boa parte desconhece programas do governo

Em relação às promessas de campanha, você acha que Lula

Tem visto notícias mais positivas ou mais negativas sobre o governo?

Conhecimento dos programas da gestão

53%
NÃO SABEM O QUE É O NOVO PAC

32%
IGNORAM A EXISTÊNCIA DO PROGRAMA PÉ-DE-MEIA

21%
NUNCA OUVIRAM FALAR DO DESENROLA

Fonte: *pesquisa Genial/Quaest feita de 2 a 6 de maio, em todo o país. A margem de erro é de 2,2 pontos porcentuais*

Redes, Brunna Rosa, uma cientista social que atuou na comunicação digital das campanhas de Dilma em 2010 e Lula em 2022. Hoje, ela é responsável pelos perfis institucionais da Presidência e capitaneia o projeto Secom Volante, que viaja o país mostrando à população como acessar dados sobre ações do governo em suas cidades.

Nos últimos dias, Janja tem contribuído para aumentar as especulações em torno de uma eventual substituição de Pimenta na Secom. A primeira-dama publicou em suas redes sociais mais de uma foto ao lado do prefeito de Araraquara, Edinho Silva (PT), durante envio de mantimentos ao Rio Grande do Sul. Ex-secretário de Comunicação de Dilma, Edinho coordenou a campanha de Lula ao lado de Sidônio e é frequentemente citado como substituto de Pimenta. Nos bastidores, o seu perfil conciliador e aberto ao diálogo, tido como desejável, é confrontado com o estilo combativo e centralizador de Pimenta. A possibilidade de substituição, no entanto, é remota. Lula diz que prefere Edinho na presidência do PT, no lugar de Gleisi Hoffmann, cujo mandato termina em 2025. Já o prefeito tem repetido que pretende encerrar o seu mandato no final do ano para ajudar a eleger sua secretária de Saúde, Eliana Honain.

Outro nome sempre mencionado é exatamente o de Sidônio. Autor do lema do governo, "União e Reconstrução", ele continua como consultor informal de comunicação — foi dele a contribuição que resultou na campanha Fé no Brasil, que tinha duas ambições: recuperar a esperança do povo nas

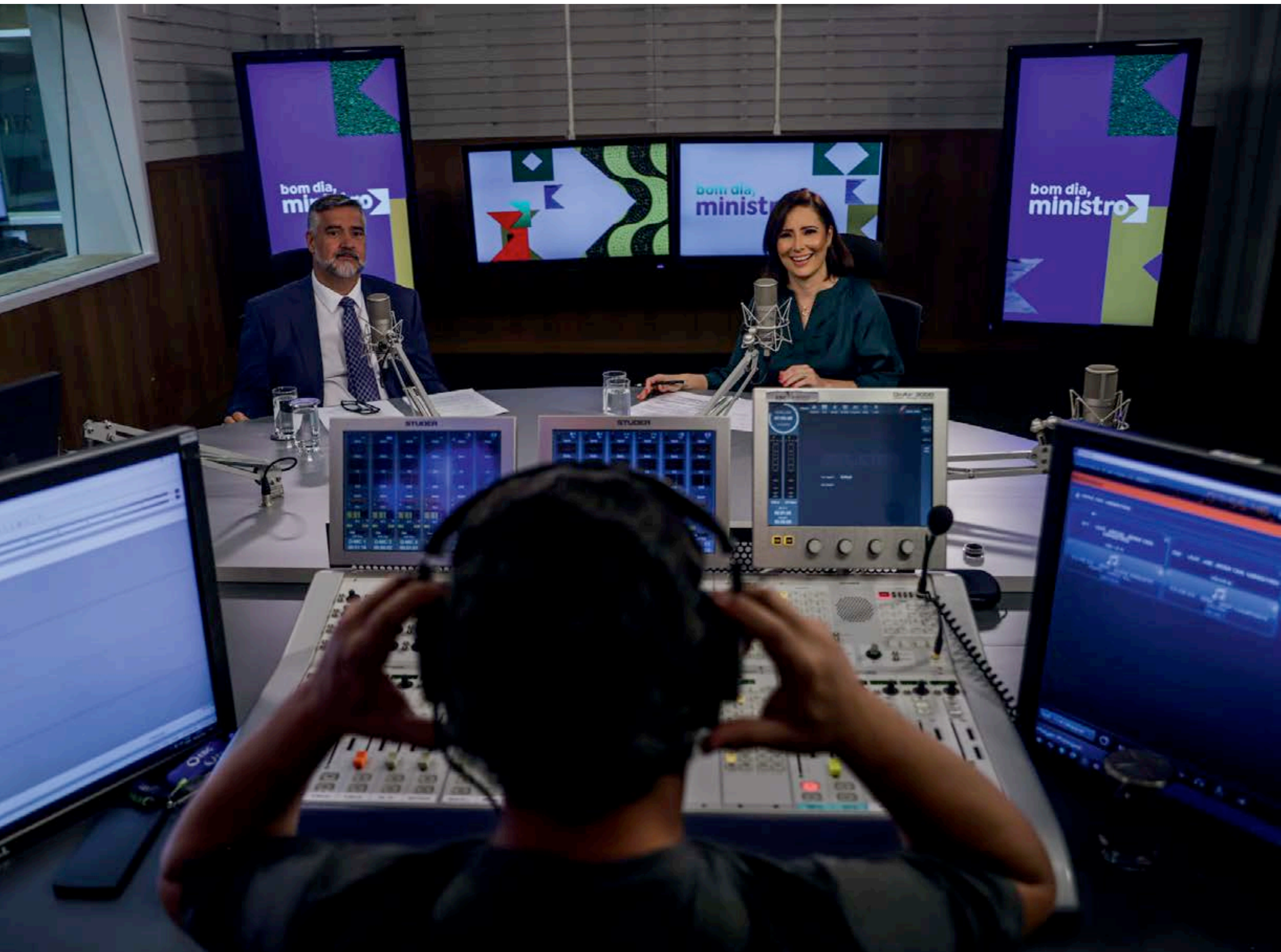
X @LULAOFICIAL

FOCO Ricardo Stuckert fotografado por Lula: controle sobre posts no Instagram

ações do governo e atrair o eleitorado religioso, principalmente o evangélico. A tragédia que assolou o Rio Grande do Sul não só afastou Pimenta do cargo, como fez a campanha ser suspensa para que o governo centrasse todo o seu esforço de comunicação nas mensagens e ações voltadas à catástrofe. Sidônio também nega a intenção de assumir a Secom, que, na ausência de Pimenta, é tocada pelo secretário-adjunto, Laércio Portela.

Nem sempre justas, as críticas à gestão de Pimenta não são poucas. Nos bastidores, até gente do PT ataca as estratégias da Secom, que neste ano pretende executar 1,3 bilhão de reais em propaganda oficial. Há ataques em relação à manutenção de contratos com empresas de publicidade firmados no governo Jair Bolsonaro e discordância da opção de privilegiar meios digitais em detrimento de veículos tradicionais, como TV e rádio. Além disso, criticam a forma como a estatal EBC é utilizada. Responsável pela Agência Brasil, TV Brasil, Rádio Nacional e Rádio MEC, ela é descrita como cara, obsoleta e com baixíssima produção de conteúdo próprio.

A maior crítica, no entanto, é à dificuldade para vencer o duelo da comunicação digital com a oposição. A entrega do comando da pasta a um interino ocorre no momento em que a Secom realiza a sua maior licitação, no valor de 198 milhões de reais. Quatro empresas irão dividir a execução de serviços de comunicação digital e moderação de conteúdo nas redes sociais. A área é considerada fundamental pela necessidade de ganhar espaço entre os mais jovens e fazer frente ao bolsonarismo, que vai muito bem nesse tipo de mídia. Aliados de Lula criticam, no entanto, a estratégia do governo de "lacrar" na internet com ataques indiretos a adversários em postagens que divulgam as ações do mandato. Um exemplo foi quando o TSE decidiu pela inelegibilidade de Bolsonaro, em junho passado, e a Secom divulgou a redução do preço do gás de cozinha

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

FORA DO AR Pimenta: críticas ao mau uso do aparato oficial de mídia

com um post com a frase: "Grande dia!". Pimenta rebate dizendo que as postagens levam em consideração termos que estão quentes naquele dia e usam palavras-chave ligadas a eles para provocar engajamento.

Um marqueteiro conhecido das últimas eleições, que trabalhou para candidatos de centro e de direita, diz que o problema principal é que o governo e o PT não falam para fora da bolha, ou seja, só pregam para convertidos *(leia reporta-*

gem "Na direção errada"). Segundo essa mesma fonte, falta conexão com a população, o que fica evidenciado na pesquisa Genial/Quaest deste mês, que mostra que 53% não sabem o que é o Novo PAC, o bilionário plano de obras lançado justamente para ser uma das vitrines da gestão. Enquanto isso, diz o mesmo publicitário, Bolsonaro fala para a maioria, com discursos sobre temas como drogas ou segurança pública.

DIVULGAÇÃO

PAUSA Fé no Brasil: campanha foi suspensa por causa de tragédia no RS

Ironicamente, a dificuldade no diálogo institucional ocorre justamente durante a gestão de um craque no assunto. Lula já foi chamado várias vezes de "encantador de serpentes", porque tem o dom de atrair até antigos adversários para a sua trincheira. Foi com o uso da palavra, também, que liderou milhares de operários em greves históricas no ABC paulista, no final dos anos 1970. Mas o seu governo está longe de ter o mesmo tipo de conexão eficaz com a população, o que pode atrapalhar não só as missões

DIVULGAÇÃO

CONSELHEIRO Sidônio: chamado às pressas pelo Palácio do Planalto

institucionais do Planalto, como a estratégia de engajar apoiadores e potenciais eleitores em um cenário político ainda muito dividido. Neste momento em que sobram críticas e pessoas dispostas a disputar poder na Secom, os ruídos de comunicação tendem a se amplificar. ■

Colaborou Victoria Bechara

CRISTOVAM BUARQUE

SOLTOS NÃO LIBERTOS

Quarenta anos de democracia
não completaram a Abolição

HÁ DEZ DIAS, o Brasil lembrou da maior reforma social de sua história: a Lei Áurea. Mesmo assim, foi uma reforma incompleta, porque 136 anos depois os descendentes raciais dos escravos ainda são vítimas de racismo, compõem a maior parte dos adultos analfabetos, incapazes de reconhecer a bandeira nacional, vivem em condições habitacionais e sanitárias inferiores e têm renda menor do que os descendentes dos escravocratas. Nesse período, o Brasil formou imenso contingente com dezenas de milhões de pobres, negros ou brancos, descendentes sociais da escravidão. A Lei Áurea foi debatida e aprovada no Parlamento em dez dias, entre 4 e 13 de maio de 1888. Joaquim Nabuco, o principal líder dos abolicionistas, alertou que a lei não surtiria os efeitos esperados, sem distribuição de terra para os ex-escravos e oferta de escolas para seus filhos.

Apesar desse alerta, há mais de um século negamos a reforma agrária e a criação de um sistema nacional público de educação de base com qualidade para todos. O Brasil im-

plantou o SUS, criou uma rede de proteção social com a Bolsa Escola e seus sucedâneos Bolsa Família e Auxílio Brasil, que reduziu a penúria máxima, mas sem fazer as reformas necessárias para abolir o quadro de pobreza; adotou programas de cotas para ingresso na universidade, mas mantém o país sem as reformas estruturais que permitiriam implantar um sistema educacional para que os descendentes sociais dos escravos tivessem escolas com qualidade equivalente à dos descendentes sociais dos seus proprietários. Quarenta anos de democracia sob governos social-democratas e socialistas, depois da ditadura militar, pouco fizeram para completar a Abolição.

Apesar do êxito econômico que nos levou a fazer parte das dez maiores economias do mundo, embora com baixa produtividade e sem inovação tecnológica, o Brasil mantém a mesma concentração de renda, a mesma persistência da pobreza, agravada por violência e apartação, devido sobretudo ao sistema educacional dividido entre "escolas senzala" e "escolas casa-

"O sistema educacional ainda é dividido entre 'escolas senzala' e 'escolas casa-grande' "

grande". As lideranças que em 1888 aprovaram a Lei Áurea tiveram o que comemorar. Fizeram a revolução do seu tempo: abolir a escravidão sem pagar indenização aos escravocratas. Desde então, os líderes nacionais não têm o que comemorar.

A festa de 136 anos atrás, quando Nabuco gritou da varanda do Paço Imperial que "o Brasil não tem mais escravos", foi se esvaindo. Seus sucessores progressistas não se equipararam a ele, pois não quiseram nem souberam completar a Abolição: não distribuíram terra, nem conhecimento. Soltamos, mas não libertamos; tiramos as algemas das pernas e dos braços, não dos cérebros e das mentes. Soltamos mas não demos o mapa necessário para orientar no caminho. Permitimos que andem, mas não ensinamos o caminho. Os próprios herdeiros dos escravos não merecem comemorar, porque foram seduzidos pela alforria de vaga na universidade, sem lutarem pela abolição plena, graças à implantação de um sistema escolar com qualidade e equidade para todos os brasileiros.

Da mesma forma que nega terra aos ex-escravos, até hoje o Brasil não oferece escola com qualidade para os descendentes sociais dos escravos. Mantemos dois latifúndios que se retroalimentam: de renda e de conhecimento. Ao não distribuir conhecimento, impedimos o progresso e barramos a distribuição de renda. ■

A DINASTIA LIRA

Em meio às negociações para a presidência da Câmara, Arthur Lira começa a estudar opções para que um de seus filhos assuma o papel de herdeiro político da família **MARCELA MATTOS**

TALENTO Alvinho: vaquejadas, redes sociais e militância política

INSTAGRAM @ALVAROLIRA_

CRISTIANO MARIZ

ALTERNATIVA Arthurzinho: mais vocação para a iniciativa privada

O FUTURO do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), domina as principais rodas de especulações em Brasília. Em oito meses, o parlamentar alagoano descerá de uma das mais importantes cadeiras da República e voltará à planície, misturando-se aos demais 512 colegas. Quem conversa com ele tem a certeza de que o seu maior objetivo hoje é manter poder e influência quando deixar o cargo. Aliados mais próximos do deputado espalham que xerifes de Lula, como os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Fernando Haddad (Fazenda), já chegaram a sondá-lo para assumir um ministério no ano que vem —

proposta que, ao menos por ora, não estaria em seus planos. No curto prazo, Lira leva a cabo a estratégia de eleger o sucessor para chegar às eleições de 2026 forte o suficiente para alçar o mais alto voo político desde que assumiu o primeiro mandato, há 31 anos.

Depois de ser vereador, deputado estadual e deputado federal, Arthur Lira projeta disputar uma cadeira no Senado. A trajetória é inspirada nos passos do próprio pai. Benedito de Lira, o Biu, que também entrou jovem na política, percorreu os mesmos mandatos seguidos até aqui pelo rebento, virou senador e atualmente é prefeito de Barra de São Miguel. Em 2011, Biu deixou a Câmara dos Deputados para se tornar senador. Na mesma eleição, Arthur estreou como deputado federal. Agora, ao traçar os planos de concorrer ao Senado, o hoje presidente da Câmara quer manter a tradição e planeja lançar um de seus filhos na disputa por uma cadeira de deputado em 2026. O preferido para o papel de herdeiro é o jovem Álvaro Lira, de 18 anos. Assim como o pai, Alvinho, como é chamado, é fanático por vaquejada, tem idolatria por cavalos de raça, costuma ter o nome anunciado nos eventos esportivos e já tem algum trânsito entre políticos e parlamentares engajados no setor.

Talentoso e bom de conversa, ele já confessou ter vontade de seguir os passos do pai. Além de ter pedido votos a Jair Bolsonaro em 2022, mandou uma mensagem de agradecimento ao capitão após a derrota. “Nossa história não termina aqui”, escreveu em uma rede social. Uma questão

INSTAGRAM @OFICIALARTHURLIRA

APOSENTADORIA Lira e Biu: o patriarca deve disputar sua última eleição

etária, porém, pode inviabilizar qualquer intenção de Alvinho chegar a Brasília na próxima eleição. Ele completa 21 anos, a idade mínima para ser deputado federal, apenas em março de 2027. O problema é que a posse no Congresso acontece no mês anterior, o que o impediria de assumir o mandato, caso eleito. Chegou-se inclusive a estudar precedentes jurídicos que permitissem a assunção ao posto, mas ainda não há uma solução para o impasse. Reeditando a trajetória inicial do pai e do avô, o nome de Alvinho também já foi citado como um possível candidato a vereador neste ano — nesse caso, ele já estaria apto a concorrer.

O outro candidato a herdeiro político é Arthur Lira Filho, de 24 anos. Arthurzinho mora em Brasília, onde atua no ramo da publicidade. Hoje, não haveria nenhum impeditivo legal para ele entrar numa disputa eleitoral. Lira pai não poupa elogios a Arthurzinho e, em rodas íntimas, também o considera pronto a seguir seus passos. Pessoas próximas, no entanto, dizem que Alvinho é mais articulado no meio polí-

INSTAGRAM @RENAFILHO

OPONENTES Renanzinho e Renan: os Calheiros formam o clã rival no estado

tico que o irmão mais velho, que inclusive já sinalizou preferir a vida privada. Mas nada que não possa mudar.

A herança política não é uma novidade em Alagoas. Os Calheiros, o principal grupo oponente aos Lira, seguem na mesma direção. Decano no Senado, onde cumpre o quarto mandato consecutivo, após ser deputado estadual e federal, Renan Calheiros também abriu caminho ao primogênito. Renanzinho estreou na política aos 25 anos como prefeito, foi deputado federal, governador e chegou ao Senado nas últimas eleições. Está licenciado enquanto ocupa o cargo de ministro dos Transportes. A família também já tem o horizonte rascunhado: enquanto o pai planeja uma nova disputa ao Senado em 2026, o herdeiro deve tentar retornar ao governo de Alagoas. O filho também já confessou o sonho de seguir a carreira do pai, três vezes presidente do Congresso. Hoje, nada acontece em Alagoas sem a bênção de um dos dois clãs — e, ao que tudo indica, continuará assim por um longo tempo. ■

É ELE QUEM MANDA

Rodrigo Bacellar, presidente da Assembleia fluminense, dá as cartas no Rio e quer ser governador. Resta saber se sobreviverá a um processo de cassação **LUCAS MATHIAS** E **SOFIA CERQUEIRA**

A SORRIR Bacellar: de figura apagada do baixo clero a presidente da Alerj, onde distribui favores e atropela adversários

LUCAS TAVARES/AGÊNCIA O GLOBO

CHEGAR à presidência de uma Assembleia Legislativa é ponto alto na carreira de um deputado estadual. Pelas mãos de quem segura a valiosa caneta passam verbas, cargos, salários e alianças capazes de catapultar o ocupante da cadeira a bons postos na política. No Rio de Janeiro, a vaga tem um sabor especial, já que, nos últimos tempos, crises em série assombram o Palácio Guanabara, a sede do Executivo, o que acaba por revestir de poder o número 1 da Alerj. Atualmente, é o advogado Rodrigo Bacellar, 44 anos, deputado do União Brasil em segundo mandato, o dono do mais influente gabinete da Casa. Ambicioso, ele foi amealhando apoios e se embrenhando em todas as esferas até ditar, de forma incisiva, os rumos no estado.

Sob as asas do deputado que emergiu em Campos, no norte fluminense, onde seu pai foi o primeiro da família na política, estão hoje as secretarias de orçamentos mais vultosos do governo de Cláudio Castro. São também as que oferecem cargos estratégicos na segunda maior máquina pública do país. Bacellar nomeou os titulares de pastas como Fazenda, Assistência Social e Educação, além de manter o controle das polícias civil e militar e do almejado Departamento de Estradas de Rodagem (DER). “Ninguém apita mais do que ele no Palácio”, diz um dos mais próximos auxiliares de Castro. “Ele é hoje quem manda de fato. Isso é público e notório”, dispara Anthony Garotinho, ex-governador do Rio e adversário do presidente da Alerj, com quem disputa terreno em Campos.

CARLOS ELIAS JUNIOR/FOTOARENA

ALTOS E BAIXOS Castro: entre almoços no Guanabara e CPI na Assembleia

Na porta do gabinete de Bacellar formam-se frequentes filas de parlamentares, recebidos um a um sempre com bolo e café, em conversas olho no olho. O presidente da Assembleia, que também comanda seu partido no estado, é conhecido por não querer papo por telefone. Os mais chegados ele convida para sua confortável casa em Teresópolis, na serra, para onde se deslocou por mais de uma vez a bordo de um helicóptero emprestado de uma das grandes empreiteiras que prestam serviço ao governo — caso que levantou suspeitas do Ministério Público de que teria recebido outras "vantagens indevidas". Quando está com sua turma, ele não

esconde a obsessão de conquistar o governo do estado no pleito de 2026, ambição jamais confessada em público.

Seus planos podem esbarrar, contudo, em um processo apreciado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio que apura se Bacellar, ao lado de Castro, arquitetou um esquema irregular de contratação de 27 000 funcionários por meio da Fundação Ceperj e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Uma parte deles teria atuado como cabo eleitoral na campanha para a reeleição do governador, em 2022; a outra, apenas retirado dinheiro na boca do caixa sem nunca trabalhar. O maior volume, segundo o MP, foi sacado justamente em uma agência de Campos, a área do presidente da Alerj: 12,1 milhões de reais. Na época, ele era secretário de governo e, nas palavras do desembargador Peterson Simão, o relator, era "o gênio do mal" por trás da engrenagem. Bacellar bem que tentou desmembrar o processo, descolando-se de Castro por ver aí mais chances de se livrar do enrosco e também de ocupar imediatamente o cargo de governador caso a chapa seja definitivamente cassada (Thiago Pampolha, vice de Castro, também está incluído na ação). A tática, porém, foi derrubada pelo TRE. Agora, os próximos capítulos estão reservados ao Tribunal Superior Eleitoral. Por ora, todos permanecem no cargo.

A aproximação entre Bacellar e Castro se deu quando o agora governador ainda era vice e ele, um desconhecido representante do baixo clero. No momento em que a Casa rompeu com Wilson Witzel, então titular no Palácio, Bacel-

ALEXANDRE CASSIANO/AGÊNCIA O GLOBO

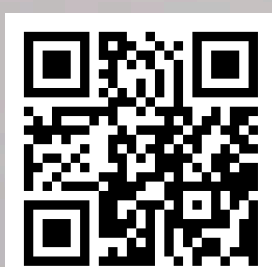
O AMIGO Cabral: conselheiro próximo de Bacellar, de quem seu filho é assessor

lar foi alçado a relator do processo de impeachment na Alerj, graças a sua notória destreza no mundo jurídico. Uma vez na função, manobrou para que o caso fosse adiante e articulou para aprová-lo. Saiu da batalha como homem forte do novo governo, àquela altura sem interlocução com deputados e prefeitos. Habilidoso, conseguiu arregimentar uma base de apoio que se revelou fundamental ao sucesso de Castro nas urnas. Com essas credenciais, o salto à presidência da Alerj era um passe quase natural.

Bacellar é visto com boa frequência no Guanabara, onde almoça com o governador. A relação é boa, mas tem

seus altos e baixos. O presidente da Alerj não fica constrangido quando "precisa" contrariar o chefe do Executivo. Ao saber que Castro não estava disposto a lhe ceder o controle das secretarias de Saúde e de Administração Penitenciária, não hesitou em instalar na Assembleia a CPI da Transparência, com o objetivo de trazer à luz números de cada pasta. Habilmente, os cargos-chave da comissão foram entregues a gente de sua extrema confiança. "Ao que tudo indica, só vão investigar as secretarias que não estão sob a responsabilidade dele", avalia um deputado.

Entre os figurões da política fluminense, o ex-governador Sérgio Cabral, que se livrou de condenações diversas por corrupção no âmbito da Operação Lava-Jato, é um dos mais próximos de Bacellar e costuma lhe dar conselhos. "Somos amigos", disse a VEJA Cabral, cujo filho, Marco Antônio, virou assessor especial do presidente da Assembleia. Centralizador, Bacellar, que preferiu não falar com a reportagem, é dado a distribuir favores e lembrado pela frieza ao atropelar adversários, como fez com Pampolha. Filiado ao União Brasil, o vice de Castro foi obrigado por Bacellar a migrar para o MDB para não atrapalhar o projeto do presidente da Alerj de concorrer ao governo em 2026, posição que Pampolha também almeja. Resta saber, antes de tudo, quem estará vivo até lá. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de
Diego Gimenes e Felipe Erlich

TAIS PEYNEAU/AGÊNCIA PETROBRAS

DE VOLTA Refinaria Abreu e Lima, alvo da Lava-Jato: a Novonor quer tocar obras

“Questão de honra”

A Novonor (ex-Odebrecht) está em fase de qualificação de proposta para tomar parte das novas obras na **Refinaria Abreu e Lima,** em Pernambuco, alvo da Operação Lava-Jato. “Esse projeto é questão de honra para nós”, diz um diretor da Novonor.

Mão levantada

A empreiteira também quer atuar em obras de reconstrução do Rio Grande do Sul. Em 2005, a construtora foi a única estrangeira a participar de projetos de engenharia em Nova Orleans, nos Estados Unidos, após o Furacão Katrina. Há conversas para isso com o governador gaúcho, Eduardo Leite.

Olhos na Amazônia

Sediado em Belém, o Banco da Amazônia vai captar, até o final do ano, entre 80 milhões e 100 milhões de dólares junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento. Os recursos serão usados principalmente para aumentar a oferta de crédito voltado ao desenvolvimento da região.

Negócios de milhões

A butique de investimentos Seneca Evercore tem engatilhadas seis grandes fusões e aquisições que deverão movimentar, cada uma, mais de 400 milhões de reais. Os negócios serão realizados nos setores de serviços industriais, financeiros e energia.

Mudança de apetite

A empresa de restaurantes de fast-food International Meal Company (IMC), que se desfez recentemente das operações na Colômbia e no Panamá, não descarta uma nova rodada de desinvestimento em marcas brasileiras, como Viena, Brunella e RA Catering. Seu foco está nas redes Frango Assado, KFC e Pizza Hut.

Outros rumos

Sem fábrica no Brasil há três anos, a Ford segue expandindo seu centro de pesquisa e tecnologia em Camaçari, na Bahia. Em 2021, o local contava com 700 funcionários, incluindo engenheiros, técnicos e pesquisadores. Atualmente, são 1600.

Novo modelo de negócio

Prestes a sair da recuperação judicial nos Estados

Unidos, o WeWork, fornecedor de espaços de coworking, adotou um novo modelo de negócios no Brasil: *asset light* — expressão usada pelo mercado para designar a redução de ativos — e oferta de "vale-escritório" às empresas parceiras.

A vez do aluguel

No Brasil, o WeWork deixou de ter prédios próprios e passou a alugar lajes corporativas. A estratégia foi criada por Claudia Woods, ex-Uber, que agora está à frente da empresa na América Latina. "De que outra forma eu teria capilaridade em todas as capitais tão rapidamente?", diz Woods.

Passos de tartaruga

Apenas uma de cada dez empresas brasileiras já implementou projetos de inteligência artificial. Entre aquelas que introduziram a tecnologia, quase a metade (46%) está em fase inicial de adoção. O levantamento é da empresa americana de tecnologia Dell.

Bola rolando

Gestora do campeonato espanhol de futebol, a La Liga está em processo de licenciamento da marca no Brasil. O primeiro lançamento será de um brinquedo, mas há negociações também com o setor alimentício. ■

TON MOLINA/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

PREOCUPAÇÃO Haddad: ministro compartilhou texto que defende a revisão urgente das despesas com aposentadorias

CHOQUE DE REALIDADE

Números da Previdência pioram e mostram que é urgente para o país fazer uma nova reforma. Se as regras não forem alteradas, as contas públicas inevitavelmente entrarão em colapso

JULIANA ELIAS

TON MOLINA/FOTOARENA

TEIMOSIA Carlos Lupi: ministro da Previdência diz que nada precisa mudar

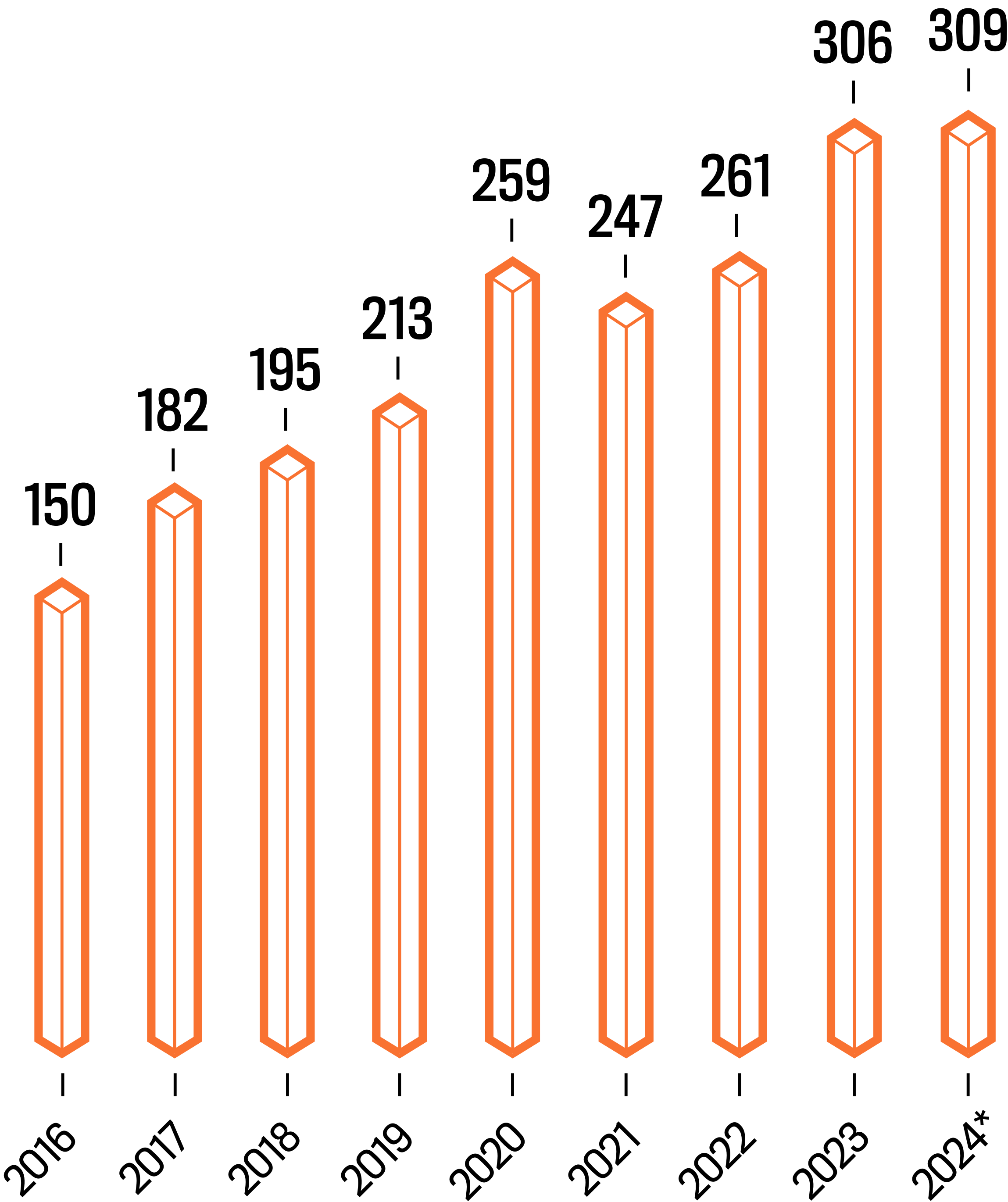
Uma publicação curta feita pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, na rede social X, foi suficiente para causar frisson entre analistas da cena política e econômica do país. "Recomendo este artigo de Bráulio Borges sobre a dinâmica recente das contas públicas", escreveu Haddad, indicando o link para a longa análise feita pelo pesquisador da Fundação Getulio Vargas. A surpresa (positiva, vale ressaltar) ocorreu porque as conclusões de Borges vão, em grande medida, na di-

reção oposta ao que o núcleo do governo Lula prega. Elas defendem a necessidade de cortar gastos, criticam frouxidões do novo arcabouço fiscal e listam propostas polêmicas, como a revisão nas despesas da Previdência. Não é à toa que, no texto, esta seja diagnosticada como um grande gargalo brasileiro — as aposentadorias, pensões e outros benefícios previdenciários já consomem mais da metade do orçamento da União. A outra metade, espremida a cada ano, deve ser disputada a tapas por todo o resto, dos salários dos servidores a programas sociais como o Bolsa Família. “O déficit previdenciário já é muito significativo”, resume Murilo Viana, economista especializado em contas públicas.

Entre as propostas de Borges está a sugestão de desvincular o salário mínimo do piso da Previdência e do Benefício de Prestação Continuada (BPC), pago a idosos e pessoas de baixa renda com deficiência. Desde a Constituição de 1988, esses benefícios acompanham o mínimo salarial do país. Em tempos de orçamento apertado, tal indexação ficou especialmente incômoda com o retorno de Lula ao Planalto e de sua política de valorização do salário mínimo, que garante aumentos anuais acima da inflação. “A política é importante para melhorar o nível de renda dos trabalhadores, mas, na Previdência, essa fórmula precisa ser discutida”, diz Luiz Eduardo Afonso, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

Cerca de 70% dos 33 milhões de aposentados e pensionistas do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) rece-

O ROMBO SÓ AUMENTA

A evolução do déficit da Previdência (em bilhões de reais)

*Doze meses encerrados em fevereiro

Fonte: *Boletim Estatístico da Previdência Social*

MELINA D' LOURDES/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

CONTAS NÃO FECHAM Posto do INSS: rombo acima de 300 bilhões de reais

bem o piso previdenciário de 1 412 reais, o valor atual do salário mínimo. No BPC, 5,8 milhões de pessoas embolsam a cifra mínima. A conta do governo para 2025 é de que, para cada 1 real a mais no salário mínimo, os gastos com a Previdência e o BPC crescerão 359 milhões de reais. A previsão é que o piso nacional vá para 1 502 reais no ano que vem.

A ministra do Planejamento, Simone Tebet, parece concordar com as proposições de Bráulio Borges. "Vamos ter

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

MAIS VELHOS Praia no Rio: aumento da população de idosos é um desafio

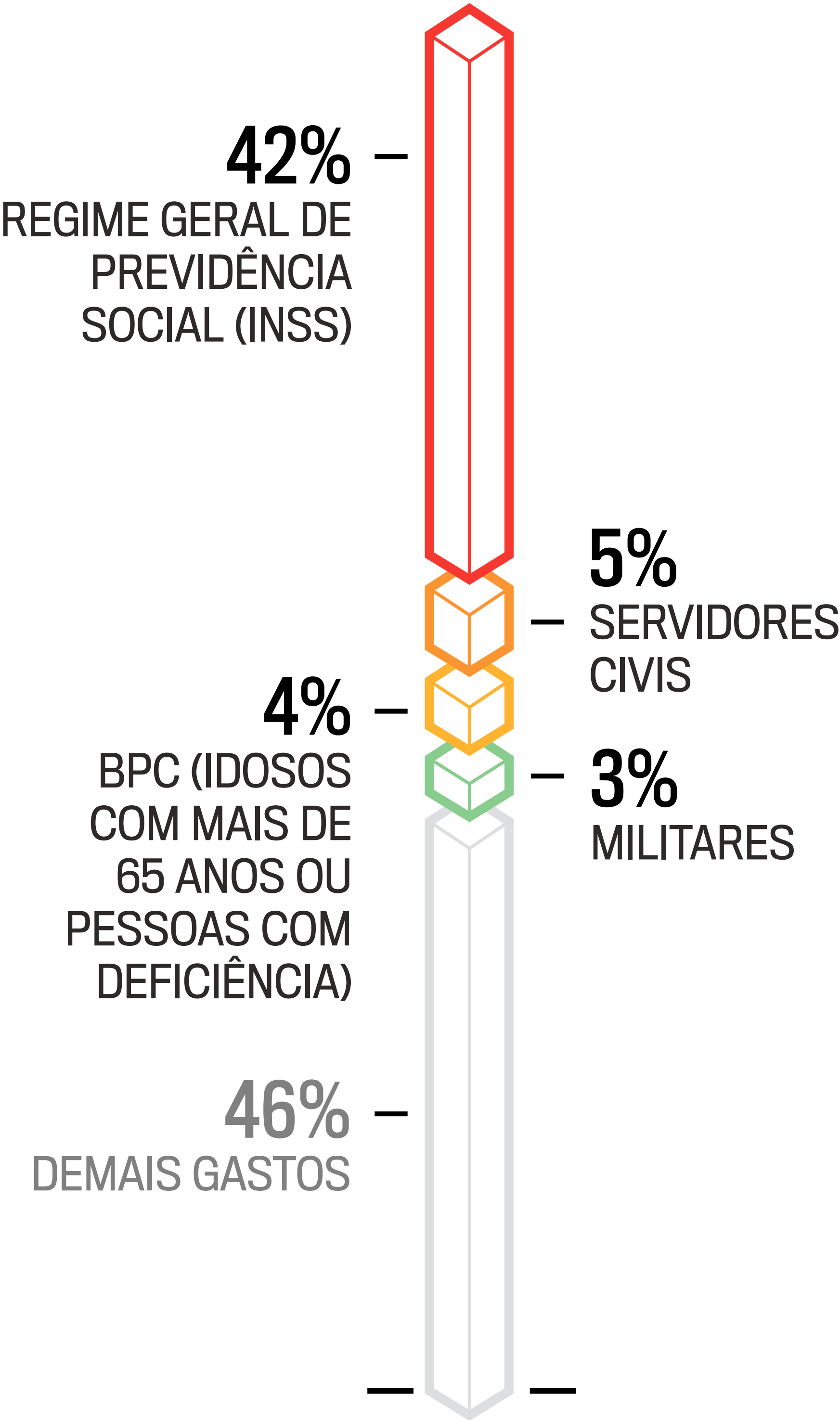
de fazer isso pela convicção ou pela dor”, disse ela em entrevista ao jornal *Valor Econômico,* referindo-se à possibilidade de ajustes na Previdência que incluem desvincular os benefícios da variação do salário mínimo. Implementar a medida certamente não seria fácil. O ministro da Previdência, Carlos Lupi, afirmou que nem ele, nem Lula seriam favoráveis à mudança de regras. Alguns especialistas dizem que a proposta pode morrer de morte natural, já que é a própria

Constituição que determina o salário mínimo como o piso da Previdência, e esse seria um direito pétreo, ou seja, não pode ser mudado.

O fato é que o debate trouxe a Previdência para o centro dos holofotes, embora a questão dos reajustes seja apenas uma parte do problema. Em 2023, o déficit previdenciário — isto é, quanto o sistema gasta mais do que arrecada — passou pela primeira vez dos 300 bilhões de reais, e isso apenas quatro anos depois da grande reforma, feita com o objetivo de arejar suas contas. O número, porém, considera apenas os aposentados do INSS. Se a folha com os servidores civis e militares inativos também entrar na conta, o rombo supera os 400 bilhões de reais, cerca de 4% do PIB, e os gastos anuais saltam para perto de 1,2 trilhão de reais, 54% de todo o orçamento do ano passado. “Em 1987, isso representava 19% dos gastos”, diz o ex-secretário do Planejamento Raul Velloso. Os investimentos em infraestrutura, por sua vez, saíram de 16% do orçamento federal à época para menos de 2% hoje, de acordo com ele. “Sem investimento, não é à toa que o país não cresce, e a solução passa por mexer na Previdência”, afirma Velloso.

É cada vez maior o coro de analistas que alertam para o fato de que será inevitável fazer uma nova reforma da Previdência — e logo. “A reforma de 2019 foi muito importante, mas deixou de lado questões delicadas que cobrariam seu preço depois”, diz o economista Fabio Giambiagi, um dos principais estudiosos da Previdência no Brasil. Giambiagi

CONTA ALTA

As despesas ligadas à Previdência responderam por 54% do Orçamento federal em 2023

Fonte: *Tesouro Nacional*

lança em junho o livro *A Reforma Inacabada: o Futuro da Previdência Social no Brasil,* escrito com Paulo Tafner, um dos pais da reforma aprovada em 2019.

Entre os principais pontos que precisarão voltar a ser discutidos estão novos aumentos na idade mínima — atualmente, ela está em 65 anos para homens e 62 para mulheres —, a equiparação dessas idades para os dois grupos e a mesma desvinculação do salário mínimo sugerida por Tebet. Revisar a aposentadoria dos militares, poupados em 2019, e replicar as novas regras para os servidores dos estados e municípios, que acabaram desobrigados na primeira reforma, são outras urgências na fila.

O economista Rogério Nagamine, outro grande pesquisador do tema, alerta ainda para a bomba-relógio dos microempreendedores individuais (MEIs). Criado em 2008 para facilitar a formalização, o regime de tributação especial recolhe de cada MEI 5% do salário mínimo para o INSS. Para ter ideia, a cobrança dos demais contribuintes individuais, aqueles sem vínculo com uma empresa, é de 11% a 20% de seu salário de referência. "Os MEIs já representam 11% do número de contribuintes do INSS, mas são só 1% da receita", diz Nagamine. "Eles ainda não começaram a se aposentar, mas, em alguns anos, vão gerar um déficit bilionário."

Todos esses problemas se agravam diante de um fato inexorável da demografia brasileira: o aumento da população de idosos e a redução do número de jovens para contri-

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

INSUFICIENTE Aprovação da reforma em 2019: o texto precisa de ajustes

buir. “A Previdência é um sistema vivo”, diz Paulo Tafner. “Não há uma reforma que será a mãe das reformas e acabou. A Previdência precisa ser ajustada permanentemente.” A questão é os governantes aceitarem a realidade e tomarem coragem para encarar a impopular tarefa de fazer, sem demora, uma nova reforma da Previdência. Os especialistas divergem quanto às medidas a tomar. Mas são unânimes no aviso: se nada for feito, as contas públicas vão entrar em colapso. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

UM DISCURSO ECONÔMICO ARCAICO

O PT não entende o valor do BC independente e outros avanços

Em coluna na *Folha de S.Paulo* (29/4/2023), o economista Joel Pinheiro da Fonseca discorreu sobre grupos radicais de direita e esquerda que recentemente se tornaram moderados com o objetivo de entrar no jogo político. O mesmo ocorreu com partidos de esquerda europeus criados na segunda metade do século XIX, que então professavam duas ideias radicais de Karl Marx: o acesso ao poder por uma revolução e a propriedade estatal dos meios de produção. Mudaram de opinião. O poder foi buscado pelo voto popular. E aderiram à ideia da economia de mercado sob regulação do Estado.

Dois casos são interessantes: Espanha e Reino Unido. O Partido Socialista Operário Espanhol, liderado por Felipe González, alterou os estatutos para abolir a regra sobre estatização dos meios de produção. No governo, após uma vitória histórica nas eleições gerais de 1982, González promoveu reformas estruturais que asseguraram o ingresso do país na atual União Europeia. Controlou o déficit público, privatizou estatais e garantiu independência ao banco central.

No Reino Unido, o Partido Trabalhista, no famoso artigo 4º do programa partidário, advogava o controle estatal dos meios de produção. Assumiu o governo no pós-guerra, mas erros de política econômica propiciaram a vitória esmagadora de Margaret Thatcher em 1979. Os trabalhistas foram alijados do poder por dezoito anos, o que os convenceu da necessidade de abandonar ideias arcaicas. Seu líder, Tony Blair, conseguiu revogar o artigo 4º, o que teve forte influência na grande vitória do partido trabalhista britânico nas eleições gerais de 1997. Blair manteve a política econômica de Thatcher, privatizou estatais e concedeu independência ao banco central.

Aqui, o Partido dos Trabalhadores nunca defendeu a ditadura do proletariado. Preferiu chegar ao poder pelo voto popular. Não adotou, todavia, a visão da esquerda europeia na área econômica. Aferra-se a ideias econômicas equivoca-

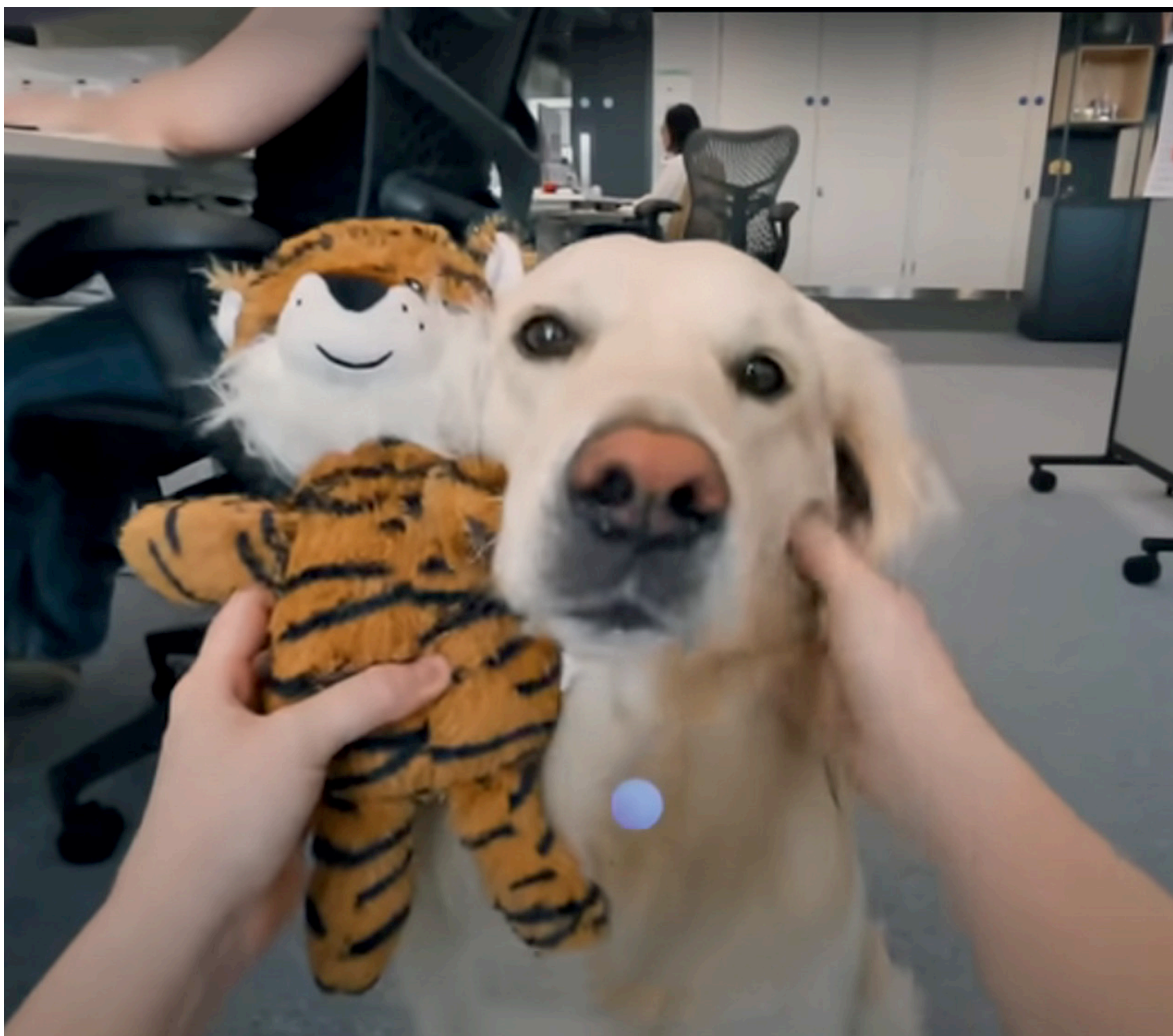
"O maior líder do partido, o presidente Lula, deseduca a sociedade em questões fiscais básicas"

das. Não entende o valor da independência do Banco Central. Acredita que o gasto público é o que impulsiona o crescimento, e não a produtividade. Demanda aumentos reais irrestritos do salário mínimo, sem notar seus danosos efeitos na Previdência (dois terços dos benefícios são reajustados pelo mínimo). Em dez anos, os custos acumulados dessa política pública eliminarão todos os ganhos da reforma previdenciária de 2019.

Seu maior líder, o presidente Lula, deseduca a sociedade em questões fiscais básicas. Vive a propagar uma diferença inexistente entre gastos e investimentos como os da educação. Na verdade, ambos consomem recursos escassos. Critica os que o alertam para o abismo. Recentemente, declarou que a discussão sobre déficit público, que se trava no Brasil, não existe em outros países. Isso é verdade, mas não pelo motivo que imagina o presidente. Nos países que levam a sério o Orçamento, o que não é o nosso caso, esse assunto está pacificado. Ninguém questiona a necessidade de controlar o déficit.

O PT e o país ganhariam se Lula e o partido modernizassem seu pensamento econômico. ■

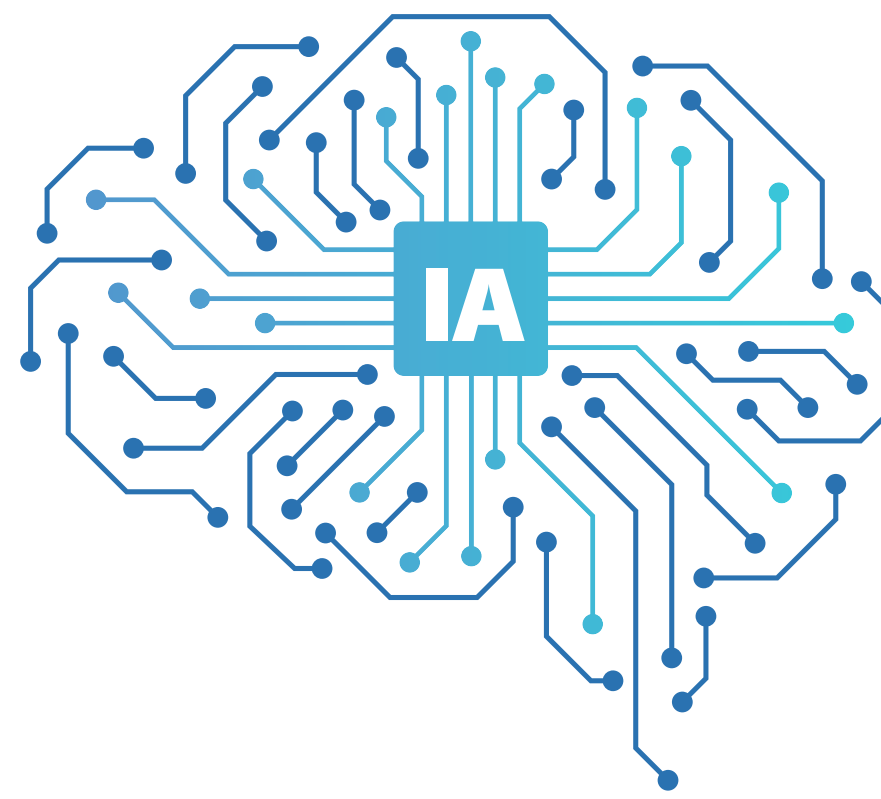
DISPUTA PELO FUTURO

Google e OpenAI competem com inteligência artificial que é capaz de enxergar e descrever o ambiente físico, além de manter conversas "humanizadas" com as pessoas **CAMILA BARROS**

REPRODUÇÃO

NÃO É FICÇÃO Câmera de IA "conversa" com cachorro: novos avanços da tecnologia acirram concorrência no mercado

NO FILME *Ela*, de 2013, Samantha é uma assistente virtual de celular que se comunica como uma pessoa, com senso de humor afiado e capacidade surpreendente de aprimorar sua inteligência. Solitário e introvertido, o humano Theodore cria laços profundos com o programa, numa história considerada, à época, um misto de comédia romântica e ficção científica. Pouco mais de dez anos depois, o roteiro do longa está prestes a se tornar realidade. Lançado há alguns dias, o GPT-4o, nova versão de inteligência artificial da empresa americana de tecnologia OpenAI, soa como a Samantha do filme. Trata-se de uma inteligência artificial simpática e engraçada, que não economiza em expressões, na versão em português, como "hum", "então", "ah" e "tipo", o que torna a sua fala mais natural. Com a câmera do celular ativada, ela consegue enxergar e descrever o ambiente em tempo real, como se fosse uma pessoa. Trata-se, em suma, de uma IA "humanizada", para usar uma palavra citada por seus fabricantes.

A OpenAI não está sozinha nesse campo. Apenas um dia após o seu lançamento, o Google anunciou o Projeto Astra, uma assistente virtual com funcionalidades semelhantes, ainda sem data para chegar ao público. Em um vídeo demonstrativo (basta digitar "Projeto Astra" no YouTube para encontrá-lo), a assistente consegue reconhecer objetos e se lembrar de detalhes do espaço, além de ajudar a resolver problemas em tempo real. "Estamos

CONFRONTO DE GIGANTES

A linha do tempo de lançamentos do Google e da OpenAI

NOVEMBRO DE 2022

A OpenAI lança o ChatGPT, o primeiro chatbot de IA projetado para imitar o comportamento humano

MARÇO DE 2023

O Google lança o Gemini (antes conhecido como Bard), chatbot concorrente do ChatGPT

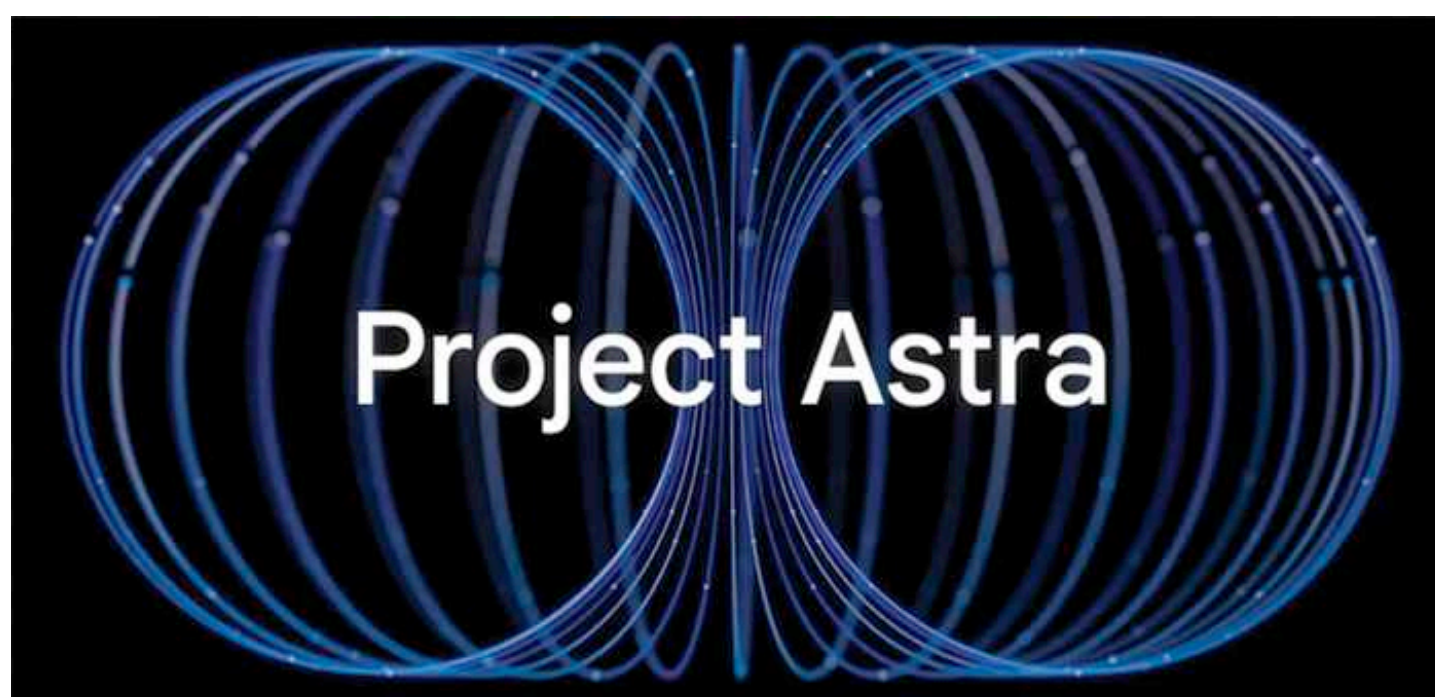
MARÇO DE 2023

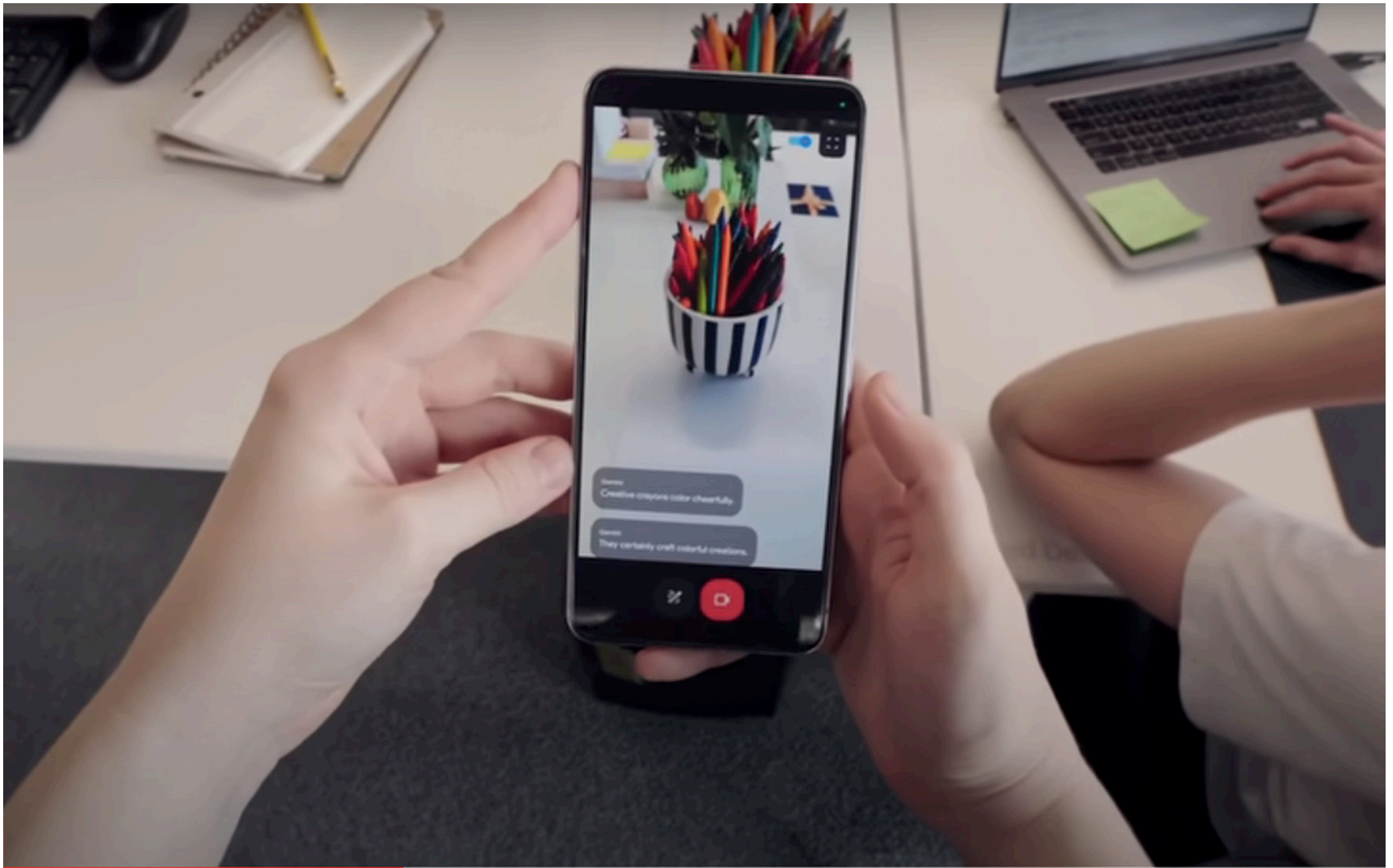
Nasce a versão GPT-4 da OpenAI, mais rápida e capaz de interpretar gráficos e imagens

DEZEMBRO DE 2023

A atualização do Gemini pelo Google permite inserir comandos com áudio, imagem e vídeo

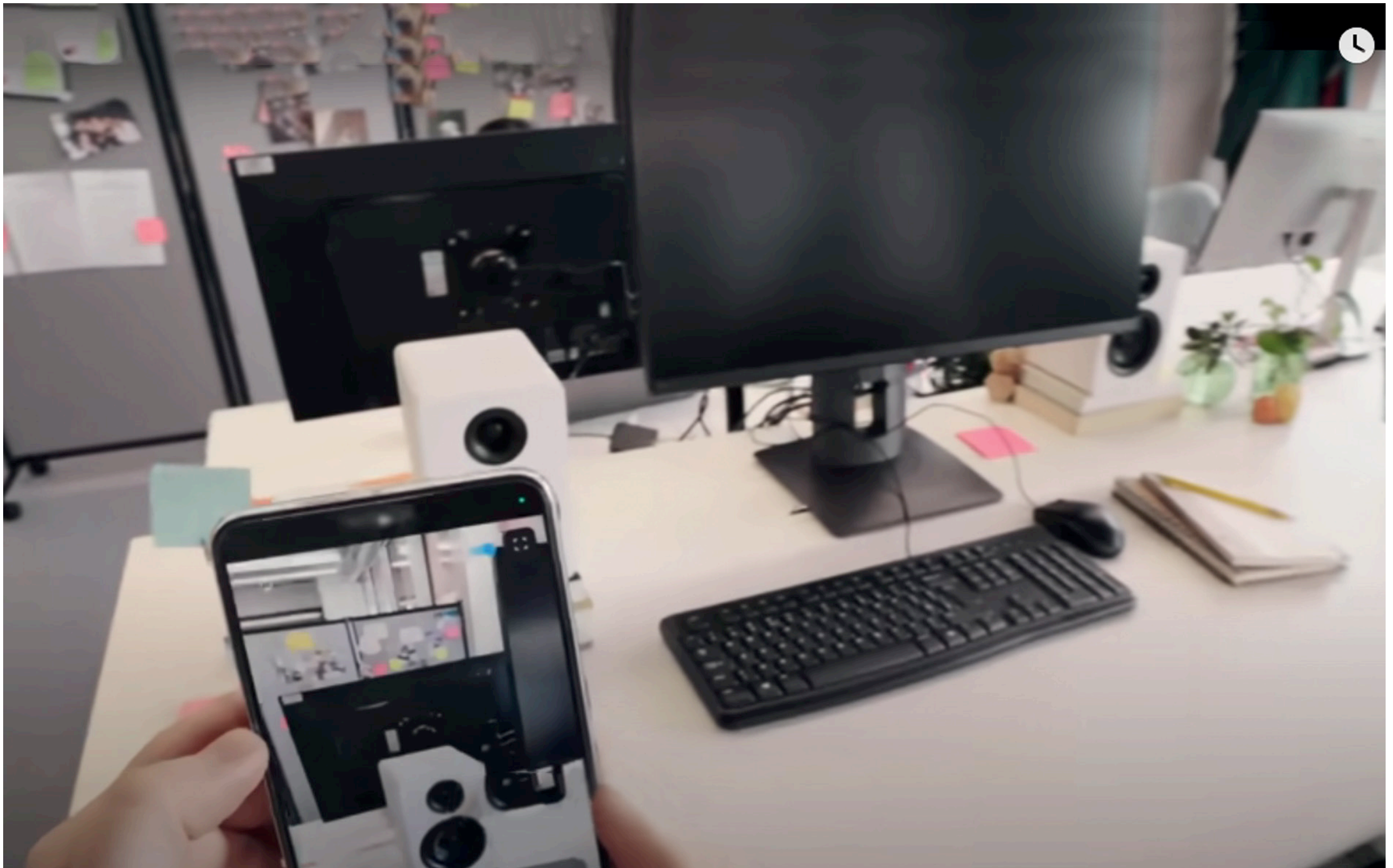
MAIO DE 2024

É a vez do GPT-4o, da OpenAI, que foi projetado para emular emoções e reagir a imagens ao vivo

MAIO DE 2024

Para contra-atacar, o Google anuncia o Projeto Astra, assistente pessoal que compreende e interage com vídeos ao vivo

REPRODUÇÃO

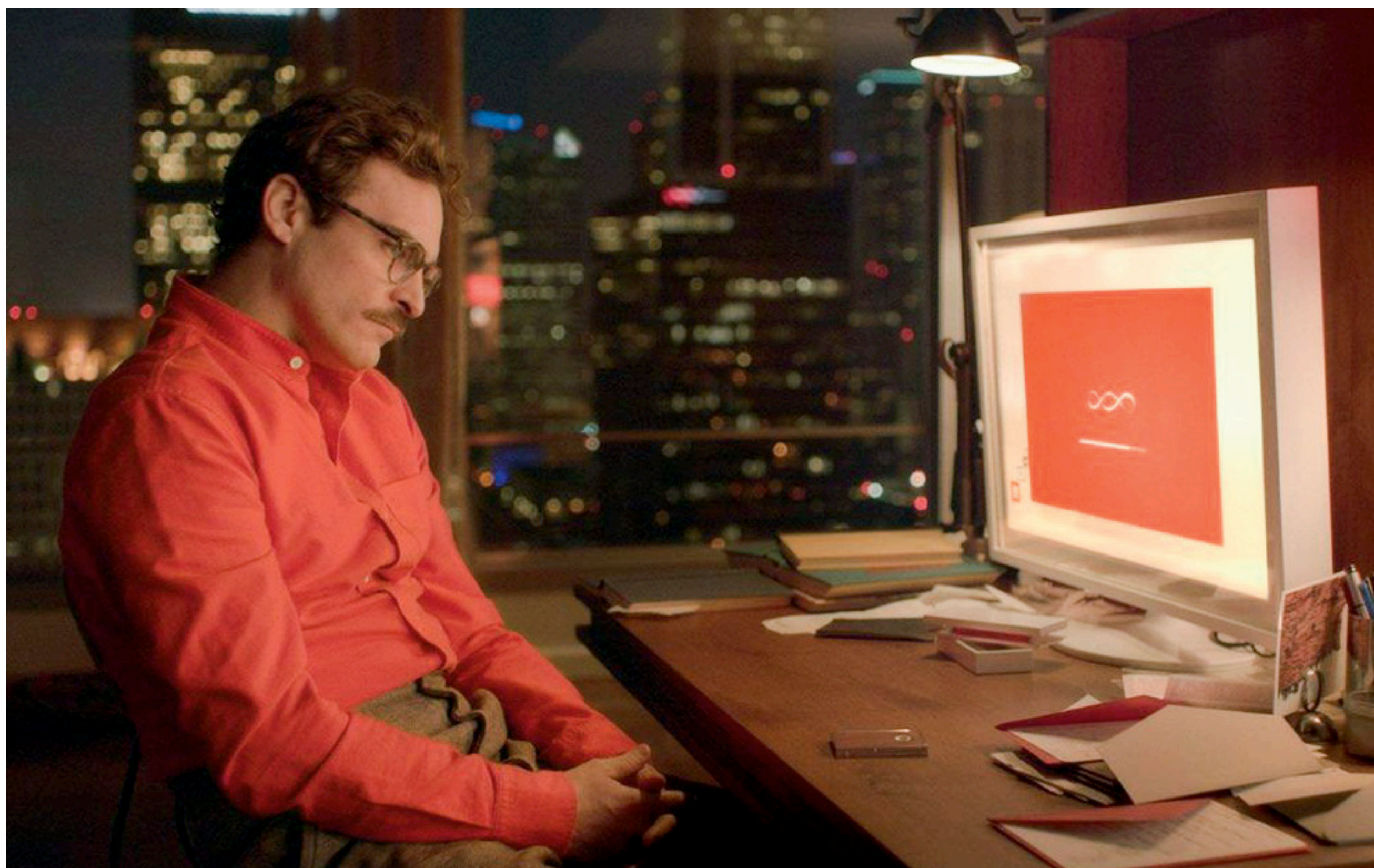
OLHAR ATENTO No celular: software detalha tudo o que encontra no caminho

evoluindo e inovando em diferentes frentes de aplicação da IA", comunicou o Google por meio de nota. "Não se trata de uma corrida, mas de entregarmos inovação tecnológica com impacto positivo real às pessoas."

Não é de hoje que Google e OpenAI lideram inovações no campo da inteligência artificial. Em uma parceria de 13 bilhões de dólares com a Microsoft, a OpenAI lançou em 2022 o ChatGPT, chatbot inteligente que ganhou fama instantânea. Após o boom do ChatGPT, o Google não demorou para se equiparar: meses depois, lançou o Gemini (antes conhecido como Bard), chatbot com as mesmas características do concorrente. Desde então, Google e Microsoft (por meio da OpenAI) se consolidaram como líde-

REPRODUÇÃO

FORTUNA IA do Google: empresa investirá 100 bilhões de dólares na tecnologia

res no desenvolvimento da nova tecnologia — e estão elevando o jogo para um novo nível. "As duas empresas disputam cada palmo do mercado de inteligência artificial", diz Fábio Ayres, professor-adjunto de tecnologia no Insper. "A OpenAI saiu na frente, dominou por algum tempo, mas ainda não temos um cenário consolidado."

As big techs têm pressa e, por isso, planejam despejar grandes cifras no desenvolvimento de tecnologias na área. Recentemente, Demis Hassabis, chefe da divisão de inteligência artificial do Google, afirmou que a empresa poderá gastar estratosféricos 100 bilhões de dólares em projetos voltados para IA. "Não discutimos nossos números específicos, mas acredito que desembolsa-

DIVULGAÇÃO

NO CINEMA Cena do filme *Ela:* assistente virtual com senso de humor

remos mais do que isso ao longo do tempo", disse Hassabis. Microsoft e Apple também planejam injetar bilhões de dólares no setor.

O mercado, contudo, tem dúvidas sobre como esses gastos poderão se transformar em rentabilidade no futuro. A Meta, de Mark Zuckerberg, é prova de que os investidores estão ficando impacientes. Também apostando pesadamente no desenvolvimento de IA, Zuckerberg disse que ainda demoraria tempo para que os investimentos gerassem algum retorno para a companhia — depois de tal afirmação, a cotação das ações da Meta chegou a cair 10%. De todo modo, é inegável que a IA deixou o terreno da ficção científica para virar realidade. ■

PROVA DE FOGO

Após seis meses, Milei tenta tecer acordos com políticos de quem desdenhava pouco tempo atrás – movimento vital para destravar medidas que ambicionam "refundar o Estado"

ERNESTO NEVES

CAINDO NA REAL
Milei: a Lei de Bases empacou no Senado

SIMONA GRANATI/CORBIS/GETTY IMAGES

Seis meses depois de acomodar-se na cadeira presidencial com um projeto de virar a Argentina de cabeça para baixo, política e economicamente, Javier Milei colhe elogios de economistas e do próprio Fundo Monetário Internacional (FMI) por haver colocado a inflação galopante em viés de baixa e, graças a um corte fulminante de subsídios, registrar o primeiro trimestre de superávit primário do país em mais de uma década. Ele ainda peleja, no entanto, para fazer vingar no Parlamento seu pacote de medidas reformistas, do qual sua gestão depende para efetivamente produzir resultados duradouros — uma dificuldade para lá de esperada, mas que não deixa de minar, aos poucos, o entusiasmo popular pela prometida revolução ultraliberal. É portanto contra o relógio que Milei se mexe para tentar pôr para frente um calhamaço de artigos batizado de Lei de Bases, mais conhecido como Lei Omnibus (para todos, em latim).

Diante dos inúmeros sinais de que seria barrado no Senado, o projeto foi retirado da pauta pelos próprios governistas, que nestes últimos dias se dedicam às costuras de bastidor para cooptar os mesmos políticos contra os quais, durante a campanha, o atual ocupante da Casa Rosada esbravejava: “Vocês são a casta”. O choque de realidade que se apresenta a Milei veio na forma de muita negociação em torno desse abrangente plano que, no conjunto, pretendia implantar vastas reformas ao mesmo tempo, retirar benefícios das várias camadas da população de uma só tacada e lhe conferir superpoderes.

LUCIANO GONZALEZ/ANADOLU/GETTY IMAGES

NÃO É FÁCIL Protesto em Buenos Aires: o “remédio” se faz sentir no bolso

Na aridez da vida prática, porém, os 664 artigos se converteram em 232 e, assim, a lei foi aprovada no mês passado pela Câmara, onde desafetos diversos do presidente passaram a ironicamente se referir a ela como “micro-ônibus”. Agora, é ver no que vão dar as tratativas com os opositores no Senado, uma questão de sobrevivência para a ambiciosa investida de Milei, que ele sonhava celebrar em Córdoba com um evento envolto em pompa, o Pacto de Maio. Planejado para sábado 25, feriado nacional que marca o primeiro grito de liberdade argentino em meio ao processo de independência, em 1816, o ato, que contaria com os governadores, peças centrais no tabuleiro político local, propõe uma “refundação do Estado” sobre bases liberais. Até os últimos minutos, Milei ainda calculava a melhor saída frente às circunstâncias. “Se o pacto não for em maio, será em junho ou julho”, dizia.

A atual versão da Lei de Bases à mesa, mesmo que desidratada, prevê altos sacolejos na condução e nos rumos da Argentina. Na Câmara, Milei não obteve a carta branca que almejava para atuar por decreto por três anos em onze áreas do governo. Teve de se contentar com quatro (energia, finanças, economia e administração), e por um ano apenas. Em paralelo, conseguiu emplacar uma reforma trabalhista que flexibiliza as contratações, estende o período de experiência de novos funcionários e muda as regras de aposentadoria, mas mantém o direito de greve nos serviços essenciais e a contribuição sindical obrigatória — dois tópicos que estavam em sua mira quando brandia suas bandeiras eleitorais. Da lista que previa a privatização de todas as estatais, foram removidas duas essenciais, a petrolífera YPF e o Banco de la Nación, embora a aérea Aerolíneas Argentinas siga firme no rol. "Milei queria mudar tudo da noite para o dia, só que o jogo é muito mais complicado", enfatiza o economista Ruy Santacruz, da Universidade Federal Fluminense.

A aprovação do pacote se faz crucial para sedimentar alguns bons resultados já registrados nesses seis meses. Em abril, a inflação, maior chaga nacional, recuou para um dígito, ficando em 8,8% versus os 11% de março, e as contas do governo fecharam no azul pela primeira vez em dezesseis anos, marca festejada pelo mercado financeiro. Até o peso, a castigada moeda nacional, ganhou relativa estabilidade, após praticamente virar pó na gestão anterior, conduzida pelo peronista Alberto Fernández. Tais avanços, lembram

MARTIN COSSARINI/DPA/GETTY IMAGES

VIÉS DE BAIXA Ida ao supermercado: inflação controlada e dinheiro contado

os observadores de plantão, é fruto de um arrocho brutal, incluindo aí cortes de subsídios e benefícios que tiveram reflexos no bolso. No curto prazo, isso vem contribuindo para elevar o nível da pobreza, que passou de 44% para 60% da população desde dezembro, e desacelerar a economia. A projeção é de que o PIB sofra contração de 3,3% este ano.

Em um roteiro previsível — Milei havia avisado que o “remédio seria amargo” e a oposição já se inflamava desde a largada —, as poderosas máquinas sindicais dos *hermanos* começaram a se movimentar. No início de maio, uma greve geral contra as reformas paralisou os transportes e tomou as ruas das grandes cidades. “Milei precisa se apressar, já que a confiança da população vem caindo à medida que se apro-

funda a recessão", avalia o economista Livio Ribeiro, sócio da consultoria BRCG. Mesmo tendo perdido treze pontos de aprovação, ele ainda está bem instalado na faixa dos 45%, mas sabe que deslanchar sua reforma fiscal é pré-requisito para atrair investimentos e melhorar as contas do governo.

O equilíbrio fiscal compõe o decálogo mileiano, este que ele quer levar aos holofotes no Pacto de Maio, assim como a inviolabilidade da propriedade privada e a redução do gasto público a 25% do PIB. Também é citado o compromisso das províncias de seguirem de vento em popa com a exploração dos recursos naturais, agenda que fere ambientalistas e tem por objetivo angariar apoio dos governadores, interessados no afluxo de dinheiro. "Na Argentina, sem o apoio dos líderes das províncias, é muito difícil ampliar o capital político", explica o economista Francisco Olivero, da Universidade Torcuato Di Tella, em Buenos Aires.

Caminhando sobre tão delicada linha, em que o amargor das medidas já em execução não pode passar do ponto, Milei encarregou a irmã, Karina, à frente da Secretaria-Geral da Presidência, e seu assessor mais próximo, Santiago Caputo, das negociações no Senado. Os três compõem o que já se habituou a chamar de "triângulo de ferro", grupo no qual o presidente se destaca pela língua ferina. Adepto da cartilha da extrema direita global, vire e mexe o mandatário de madeixas revoltas produz frases de efeito, desviando o foco dos enroscos domésticos e, não raro, provocando desnecessárias dores de cabeça.

PABLO BLAZQUEZ DOMINGUEZ/GETTY IMAGES

CRISE À TOA Sánchez com Begoña: acusação levou à volta da embaixadora

Na terça-feira 21, desencadeou uma crise com a Espanha durante a conferência em Madri do Vox, sigla da ultradireita espanhola, onde partiu para o ataque à primeira-dama Begoña Gómez, mulher do primeiro-ministro socialista, Pedro Sánchez. Chamou-a de "corrupta", numa alusão a uma investigação já arquivada contra ela. Em resposta, o premiê convocou a embaixadora em Buenos Aires de volta para casa. Um pedido de desculpas teria amainado os ânimos, mas Milei não deu um pio. Não foi a primeira vez. Já estiveram em sua mira os presidentes Gabriel Boric, do Chile, Gustavo Petro, da Colômbia, e até o papa Francisco. Assim, ele mantém a turma radical mobilizada, e só. Para dar mesmo o salto que pretende, é recomendável agir com mais prudência. ■

VILMA GRYZINSKI

LIBERDADE PARA INICIANTES

As "seis lições" do austríaco Ludwig von Mises ganham nova vida

HÁ MUITOS ENGANOS, exageros e obsessões ideológicas. Mas não é ruim que, diante do dilúvio apocalíptico que assola o Rio Grande do Sul, haja um debate sobre o papel dos cidadãos e do Estado. É um debate permanente: qual a melhor forma para as sociedades se organizarem e que tipo de governo produz mais resultados positivos do que negativos. Coincidentemente, o debate explodiu num momento em que o pensamento original de Ludwig von Mises, o maior pregador da contenção do Estado, foi ressuscitado de uma maneira nada menos que espetacular. Pouco antes do cataclismo gaúcho, o lutador de MMA brasiliense Renato Moicano disparou o já antológico discurso no ringue que mantém os libertários até hoje em estado de êxtase. "Se quiserem salvar seu país, leiam Ludwig von Mises e as 'seis lições' da escola econômica austríaca", proclamou aos americanos, derrubando os queixos de blogueiros e podcasters mundo afora ("É indescritivelmente grandioso. Boxeadores letais se tornaram pensadores econômicos profundos", aplaudiu Jordan Peterson, comovendo seu leitor e admirador brasiliense.)

As "seis lições" sintetizam de forma acessível o pensamento do economista que, com seu discípulo Friedrich Hayek, popularizou a escola de Viena. Algumas de suas ideias parecem ingênuas — antes de nos lembrarmos que foi ele o autor original de conceitos que circulam até hoje como um antídoto ao domínio absoluto do pensamento de esquerda. Defender o capitalismo diante da ideia oposta, a de que ele está na origem de todo mal, é uma missão que Mises encarou com realismo. Não prega um futuro perfeito, um novo homem, a construção de um paradisíaco mundo sem injustiças e utopias que tanto fascínio causam. "O sistema capitalista pode ser — e de fato é — mal-usado por alguns. É certamente possível fazer coisas que não deveriam ser feitas", assumiu.

"Ele não prega um futuro perfeito, um novo homem, a construção de um paradisíaco mundo sem injustiças"

"Liberdade significa liberdade para errar", argumenta numa das tiradas das "seis lições", referindo-se à experiência intervencionista que aconteceu no coração capitalista da América, quando a abstinência alcoólica obrigatória comandada pelo Estado chegou a ser consagrada na Constituição (durou de 1920 a 1933). "Podemos ser críticos com relação ao modo como nossos concidadãos gastam seu dinheiro ou vivem sua vida. Podemos considerar o que fazem absolutamente insensato e mau." Mas o peso do Estado não deve ser jogado sobre os malcomportados — dentro da lei, evidentemente.

"A liberdade possível numa economia de mercado não é a liberdade perfeita num sentido metafísico. Mas a liberdade perfeita não existe. É só no âmbito da sociedade que a liberdade tem algum significado", preconizou o austríaco em 1959. Numa curiosa conexão com a Argentina atual, ele fez o seminário a convite do economista Alberto Benegas Lynch, um dos inspiradores libertários de Milei — seu filho e seu neto estão alinhados com o presidente que propõe um modelo radicalmente austríaco para salvar o país de seus inúmeros males. Nem que seja para ter ataques de raiva, os defensores das ideias contrárias às de Mises deveriam relê-lo. Ou passar pela experiência transformacional, para alguns, de lê-lo pela primeira vez, sintetizada pelo eletrizante entusiasmo do autodidata Renato Moicano. Qualquer pensador capaz de provocar isso merece uma chance. ■

GENTE

VALMIR MORATELLI

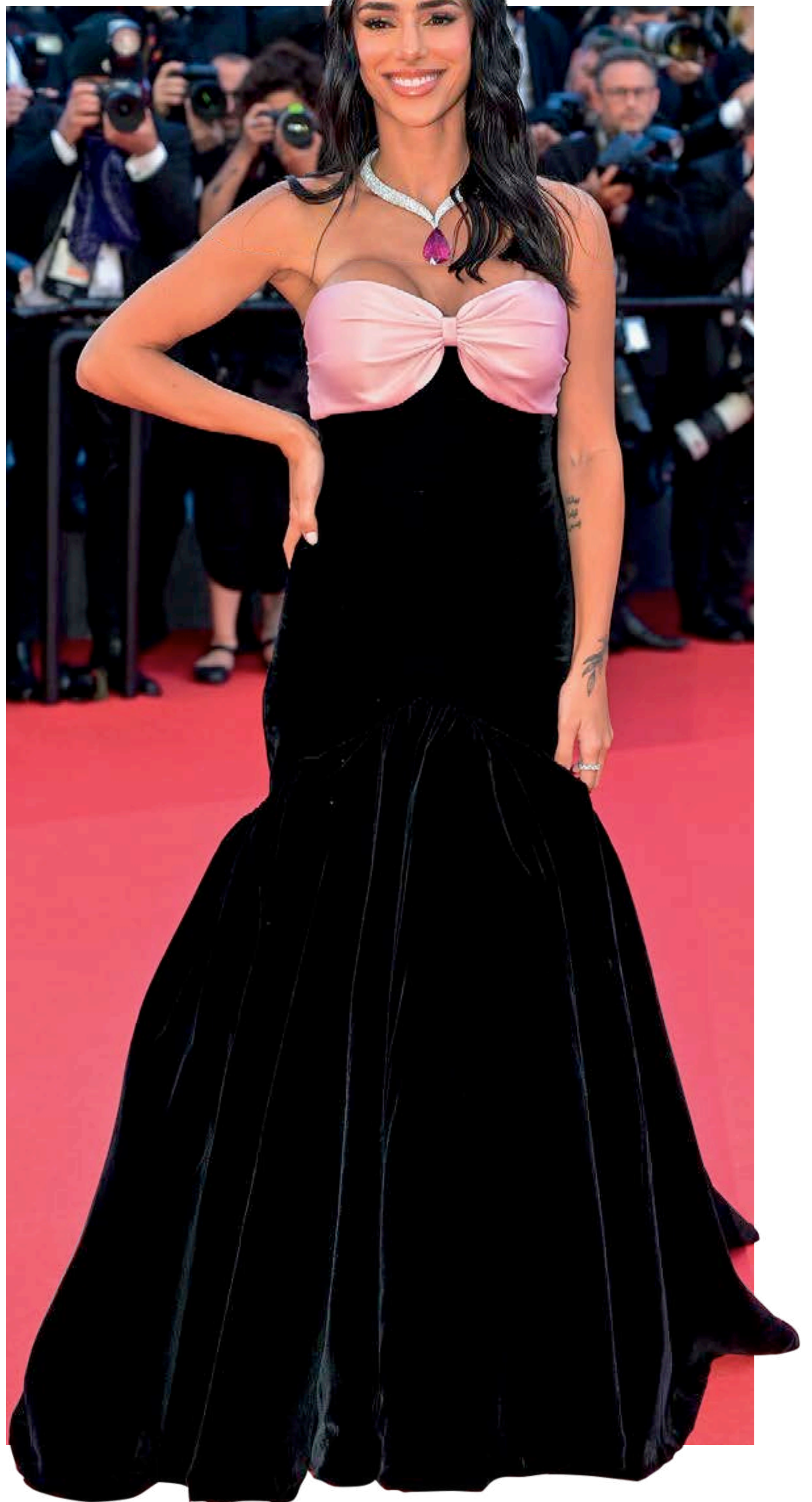
VESTIDA PARA A GUERRA

O prestigiado tapete vermelho que se estende na Croisette, avenida coalhada de celebridades a cada Festival de Cannes, ecoou um pouco das aflições que agitam pontos do globo bem distantes do sol e da luz da Riviera Francesa. Nesta 77ª edição, **CATE BLANCHETT,** 55 anos, roubou a cena fora das salas de projeção ao desfilar com um vestido preto na frente e branco atrás, que reservava uma surpresa sob as fendas: ali se pronunciavam em cetim as cores verde e vermelho da bandeira palestina. Sobre a peça, assinada por Jean Paul Gaultier, a atriz australiana manteve-se discretamente em silêncio, deixando que falasse por si só. Mas um recente discurso em que apoiou as vítimas do conflito entre os israelenses e o Hamas, no Parlamento europeu, não deixa dúvidas sobre suas motivações. "Eu não sou síria. Eu não sou iemenita. Eu não sou de Israel ou da Palestina. Eu não sou política. Mas eu sou uma testemunha", disse, com firmeza.

ANDRE PAIN/EPA/EFE

CAFÉ QUE É BOM...

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

Mãe da caçula de Neymar, com quem vive uma dessas relações cheias de idas e vindas, a influenciadora **BRUNA BIANCARDI,** 30 anos, foi uma das várias brasileiras que deram o ar da graça na Côte d'Azur para propagandear produtos sob os holofotes de repercussão global. No caso dela, tratava-se de uma marca de café, bebida que andou maldizendo num deslize difícil de apagar nestes tempos de redes. "Quem vê pensa até que eu gosto de tomar café", postou, sentada ao lado de uma xícara, para logo depois deletar a gafe. Em uma tentativa de se emendar, a modelo voltou à internet. "Eu gosto, sim. Só não sou fã de café expresso, aquele para acordar ou o que se toma após o almoço. Mas amo as possibilidades com leite, mel, sorvete", enumerou, sem convencer ninguém.

STEPHANE CARDINALE/CORBIS/GETTY IMAGES

PARA FRANCÊS VER

Depois de documentários sobre o cubano Fidel Castro e o venezuelano Hugo Chávez, **OLIVER STONE,** 77 anos, apostou em *Lula,* filme que exibiu no Festival de Cannes, sobre o percurso do brasileiro na política. Em entrevista, o diretor de sucessos como *Platoon* rasgou-se em elogios ao protagonista. "É sobre uma pessoa especial no mundo de hoje, um líder único", disse ele, que foi alvo de parte da crítica por não acrescentar ângulo novo sobre a já conhecida história do presidente e a quem até chamaram de "bajulador". A sessão ganhou ares de palanque quando brasileiros que ali estavam começaram a entoar: "Olê, olê, olá, Lula", interrompendo a exibição. Houve francês que torceu o nariz.

FOTOS GIORGIO VIERA/AFP

ALTOS E BAIXOS

Em meio a um julgamento em que a cada dia vêm à tona detalhes de seu caso com uma atriz pornô, tempos atrás, **DONALD TRUMP,** 77 anos, pediu dispensa do tribunal em Nova York para comparecer à cerimônia de formatura de ensino médio de seu caçula, **BARRON TRUMP,** 18, ao lado da ex-primeira-dama **MELANIA** *(à esq. na foto, embaixo, com o rosto escondido sob o chapéu),* de 54 anos. O menino já começa a engatinhar na política, tendo sido escolhido pelo Partido Republicano da Flórida, onde mora o clã, como um dos delegados que deverão consagrar a previsível candidatura presidencial do pai, entre 15 e 18 de julho. “Hoje meu filho muito alto se formou, foi fácil identificá-lo. Você olha para cima e o vê lá”, disse Trump, orgulhoso da altura do rapaz (2,01 metros), aproveitando os holofotes para aparecer, só sorrisos, sob uma aura paternal.

FABIO ROCHA/TV GLOBO

XÔ, INVEJA

Protagonista no remake de *Renascer,* a trama global das 9, **MARCOS PALMEIRA,** 60 anos, passou a ser chamado nas redes de *sugar daddy,* vocábulo que designa homens mais velhos e bem-sucedidos que despertam o interesse de mulheres jovens. “Sempre me encaixaram em estereótipos. Quando comecei a carreira, era o playboy carioca”, lembra ele, que também já esteve na mira de gente que o criticava por viver muitos tipos rurais na TV, seguidos de uma coleção de delegados. Marcos diz que nada disso o abala mais. “Se tenho corpo fechado para algo, é para a inveja. É um daqueles sentimentos humanos difíceis de lidar, mas aprendi”, explica. ■

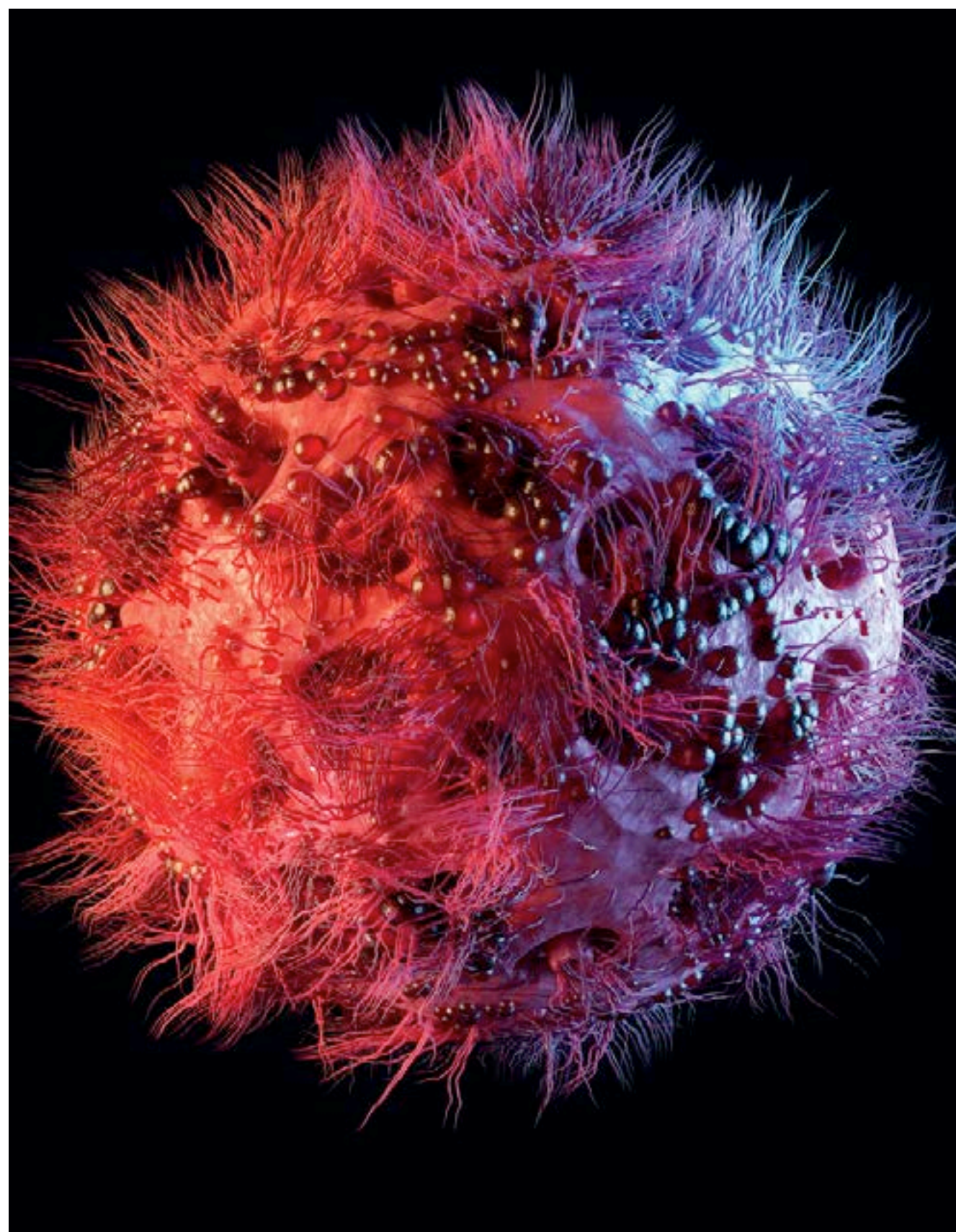
A ÚLTIMA FRONTEIRA

Uma nova leva de estudos indica ser questão de tempo até termos uma vacina contra o HIV, o vírus da aids, que há quatro décadas chacoalhou e assustou a sociedade

LUIZ PAULO SOUZA

PROMESSA Imunizante inédito: aprovação nos testes após induzir produção de anticorpos especiais

ALEKSANDR ZUBKOV/MOMENT/GETTY IMAGES

A corrida começou assim que o agente causador de uma misteriosa e apavorante síndrome da imunodeficiência adquirida, a aids, foi desvelado, em 1983. Contra um vírus, batizado de HIV, nada melhor que se armar com uma vacina. Quarenta anos depois, com um rastro de 40 milhões de mortes desde o início da epidemia e ao menos 39 milhões de pessoas convivendo com a infecção pelo mundo atualmente, o sonho de um imunizante foi por água abaixo em dezembro de 2023, quando se anunciou a descontinuação dos estudos que representavam a última chance de chegar a uma fórmula eficaz nesta década. Sim, a vacina era segura, porém inapta a combater o vírus. A busca e a luta continuaram, com um pano de fundo de quatro décadas de tentativas e 250 testes clínicos fracassados com uma candidata a deter o HIV. Agora, felizmente, a história poderá mudar. Cinco pesquisas recém-publicadas pavimentam uma renovada rota de esperança até um imunizante com potencial de escrever o último capítulo na batalha contra a aids — a

WESTEND61/GETTY IMAGES

SOB CONTROLE HIV: a ameaça diminuiu com os avanços em profilaxia

derradeira fronteira para superar uma epidemia que, desde os anos 1980, transformou a ciência e a sociedade.

A promessa está no ar e estampada em duas das mais prestigiadas revistas científicas do mundo. Na *Cell,* um estudo clínico demonstrou que uma vacina conseguiu gerar uma resposta de defesa em humanos de forma sustentada. Na *Science,* quatro investigações com animais inauguraram uma disruptiva estratégia de imunização. Todas elas têm algo em comum: procuram alavancar a produção dos chamados anticorpos amplamente neutralizantes. Contra um inimigo sofisticado, armas sofisticadas. Enquanto os anticorpos convencionais — munição do sistema imune para interceptar elementos estranhos — são suficientes para nos proteger de uma gripe ou da covid-19 com reforços vacinais a cada ano, com o HIV a coisa muda de figura. “Ele tem um relógio evolutivo incrivelmente acelerado, que bate 100 vezes mais rápido do que o do coronavírus e 100 000 vezes mais rápido que o nosso”, diz o virologista Paulo Eduardo Brandão, professor da Universidade de São Paulo (USP). Isso significa que o vírus ostenta uma altíssima taxa de mutação e um verdadeiro enxame de cepas diferentes. Daí o desafio de criar soldados e armamentos hábeis para conter tantas variantes ao mesmo tempo. A solução é apelar aos anticorpos amplamente neutralizantes.

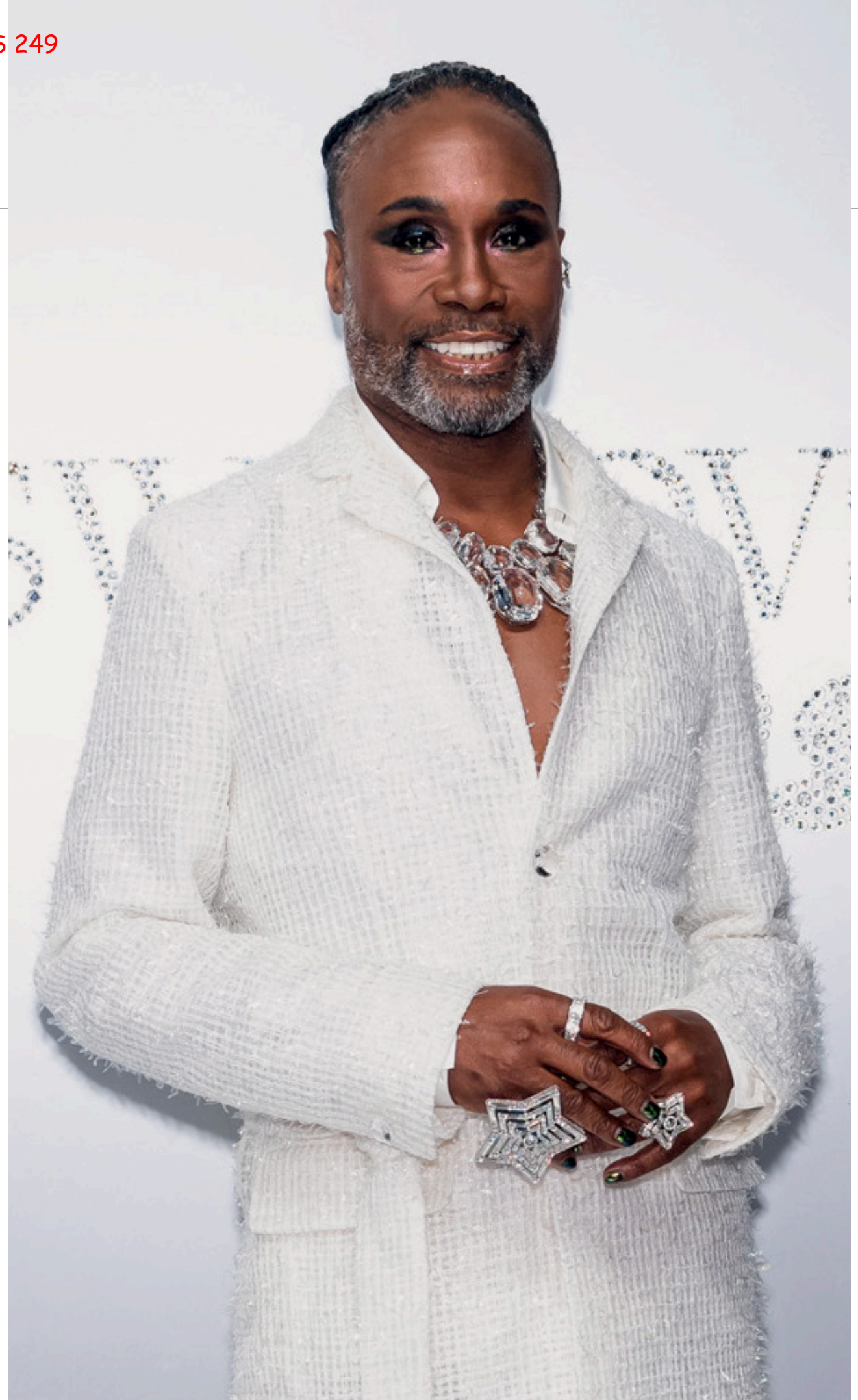
Não é tarefa fácil induzir o corpo a fabricá-los, mas os cientistas sabem que as pessoas infectadas desenvolvem naturalmente esse tipo de proteção. O problema é que isso só

DANIEL BORN/THE TIMES/GALLO IMAGES/GETTY IMAGES

PROFILAXIA PrEP e PEP: o uso preventivo de remédios derrubou a taxa de infecção

acontece tardiamente, após contrair o HIV, que, ao infectar as células de defesa, desorganiza a imunidade. O que essa nova geração de estudos busca é ajudar o organismo a deixar montado um esquadrão especial que, havendo um eventual contato com o vírus, estaria pronto para apagá-lo — um trunfo na prevenção. O segredo, finalmente dominado pelos pesquisadores, está em mirar essencialmente componentes do envelope que recobre o patógeno — a parte do vírus que menos muda de uma versão para outra —, o que oferece uma blindagem estendida. Trata-se de um complexo quebra-cabeça de laboratório. E o feito inédito de pesquisadores da Universidade Duke, nos Estados Unidos, foi justamente conseguir produzir os anticorpos barra-pesada com esse estrata-

LARRY MARANO/GETTY IMAGES

GOTHAM/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

DOIS TEMPOS Freddie Mercury e Billy Porter: o estigma ficou no passado

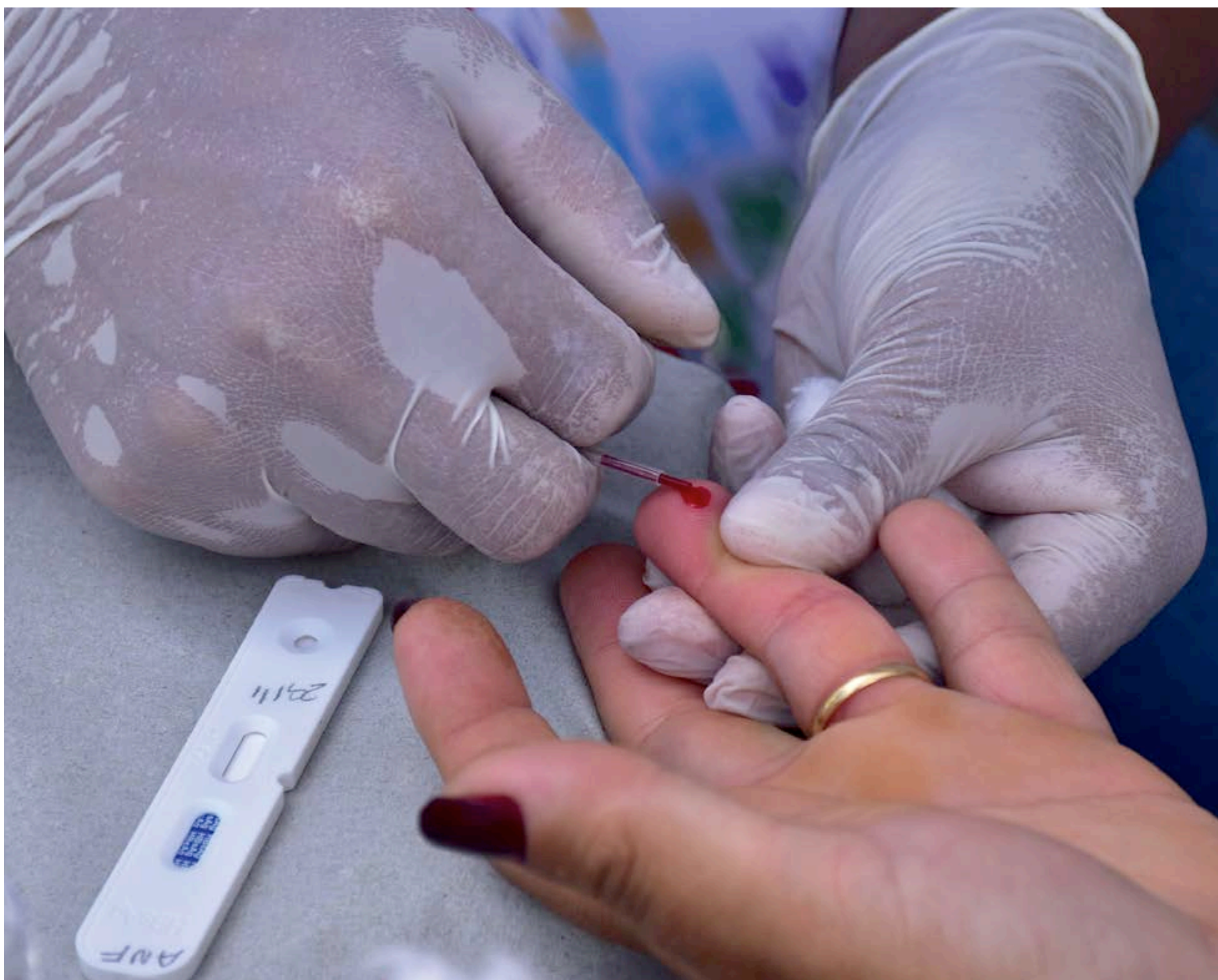
gema em gente como a gente — daí a publicação na *Cell*.

É evidente que há uma estrada pela frente até a exitosa prova de conceito render frutos em saúde pública. O ensaio envolveu um pequeno grupo de voluntários e há margem para melhoras. "Ainda não chegamos lá, mas agora o caminho a seguir está muito mais claro", diz Barton Haynes, diretor do instituto da Duke responsável pela conquista. Nesse sentido, as investigações que acabam de ganhar as páginas da *Science* podem colaborar. Em uma parceria entre o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e a Universidade Harvard, nos EUA, cientistas conseguiram estimular esses anticorpos em roedores e primatas por meio de uma técnica sem precedentes. Eles se valem primeiro de uma vacina para

despertar os linfócitos B, as células que fabricam os anticorpos. Em seguida, aplicam uma série de reforços. Aí mora o pulo do gato: em vez de robustecer a imunização com os mesmos componentes da primeira picada, como se faz tradicionalmente, eles oferecem versões ligeiramente diferentes, cada vez mais parecidas com os elementos originais do vírus. Como os experimentos revelam, isso tende a gerar anticorpos mais potentes e espertos para captar a diversidade viral.

Os achados empolgam, em que pese o fato de a ciência poder levar anos até entregar vacinas efetivas à população. É preciso ter em mente, antes que se faça qualquer comparação, que a corrida contra a covid-19, mobilizada por um esforço global diante de uma pandemia em curso avassalador, constitui certa exceção à regra. E, ainda assim, só foi viabilizada por décadas de estudos. Faz parte do jogo, e o conhecimento gerado pela aids e sua interface com o sistema imune, desde os anos 1980, foi crítico para ganharmos diversas partidas contra as doenças infecciosas. "Apesar de diversos resultados negativos ao longo do tempo, eles foram essenciais para entender o que precisa ser mudado e o que é necessário para desencadear proteção", diz o biomédico Igor de Andrade Santos, pesquisador do Instituto Pirbright, no Reino Unido. "Novos estudos como esses demonstram que existe uma gama de opções e que a ciência está perto de atingir o objetivo."

Enquanto não chegamos lá, há que comemorar outros avanços — e não foram poucos. Quando anunciado ao mundo, o HIV logo foi encarado como sentença de morte.

PRISCILA ZAMBOTTO/MOMENT/GETTY IMAGES

TESTAGEM Exame rápido: ferramenta crítica para estancar a epidemia

Ou, como entoaram os míopes fanáticos de então, uma punição divina contra a promiscuidade. Além de destruir células do sistema imune, predispondo o sujeito a males oportunistas, o HIV consegue se infiltrar no genoma humano, escondendo-se por anos, o que dificulta a cura. Mas a criação e o aperfeiçoamento dos remédios antirretrovirais representaram uma guinada espetacular. Hoje permitem que a expectativa de vida de alguém com o vírus — que no passado não superava dois anos — seja comparável à da população em geral.

Tratamento e prevenção evoluíram, mas o vírus ainda apresenta desafios

39 MILHÕES

DE PESSOAS VIVEM COM HIV NO PLANETA

29,8 MILHÕES

DELAS ESTÃO EM TRATAMENTO ANTIRRETROVIRAL

59%

É A REDUÇÃO NO NÚMERO DE NOVAS INFECÇÕES ENTRE 1995 E 2022

91%

DOS INFECTADOS NO BRASIL SABEM QUE TÊM A DOENÇA; META É 95%

81%

DOS PACIENTES NO PAÍS ESTÃO EM TRATAMENTO CONTÍNUO; META É 95%

95%

É A META ATINGIDA DE PESSOAS EM TRATAMENTO E COM CARGA VIRAL SUPRIMIDA NO BRASIL

Fontes: *Unaids e Ministério da Saúde*

Mesmo a palavra “cura”, tão cobiçada pelos pacientes e evitada pelos cautelosos experts, ganhou novos contornos com a evolução da medicina e o acesso ao tratamento — algo no qual o Brasil se tornou referência com o acolhimento e a oferta gratuita pelo SUS. Na realidade, algumas pessoas conseguiram se livrar da doença após transplantes de medula para tratar, também, um câncer. Mas essa abordagem, que promove uma depleção de todas as células imunológicas, é dispendiosa e arriscada, impossível de ser adotada em larga escala. A terapia convencional, no entanto, progrediu e tornou-se mais assertiva e com menos efeitos colaterais. “Hoje falamos em cura funcional, porque mais de 90% dos pacientes em tratamento não têm o vírus no sangue. Eles podem viver normalmente e não o transmitem mais”, afirma o infectologista Alexandre Naime Barbosa, coordenador científico da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI). Só na rede pública nacional há vinte antirretrovirais diferentes disponíveis — com uma nova alternativa para as formas mais resistentes incorporada na última semana.

O sucesso do controle viral coroa um empenho desmedido de cientistas, profissionais de saúde, pacientes e ativistas, que inclusive protestaram e enfrentaram o preconceito e o estigma do “soropositivo”. Graças a eles, a qualidade de vida de quem carrega o HIV melhorou e a transmissão da doença pôde ser mitigada. Se há alguns anos o paciente tinha de se entupir de pílulas todo dia para se cuidar, hoje boa parte deles toma apenas dois comprimidos para zerar a carga vi-

MARK KERRISON/IN PICTURES/GETTY IMAGES

SEM PRECONCEITO Movimentos sociais: o direito a uma vida normal

ral. É o fim da era do "coquetel". Outro passo decisivo nessa história foi a implementação das estratégias de prevenção com medicamentos, as chamadas profilaxia pré-exposição (PrEP) e profilaxia pós-exposição (PEP), destinadas, respectivamente, a indivíduos em maior risco ou que tiveram eventual exposição ao vírus.

Essa combinação de táticas, por si só, seria suficiente para botar um ponto-final na infecção e em sua disseminação. Pessoas em tratamento deixam de transmitir o HIV, enquanto indivíduos em profilaxia têm a probabilidade de pegar o vírus através de relações sexuais reduzida em 99%. Apesar disso, a Organização Mundial da Saúde

PER-ANDERS PETTERSSON/GETTY IMAGES

DESIGUALDADE África: o continente ainda padece com o descontrole viral

(OMS) emitiu, neste mês, um alerta para a persistência do problema — o que só aquece a expectativa por uma vacina. O número de novos casos de HIV diminuiu menos do que se esperava entre 2020 e 2022 — de 1,5 milhão para 1,3 milhão em todo o mundo —, ao passo que outras infecções sexualmente transmissíveis seguem em ascensão. No Brasil, a situação não é diferente, muito embora o continente africano continue sendo o maior polo de desafios. “Nosso país despontou com um programa de vanguarda, oferecendo tratamento gratuito e universal e adotando a profilaxia com rapidez”, diz o sociólogo e especialista em saúde coletiva Alexandre Grangeiro, professor da USP. “Mas, nos

DIVULGAÇÃO

PACIENTE ZERO? Gaëtan Dugas: o comissário carregou, injustamente, a culpa de espalhar o vírus nos EUA

últimos anos, houve um desfinanciamento das políticas e um afastamento entre os ministérios, ficando todo o trabalho a cargo da pasta da Saúde."

As consequências se fazem notar: embora a mortalidade causada pelo vírus tenha reduzido em 25% na última década, o número de novos casos permanece estável e ainda afeta desigualmente populações negras e minorias. Há, entretanto, modelos a ser seguidos. Apesar de não destoar do programa nacional, a cidade de São Paulo, além de eliminar completamente a transmissão vertical de mãe para filho, conseguiu derrubar em 45% a taxa de novas infecções entre 2016 e 2022, reflexo de um plano consistente amparado na

UMA LONGA CAMINHADA

Da descoberta do vírus ao melhor controle atual da doença, a história do HIV é a do avanço científico

1981

É PUBLICADO O PRIMEIRO RELATÓRIO MÉDICO SOBRE A DOENÇA QUE UM ANO DEPOIS FICARIA CONHECIDA COMO AIDS

1983

O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV), CAUSADOR DA SÍNDROME, É IDENTIFICADO

1984

O ESTIGMA DA "PESTE GAY" COMEÇA A SER DEMOLIDO, A COMUNIDADE CIENTÍFICA DESCOBRE QUE A DOENÇA TAMBÉM ATINGE HETEROSSEXUAIS

1987

APROVADA NOS ESTADOS UNIDOS A PRIMEIRA DROGA PARA TRATAMENTO DA CONDIÇÃO, O AZT

1994

SURGE O PRIMEIRO TRATAMENTO CAPAZ DE REDUZIR A CHANCE DE TRANSMISSÃO DE MÃE PARA FILHO

1996

DESPONTA A PRIMEIRA COMBINAÇÃO DE MEDICAMENTOS PARA MELHORAR O CONTROLE DA INFECÇÃO.
CONSOLIDA-SE O "COQUETEL"

1997

O BRASIL É O PRIMEIRO PAÍS DO MUNDO A OFERECER TRATAMENTO ANTIRRETROVIRAL GRATUITAMENTE PELO SUS

2010-2017

O USO DE REMÉDIOS COMO PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO (PrEP) SE MOSTRA EFETIVO E É LIBERADO COMO PREVENÇÃO

2019

O MEDICAMENTO INJETÁVEL DE LONGA DURAÇÃO PROVA SER EFICAZ EM EVITAR NOVAS INFECÇÕES

2024

O GOVERNO BRASILEIRO INCORPORA O PROTOCOLO QUE FACILITA A ADMINISTRAÇÃO DO TRATAMENTO COM MENOS COMPRIMIDOS POR DIA

ampliação do acesso a exames e remédios. “Levar serviços de prevenção para espaços públicos e populações estigmatizadas é uma estratégia que tem se mostrado exitosa”, afirma Cristina Abbate, coordenadora de IST/Aids da Secretaria Municipal da Saúde paulistana.

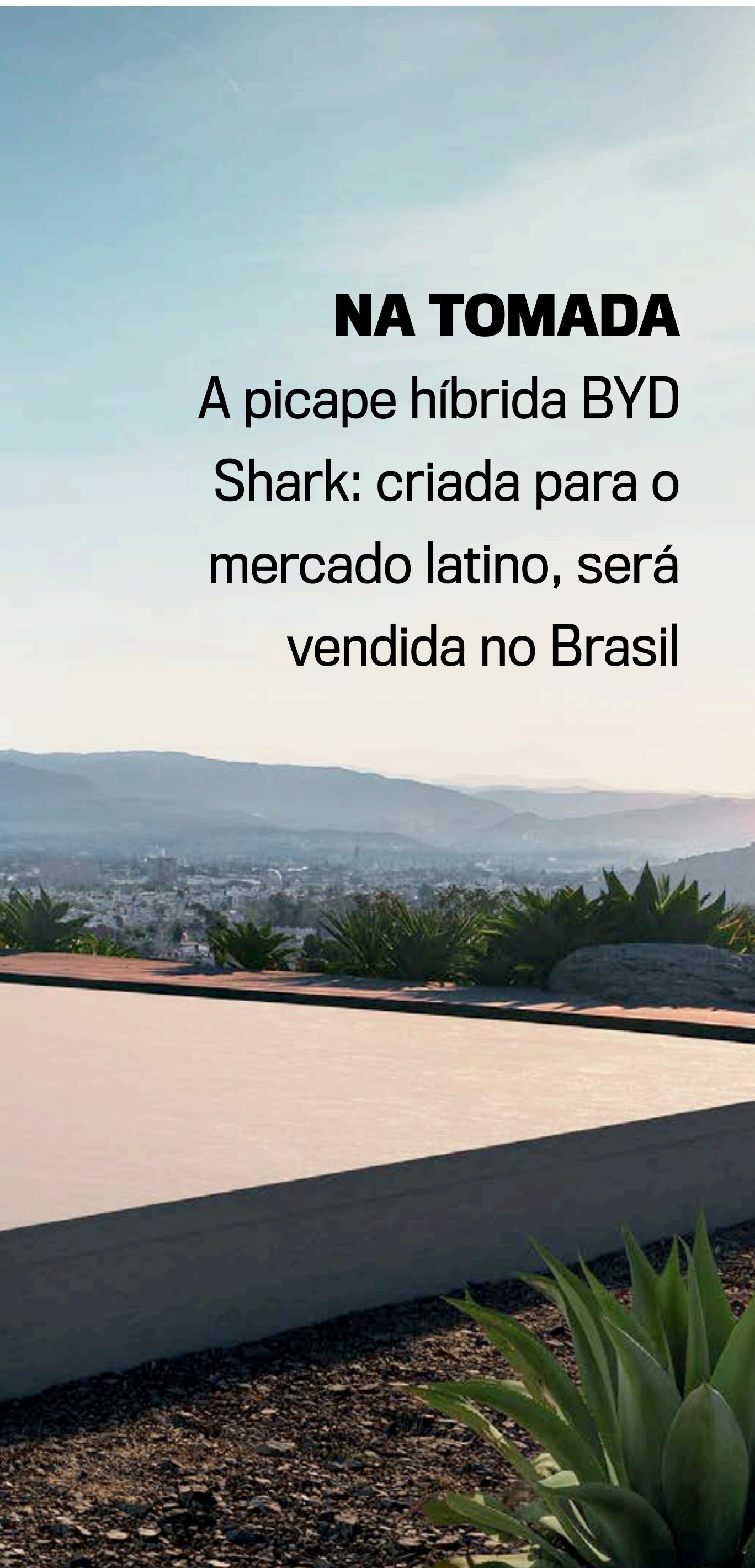
Essa parece ser a melhor prescrição contra a enfermidade. Hoje, são poucos os que acreditam no cumprimento da meta da OMS de, até 2030, dar fim à epidemia de HIV. Só não seria por falta de conhecimento e tecnologia. Uma vacina aceleraria esse processo, sobretudo nas nações assoladas por desigualdades sociais, mas exemplos internacionais de sucesso, como os da Namíbia e da Austrália, provam que não se devem cruzar os braços até ela chegar. Pelo contrário, mostram que a adoção de programas de conscientização adequados às realidades locais e a democratização do diagnóstico, do tratamento e da profilaxia são capazes de achatar e manter sob controle as curvas da doença.

Não há justificativa para a inação, sob pena de comprometer um legado de vitórias da ciência, dos pacientes e da sociedade civil. Um dia, o inesquecível Freddie Mercury e o comissário de bordo conhecido erroneamente como paciente zero, Gaëtan Dugas, carregaram sozinhos o fardo da aids. Agora, vemos o ator americano Billy Porter e o cantor brasileiro Leandro Buenno falarem abertamente sobre o tema e mostrarem que é possível levar uma vida normal, apesar do vírus. Ao menos contra a desinformação e a discriminação já estamos (ou deveríamos estar) vacinados. ■

POTÊNCIA MÁXIMA

Com uma estratégia agressiva de lançamentos, montadoras chinesas conquistam espaço no mercado de elétricos e incomodam as empresas ocidentais

ANDRÉ SOLLITTO, da Cidade do México

NA TOMADA
A picape híbrida BYD Shark: criada para o mercado latino, será vendida no Brasil

BYD/DIVULGAÇÃO

NÃO ERA uma estrela do cinema, tampouco um ídolo do rock. O ambiente de expectativa que banhava o imenso centro de convenções Expo Santa Fe, na Cidade do México, tinha a leveza do chumbo. Antecipava o desfile de algo muito especial, como nas míticas apresentações da Apple de Steve Jobs. As luzes se apagaram, dramaticamente. Nos telões brotaram animações tingidas de vermelho, a dançar ao ritmo de música eletrônica. E, então, três portas se abriram ao mesmo tempo no palco — e de cada uma delas surgiu uma picape. Era um trio de modelos da Shark, o veículo híbrido, movido a eletricidade e combustão, da montadora chinesa BYD, acrônimo de *Build Your Dreams*. As caminhonetes de visual futurista foram recebidas com flashes e aplausos. Pela primeira vez, a maior fabricante de veículos elétricos do planeta lançava um de seus modelos fora da China.

A escolha da Cidade do México para a ribalta do Shark encaminhava uma clara mensagem: a vontade de consolidar os carros da China na América Latina, e justamente na fron-

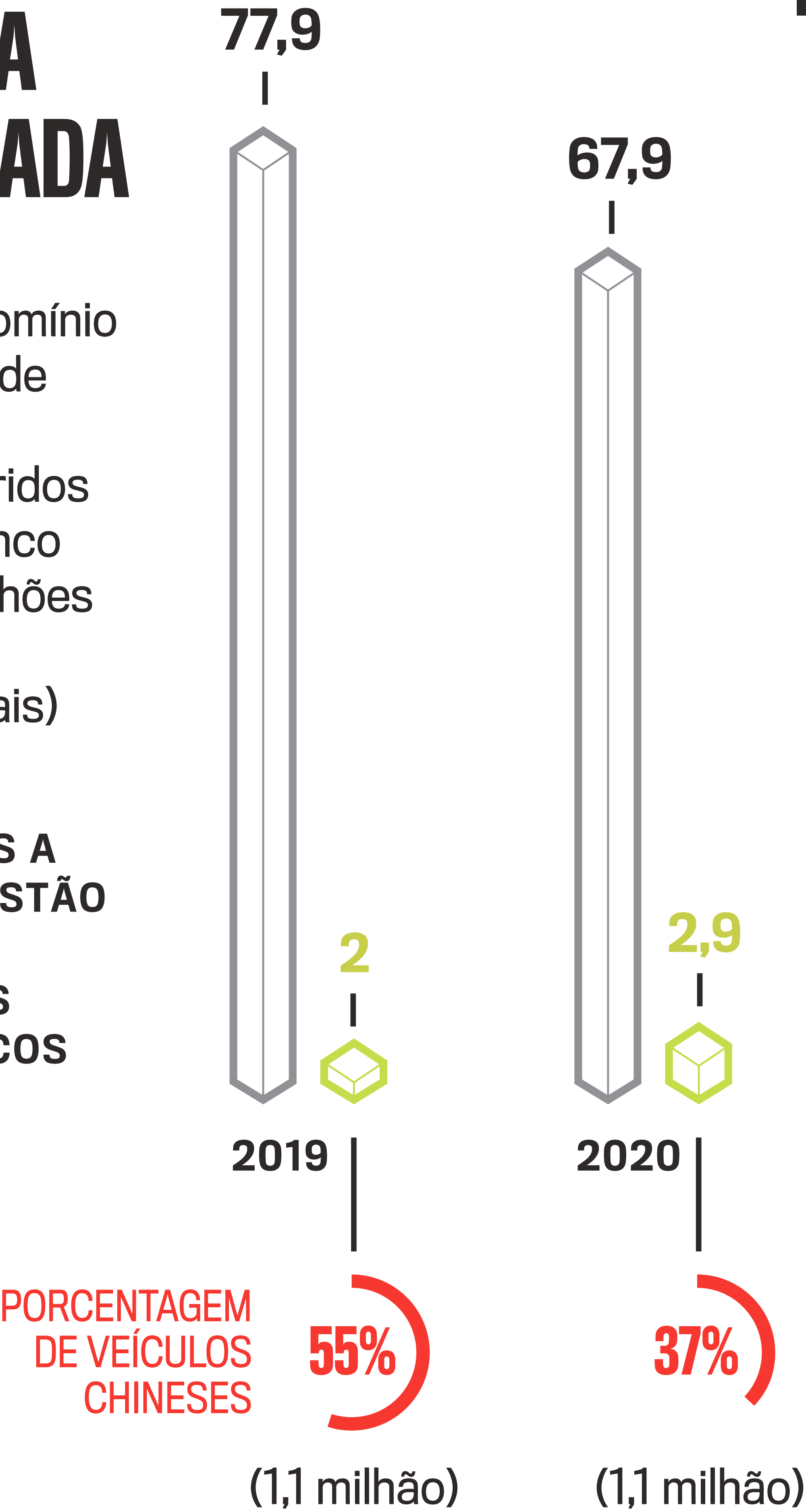
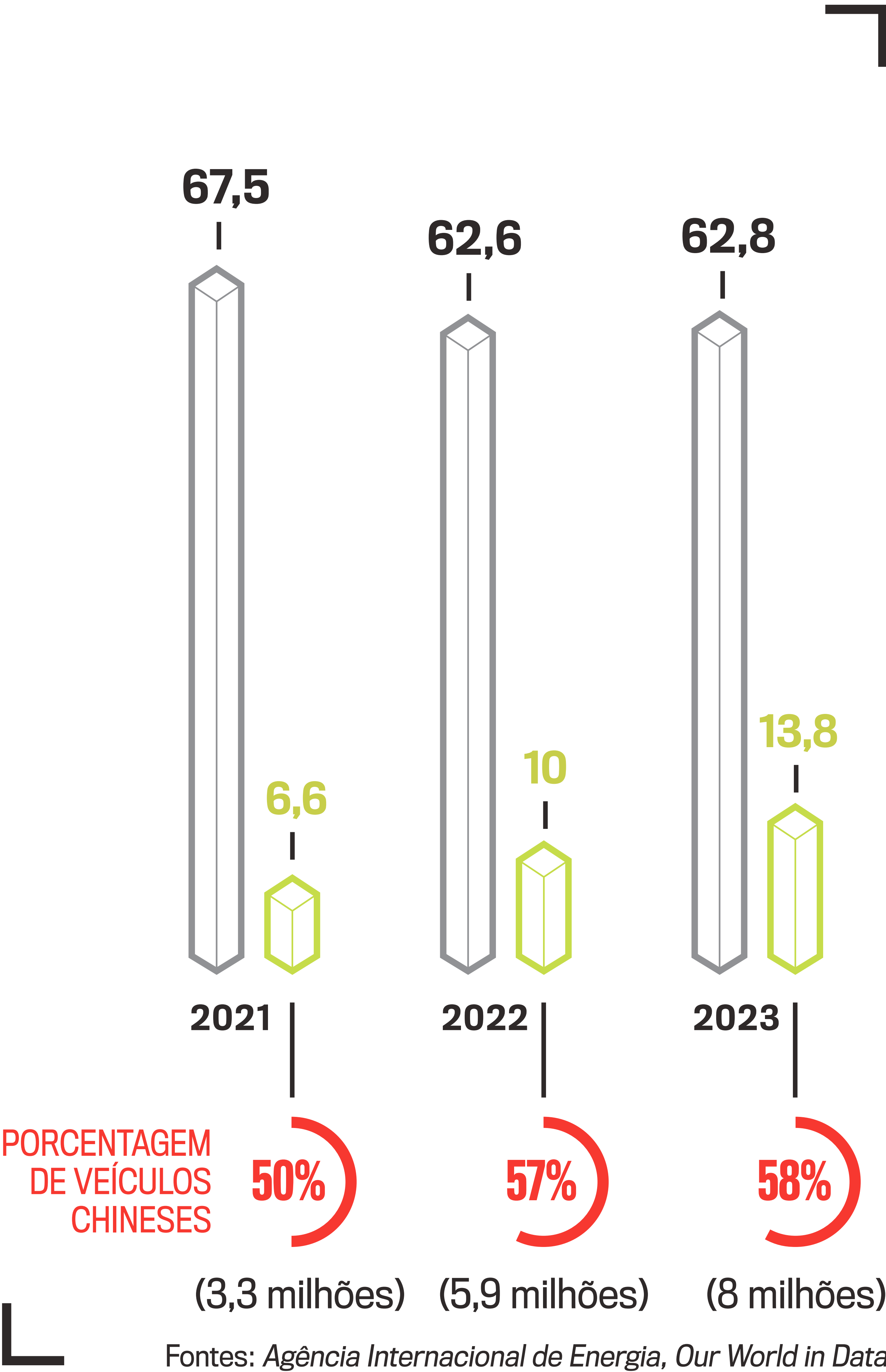
CORRIDA ACELERADA

Os chineses ampliam o domínio do mercado de elétricos e modelos híbridos plug-in há cinco anos (em milhões de unidades, vendas globais)

CARROS A COMBUSTÃO

CARROS ELÉTRICOS

	Carros a combustão	Carros elétricos	Porcentagem de veículos chineses
2019	77,9	2	55% (1,1 milhão)
2020	67,9	2,9	37% (1,1 milhão)

Fontes: *Agência Internacional de Energia, Our World in Data*

teira dos Estados Unidos, como um tubarão à espreita. É também marco de uma transformação. Há pouco mais de uma década, os veículos chineses a combustão eram considerados pouco confiáveis, duros e sujões. Agora, movidos a energia limpa, narram uma outra história. Atraem consumidores e despertam insegurança e medo, pavor até, entre os CEOs das montadoras ocidentais. Vive-se um inescapável choque elétrico.

Um indicador claro do avanço chinês no mercado é a fatia crescente que as fábricas de lá têm conquistado na porcentagem de veículos eletrificados vendidos no mundo. Em 2019, quando apenas 3% dos novos emplacamentos eram dessa família, a China já aparecia na liderança, com 55% do total. Hoje, a fatia é de 60% e tende a crescer *(veja o quadro ao lado)*. Em território chinês, os automóveis totalmente elétricos e outros híbridos plug-in (como são chamados os veículos que têm uma bateria recarregável diretamente na tomada) representam quase 40% do lote. É o início de uma era, pronta para se expandir, quando — e se — forem abertas as portas da Europa e dos Estados Unidos.

O clima é de guerra econômica. Há duas semanas, Joe Biden empurrou as taxas de importação de elétricos chineses para os EUA a 100%, ainda que estejam longe de despontar em portos americanos. A justificativa da Casa Branca: proteger os empregos americanos contra a concorrência injusta de empresas alimentadas pelos subsídios de Pequim. A resposta é contundente. “Esse é um equívoco comum,

COSTFOTO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

EXPANSÃO Elétricos chineses prestes a embarcar: rumo a novos mercados

mas o governo chinês não dá subsídios às empresas como se pensa", diz Stella Li, CEO da BYD Américas e vice-presidente global da empresa. "Se você for à China, verá que há uma batalha sangrenta entre as empresas do setor automotivo. As montadoras ocidentais reclamam porque não conseguem acompanhar o ritmo do avanço tecnológico."

O apoio do governo, com dinheiro do contribuinte, é peça crucial da refrega. Governos da Europa estão se debruçando sobre o tema para entender quanto a participação efetiva do erário chinês pode impulsionar a competitividade dos carros orientais. Recentemente, o chanceler alemão, Olaf Scholz, em visita oficial à China, afirmou haver espaço

para todos, desde que haja transparência. Afirma não temer os carros chineses, mas não foi convincente. “Existem carros japoneses agora na Alemanha e carros alemães no Japão”, disse, em referência ao medo das companhias ocidentais quando a frota de japoneses e sul-coreanos chegou à Europa e aos Estados Unidos, nos anos 1980. “O mesmo se aplica à China”, resumiu Scholz.

O efeito dos carros *made in China* pode vir a ser exponencialmente mais revolucionário do que o dos vizinhos orientais. É repercussão que dá as mãos aos humores do mundo. Ter ou não ter um carro elétrico virou, ao menos nos Estados Unidos, régua ideológica, como se tudo na vida precisasse estar de um lado ou de outro, sem meio-termo. Donald Trump, o antagonista de Biden, também bate firme nos elétricos chineses, e com argumentos semelhantes aos do adversário político. E os trumpistas, é claro, adoram celebrar o vigor masculino dos carrões a gasolina, e às favas o zelo com o meio ambiente. Uma recente pesquisa da consultoria Boston Consulting Group mostra que 30% dos americanos nunca considerariam comprar um veículo elétrico. No polarizado cenário americano, dirigir um deles se tornou coisa de “esquerdista” para um naco da sociedade. Nessa rinha, Biden está em uma sinuca de bico. Deveria defender a eletrificação, em postura coerente de uma administração cuidadosa com as mudanças climáticas. Contudo, a China está logo ali, à espreita, plugada na tomada, e não houve outra saída, a não ser sair atirando.

CHRISTIAN MARQUARDT/GETTY IMAGES

FALASTRÃO Elon Musk, da Tesla: críticas aos orientais depois que sua empresa foi ultrapassada em vendas pela BYD

Outro modo de medir o embate é saber de que lado está Elon Musk, ímã de quase todas as confusões globais. Não há dúvida: o dono da Tesla esbraveja como Trump porque sua empresa automotiva foi ultrapassada pela BYD em venda de eletrificados no último trimestre do ano passado. Com um toque de ironia: na Alemanha, os elétricos da Tesla usam baterias da empresa chinesa.

A gritaria logo passará, e condenar a invasão de produtos chineses — como ocorre em várias partes do planeta, a exemplo de recentes protestos na Índia — pode vir a se tornar inócuo. O caminho natural é ocupar o vácuo, e acelerar a fabricação de carros elétricos, porque o futuro assim será — sobretudo depois de resolvido o nó dos postos para recarregar, ainda escassos, e os preços de usados a bateria ganharem algum relevo. Incomoda, ainda, a falta de peças de repo-

SANCHIT KHANNA/HINDUSTAN TIMES/GETTY IMAGES

PROTESTO Manifestação de rua na Índia contra produtos chineses: medo

sição e mão de obra especializada. Na transição, a aposta são os híbridos como o Shark da BYD. É movimento da Stellantis, dona de marcas como Jeep, Ram e Fiat, que tem apostado em híbridos plug-in. As japonesas Toyota e Honda e a sul-coreana Hyundai dominam o mercado americano de híbridos.

Os tempos mudaram. Há uma revolução em andamento. Ela é tracionada pela China, inimiga preferida de meio mundo. Até que ocorra alguma acomodação no tabuleiro, a BYD e suas irmãs chinesas, como a GWM, romperão as ruas com estardalhaço. O Brasil, o oitavo mercado automotivo global, tem parte nessa travessia. Não por acaso, nos próximos meses, a BYD inaugurará uma montadora em Camaçari, na Bahia, e a GWM, no interior de São Paulo. Pode anotar, sem erro: você ainda terá um carro elétrico, muito possivelmente um chinês. ■

LUCILIA DINIZ

RECOMEÇOS

Com o tempo, momentos de
reconstrução deixam de ser sombrios

ÀS 7 E MEIA da manhã, o chef já está diante de sua equipe. Naquele dia, mais uma vez, eles vão preparar e servir 1 000 refeições. Não porque aquela cozinha seja a de um enorme e concorrido estabelecimento. Mas porque centenas de pessoas que perderam tudo nas enchentes do Rio Grande do Sul dependem deles para comer. Nutrir os desabrigados foi a maneira como esse homem resolveu lidar com a tragédia, da qual também saiu afetado. As águas levaram seus investimentos de toda uma década, na forma de dois restaurantes em Porto Alegre aos quais agora só chegaria de barco. Diante do infortúnio, arregaçou as mangas. O ramo da gastronomia é sua segunda carreira, depois de anos no setor bancário. Ele sabe o significado de recomeçar.

Se trago aqui essa história, é apenas para dar um exemplo de como a fagulha que mora em cada um é importante para vencer desafios. Encontrar em si a coragem de recomeçar é o ponto de partida para lidar com as dificuldades, não importando seu tamanho. Vale para as questões que todo mundo experimenta mais cedo ou mais tarde e para as tão descomu-

nais que não podemos nem imaginar o peso que teriam sobre nossas vidas cotidianas.

Diante de uma situação de estresse, a primeira reação é escolher entre "fight or flight" — lutar ou fugir. Mas às vezes, como diz o ditado, "se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come". Em certas situações, o "bicho" é bem grande e não podemos nos limitar a essa resposta inicial e imediata. Só nos resta a inteligência para combatê-lo. Pessoas que se unem para um trabalho voluntário em uma grande tragédia, como as do exemplo do início do texto, encontram na ação uma forma de conforto também para si próprias. Mesmo extenuados, os que doam seu trabalho conseguem tirar da ajuda ao próximo uma nova visão sobre o momento no qual se veem colocados.

Em certas ocasiões, porém, nos sentimos no último sopro de recursos para lidar com um imprevisto. Não é raro não saber nem mesmo por onde começar. Nessas horas, tanto quanto possível, é preciso se colocar como um obser-

"Em certas ocasiões, porém, nos sentimos no último sopro para lidar com um imprevisto"

vador externo, refletir com a cabeça de quem não está preso no problema. Na série dinamarquesa *Borgen,* a personagem principal, Birgitte Nyborg, sempre pergunta ao seu conselheiro político, Bent Sejrø: “Quais são minhas opções?”. Quando ela tem de enfrentar dilemas e sem a presença do amigo, é obrigada a achar no seu íntimo a resposta que ele daria.

Enquanto escrevo este texto, alguém na vizinhança pode estar lidando com uma grande decepção, a perda de um ente querido, os primeiros dias de uma reinvenção profissional. Cada um, por si só ou com o auxílio de outras pessoas, contempla suas opções. Em etapas como essas, que nos obrigam à reconstrução, cada momento pode parecer longo demais. Nem sempre a página em branco tem o brilho excitante da novidade. Às vezes, ela só parece uma evocação do vazio.

Conforme o tempo avança, nossa perspectiva se ajusta, e mesmo grandes provações mudam de escala, ao se tornarem lembranças. O que parecia uma estação sombria talvez ganhe, no fio do tempo, a sensação de ter sido apenas um dia escuro. Como dizem os versos do poeta gaúcho Mario Quintana, que nos recordam a renovação constante da vida: “Nada jamais continua, tudo vai recomeçar!”. ■

O OURO JÁ É DELAS

A Olimpíada de Paris nem começou, mas as mulheres já cravaram um feito inédito: comparecerão aos Jogos em número igual ao dos homens — um avanço notável **PAULA FREITAS**

GOL! Futebol feminino em ação: sediar a Copa do Mundo é boa notícia

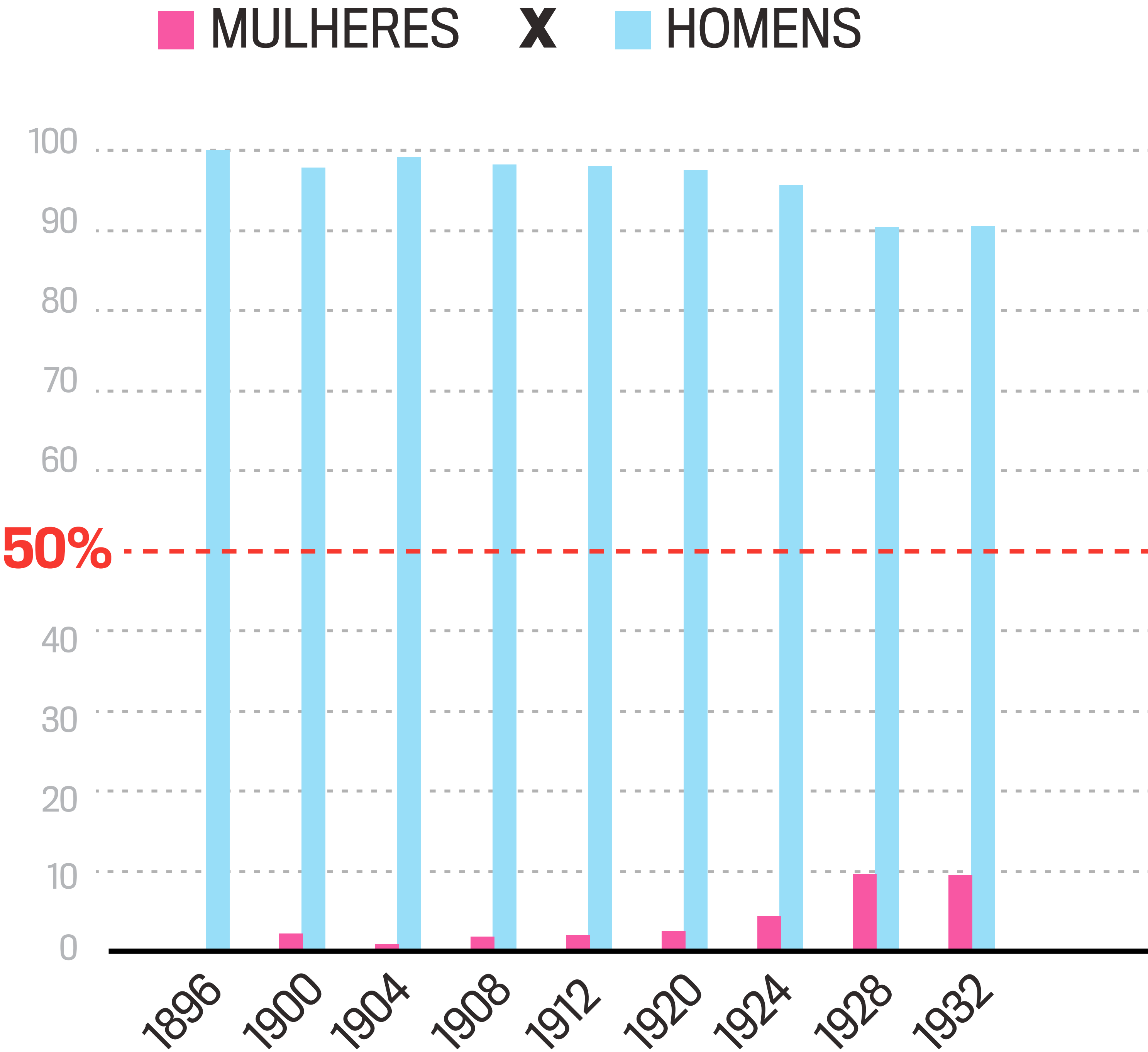
BUDA MENDES/GETTY IMAGES

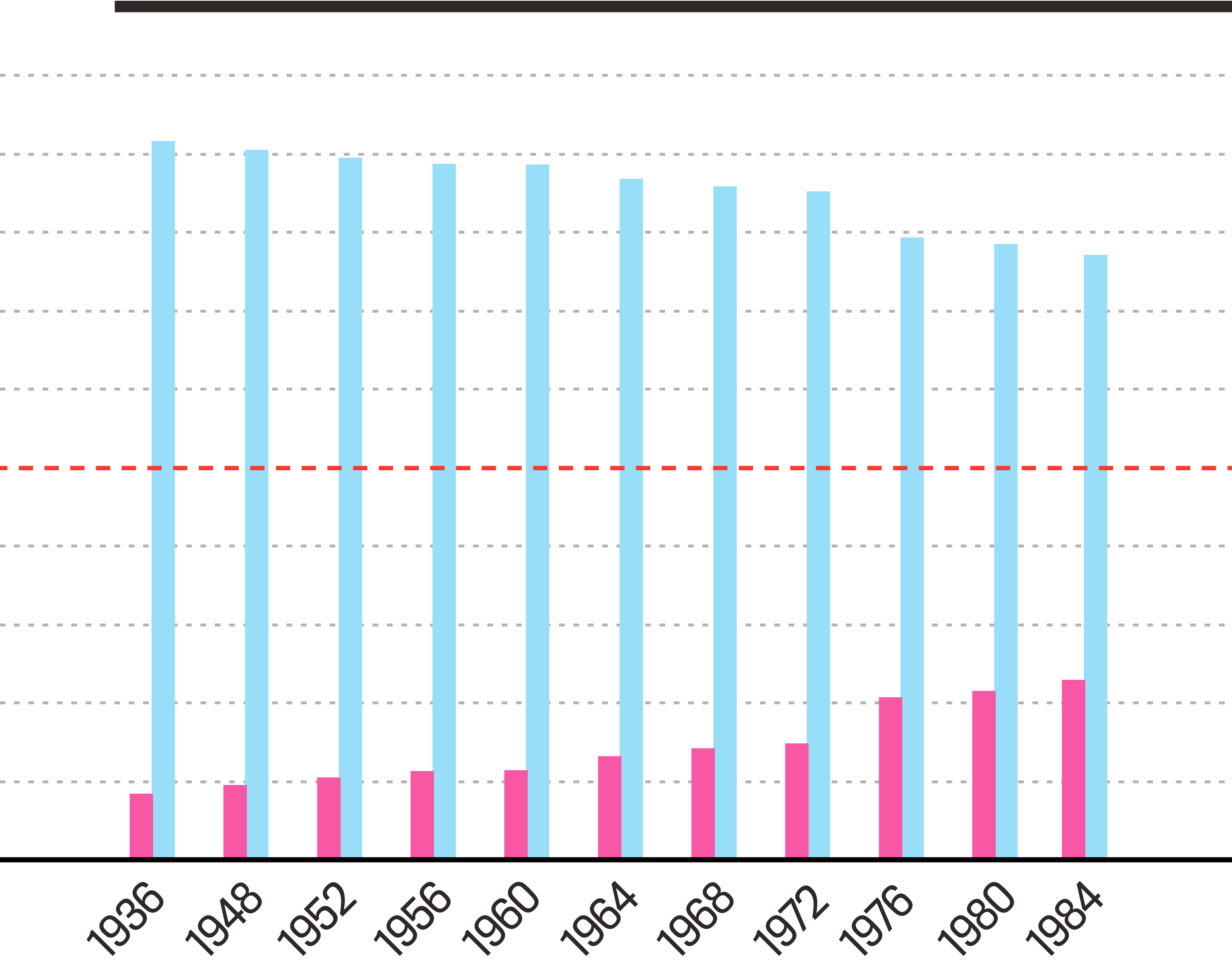
NOS ANOS 1940, uma lei da Era Vargas vetava às mulheres a prática de esportes que, sob o filtro do preconceito, não seriam compatíveis com sua "natureza". A norma ganhou novas tintas duas décadas depois, com a elaboração de uma lista de modalidades contraindicadas à ala feminina, entre as quais o futebol. Artigos científicos sustentavam a exclusão apoiados em conceitos sem respaldo, como o de que elas não eram talhadas para o embate físico, dado os ossos frágeis e a baixa concentração de glóbulos vermelhos, sem falar na menor "resistência nervosa". Custou para o mundo girar: apenas em 1983 puderam entrar em campo sem travas legais, dez anos depois das europeias, que também penaram fora dos gramados.

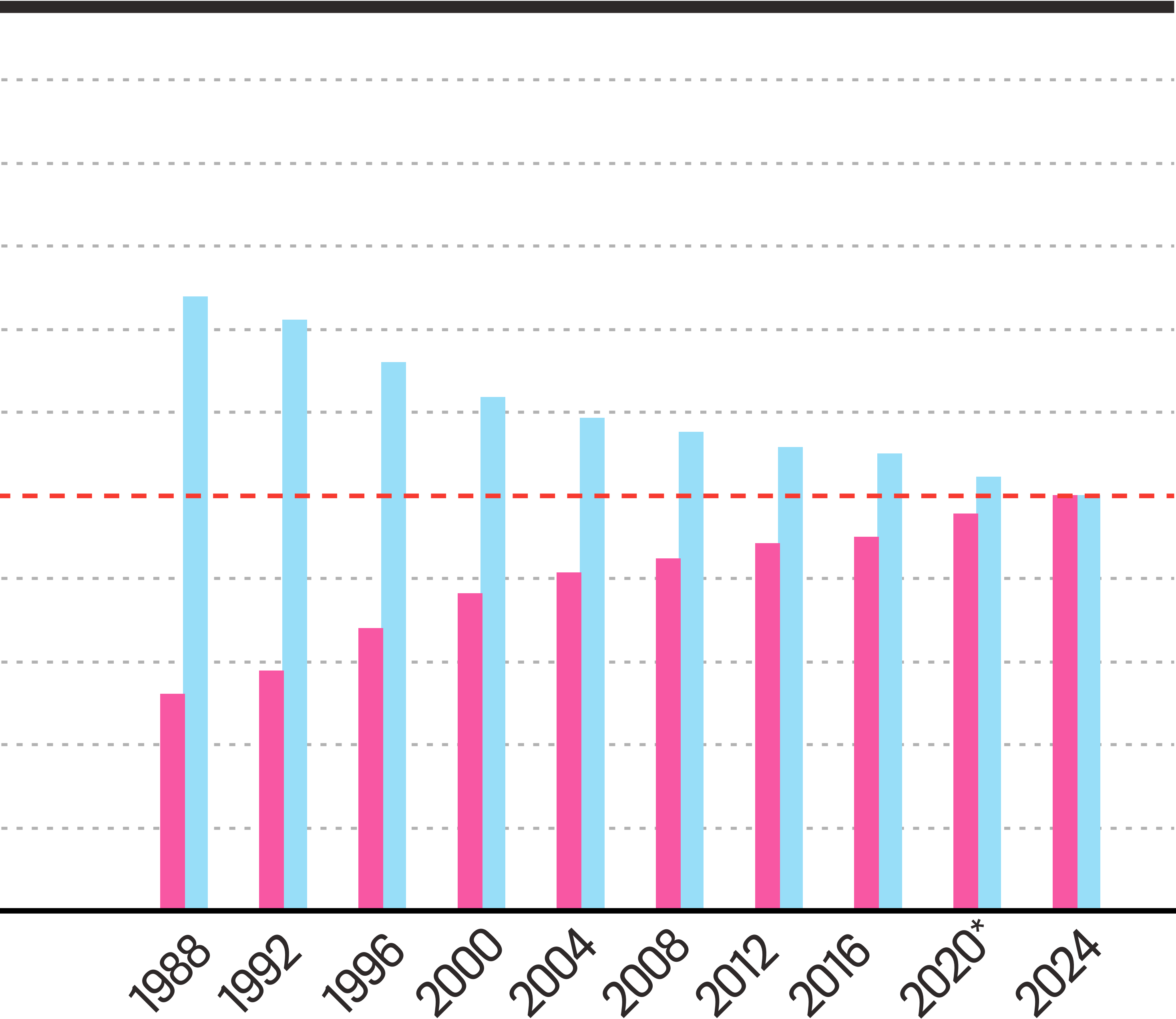
A vagarosa marcha brasileira nesse campo acaba de receber um empurrão e tanto com a escolha do país para sediar a próxima Copa do Mundo feminina, em 2027 — oportunidade que, se bem aproveitada, tem tudo para dar visibilidade a jogadoras talentosas e atrair dinheiro para essa atividade que, para muitas, é praticada na raça. O recente movimento ocorre num caldeirão em que fervilham boas notícias para as atletas de todos os cantos do planeta, prestes a cravar uma marca histórica: pela primeira vez, vão comparecer a uma Olimpíada – a de Paris, entre 26 de julho e 11 de agosto — em número equivalente ao dos homens *(veja o quadro ao lado).*

No caso do Brasil, a tirar pelas vagas conquistadas até agora, elas serão a maioria. Dos 217 nomes confirmados para os Jogos, respondem por 129 — 59% entre os que vão batalhar pelas 329 medalhas (situação que já reflete a eli-

JOGO EMPATADO

A proporção entre homens e mulheres desde a primeira Olimpíada da Era Moderna, em Atenas (em porcentual)

Fonte: *COI*

minação dos homens no futebol). São feitos notáveis, que se inserem no caldo das conquistas das mulheres ao longo do século XX — processo que tomou impulso com as bandeiras em prol da igualdade de gênero agitadas no fim da década de 1960. “Não dá para separar o que estamos observando nos esportes do progresso da própria sociedade”, diz Leda Maria da Costa, pesquisadora de gênero e esportes na

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Antes de desembarcar com tudo em gramados, piscinas, pistas e tatames — em Paris, estarão em 100% das disputas —, elas já haviam ocupado as carteiras universitárias, diplomando-se médicas, advogadas e engenheiras. Nos esportes, no entanto, esbarraram num sólido muro, com suas bases fincadas no nascedouro dos Jogos da Era Moderna, na Gré-

* As competições foram realizadas em 2021
por causa da pandemia

cia, em 1896 — uma estreia sem mulheres. À frente da empreitada estava o francês Barão de Coubertin (1863-1937), autor de um comentário que hoje fere ouvidos, mas àquele tempo foi recebido com naturalidade: "Impraticável, desinteressante, inestética e, não hesitamos em acrescentar, incorreta — é isso que seria uma Olimpíada com mulheres".

Na vez de Paris, em 1900, elas eram minguadas 22 representantes, que nem sequer duelavam por medalhas. Seu prêmio eram certificados de participação. Em 1924, na mesma Cidade-Luz, foram 4% do total, o que dá a dimensão do quão relevante é o salto de hoje. Nesse percurso, um sacolejo decisivo veio do ímpeto revolucionário de uma francesa, Alice Milliat, que fundou os Jogos Mundiais Femininos nos anos 1920, um evento à parte que acabou por chamar a atenção do Comitê Olímpico Internacional (COI). Em 1936, elas enfim ganharam status de atletas olímpicas, embora só bem mais tarde, nos Jogos londrinos de 2012, uma medida concreta tenha sacudido a cena: ficou estabelecido que todas as modalidades deveriam contar com pelo menos um homem e uma mulher, dando novo gás a elas. Em Paris, o COI foi mais longe, ao definir que os dois gêneros terão direito ao mesmo quinhão de vagas — uma espécie de cota, o que faz com que os países corram atrás da equidade.

O preconceito, porém, não se dissolveu de todo, manifestando-se em muitas camadas. "Nunca imaginei que chegaríamos tão longe, mas as barreiras ainda estão presentes", disse a VEJA Sandra Pires, que formou a vitoriosa dupla de vôlei de

praia em 1996, na Olimpíada de Atlanta, com Jackie Silva, ambas donas da primeira medalha olímpica de ouro concedida a brasileiras. “Na hora da premiação, veio um recado da Federação Internacional de que deveríamos subir ao pódio de biquíni, e não de agasalho”, lembra Jackie, com um fio de tristeza. Não raro, ainda vêm à tona casos de assédio, como a repugnante cena de Luis Rubiales, presidente da Federação Espanhola de Futebol, tascando um beijo na boca não consentido na atacante Jenni Hermoso, da equipe do país. Causou indignação e custou o cargo de Rubiales — um bom sinal dos tempos. Também no bolso a desigualdade se faz sentir, com um abismo entre o que faturam homens e mulheres.

FOX PHOTOS/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

NO PASSADO Barão de Coubertin: “É incorreto mulher praticar esportes”

Mesmo que o cenário exija avanços, e há muita estrada pela frente, sob o prisma histórico eles já são extraordinários. Considerando que a primeira brasileira a pisar no palco olímpico foi a nadadora Maria Lenk, em 1932, e que a melhor posição obtida pelo país na banda feminina, até os

anos 1960, havia sido um quarto lugar da saltadora Aída dos Santos, o que se vê agora é uma incrível virada. Hoje com 87 anos, Aída lembra que os olhares atravessados ao optar pelo atletismo começavam em casa. “Meu pai chegou a bater em mim porque eu saía escondido para poder competir”, contou a VEJA. Nos Jogos de Tóquio, em 1964, Aída foi a única integrante feminina de toda a delegação brasileira. O torneio que se avizinha é capítulo de um momento de muito mais público e com mais dinheiro girando para elas, o que faz esportistas como Ana Marcela Cunha, que vai encarar as revoltas águas do Rio Sena em busca do segundo ouro consecutivo na maratona aquática, pontuar: “A equidade de gêneros é um marco a ser celebrado no esporte”. Em Paris, a voz e a vez são delas. ■

Com reportagem de Caio Saad

UM SALTO PARA O MUNDO

Isabela Coracy, 33, conta como a dança a levou do subúrbio carioca à conquista do maior prêmio do teatro inglês

A DANÇA SEMPRE FEZ PARTE da minha vida. Meu pai é professor de capoeira e me pôs para praticar. Eu levava jeito. Ao me ver em ação, uma amiga da família achou que tinha flexibilidade, gingado, e sugeriu que me matriculassem em uma academia de dança no Cachambi, subúrbio da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde cresci e aprendi balé. Calcei as sapatilhas e logo me senti em casa. Meu primeiro salto veio aos 7 anos, quando meu pai ouviu falar de uma escola particular na qual haviam se formado brasileiros que, mais tarde, foram parar na Ópera de Viena e no Royal Ballet de Londres. Fui fazer teste lá para conseguir uma bolsa, já que não podia pagar. Havia muita gente talentosa, estava nervosa, mas consegui espantar o medo. Me selecionaram e engatei numa dura rotina de estudos e dança. Os ensaios exigem

muito do dançarino. Com o tempo, fui de uma companhia a outra, até que mandei um vídeo para a prestigiadíssima Ballet Black, de Londres, que estava recrutando gente mundo afora. E me escolheram. Nunca imaginaria voar tão longe, muito menos ganhar o prêmio que me concederam há poucas semanas, o mais importante nos palcos da Grã-Bretanha.

Quando a diretora do balé inglês me mandou um e-mail e falou “o contrato é seu”, em 2013, não pensei duas vezes. Fiz as malas para Londres e aprendi tudo na marra, a começar pelo inglês. A Inglaterra me abriu muitas portas, me colocando em contato com bailarinos das mais famosas escolas de balé clássico e contemporâneo do planeta. Nesse ambiente favorável, minha evolução foi rápida. Passei então a ocupar o posto de bailarina sênior, do qual tenho grande orgulho, e a dar aulas para os mais jovens. Foi um passo após o outro, colocando sempre a dança no centro da vida. Aí tive a surpresa de ser convidada, no ano passado, a interpretar Nina Simone (1933-2003), a ativista americana que se dedicou à luta pelos direitos civis dos negros, em plena cena londrina. Certamente o maior de todos os desafios que encarei.

Tinha sofrido uma lesão na temporada anterior e fiquei meses de molho. Foi o período que aproveitei para mergulhar no universo de Nina — li e assisti a tudo sobre ela. Na volta ao tablado, ensaiei obsessivamente e, no fim, era como se fôssemos uma pessoa só. Os holofotes se apagavam, ia para a coxia e tinha até dificuldade de sair da pele dela, de tão imersa que estava. Ao saber da indicação para o Olivier

Awards na categoria Realização Mais Notável de Dança, já estava treinando para outro recital. Nem acreditei: era a primeira vez que uma bailarina negra concorria individualmente. No dia da cerimônia de entrega do prêmio, me vi cercada de celebridades e figuras de peso da dança. Ouvir meu nome ser chamado ao palco foi de uma emoção única. Fez-se um silêncio e desabafei na frente de todo mundo: "Nossa, isso realmente está acontecendo", disse.

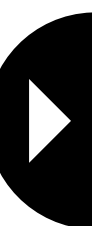
No Brasil, é mais difícil viver da arte. Muitos talentos se perdem por falta de incentivo. O balé ainda é um meio elitista, caro demais para quem quer praticar a sério e participar dos concursos internacionais. Meus pais fizeram todo tipo de bico para comprar meu material e pagar o que fosse preciso: venderam doces, pegaram turnos extras no trabalho, tudo para eu seguir o meu caminho. Também o racismo é um obstáculo nesse universo. Várias vezes, fui a única menina negra nos salões. Era como se aquele ambiente não fosse para mim. Aí via outra bailarina de pele escura nas competições, tomava inspiração e renovava o gás. Cheguei a fazer parte da comissão de frente de escolas de samba no Carnaval carioca e de quatro companhias brasileiras, entre Rio e São Paulo. Mas os contratos são por temporada no Brasil — instabilidade que precisa ser superada em nome da arte. A aclamação no exterior é uma realização e tanto, mas ainda quero ser reconhecida em meu país. É o salto que me falta. ■

Depoimento a Paula Freitas

O MAR NÃO ESTÁ PARA PEIXE

Aquecimento global e pesca, entre outras ações humanas, acarretam uma série de problemas no desenvolvimento de espécies que habitam os mares e rios **MARÍLIA MONITCHELE**

MONTY RAKUSEN/DIGITALVISION/GETTY IMAGES

CAIU NA REDE Pescador recolhe o cardume para consumo: a depredação e o aquecimento global afetam os bichos

PARECE MENTIRA de pescador, que aumenta o tamanho do peixe para impressionar os amigos. Mas não é. Ao analisar dados sobre uma ampla variedade de plantas e animais ao longo dos últimos sessenta anos, um grupo de cientistas de vários países descobriu que, com o passar do tempo, muitas das espécies marinhas encolheram. Nos anos 2050, estima-se que o atum, por exemplo, vá diminuir em 14% a 24% em relação aos anos 2000. No estado americano do Alasca, banhado pelo Oceano Pacífico, de águas outrora mais geladas, o tamanho médio do salmão caiu 6%. Na Suécia, em virtude da temperatura elevada na vizinhança de uma usina elétrica, houve também o triste fenômeno da dimensão subtraída.

Adeus aos grandões, bem-vindos os pequeninos. É reação de cunho evolutivo, já que os bichos menores, rápidos e espertos, têm mais facilidade para escapar dos predadores, inclusive os humanos. Com as transformações, a variedade a singrar os mares foi afetada, mas permaneceu a quantidade total de vida — conhecida no jargão acadêmico como biomassa. O minucioso estudo, liderado pela bióloga portuguesa Inês Santos Martins, foi recentemente publicado na revista *Science*. O movimento, grosso modo, é resposta contundente da fauna e da flora às mudanças climáticas. Os danos, por óbvio, são volumosos e tendem a se estender, na atual toada da civilização. A ausência de grandes animais pode acarretar consequências sérias nos ecossistemas e nas dinâmicas de crescimento populacional. “A

EVA.C.REQUENA/DEPOSIT PHOTOS/IMAGEPLUS

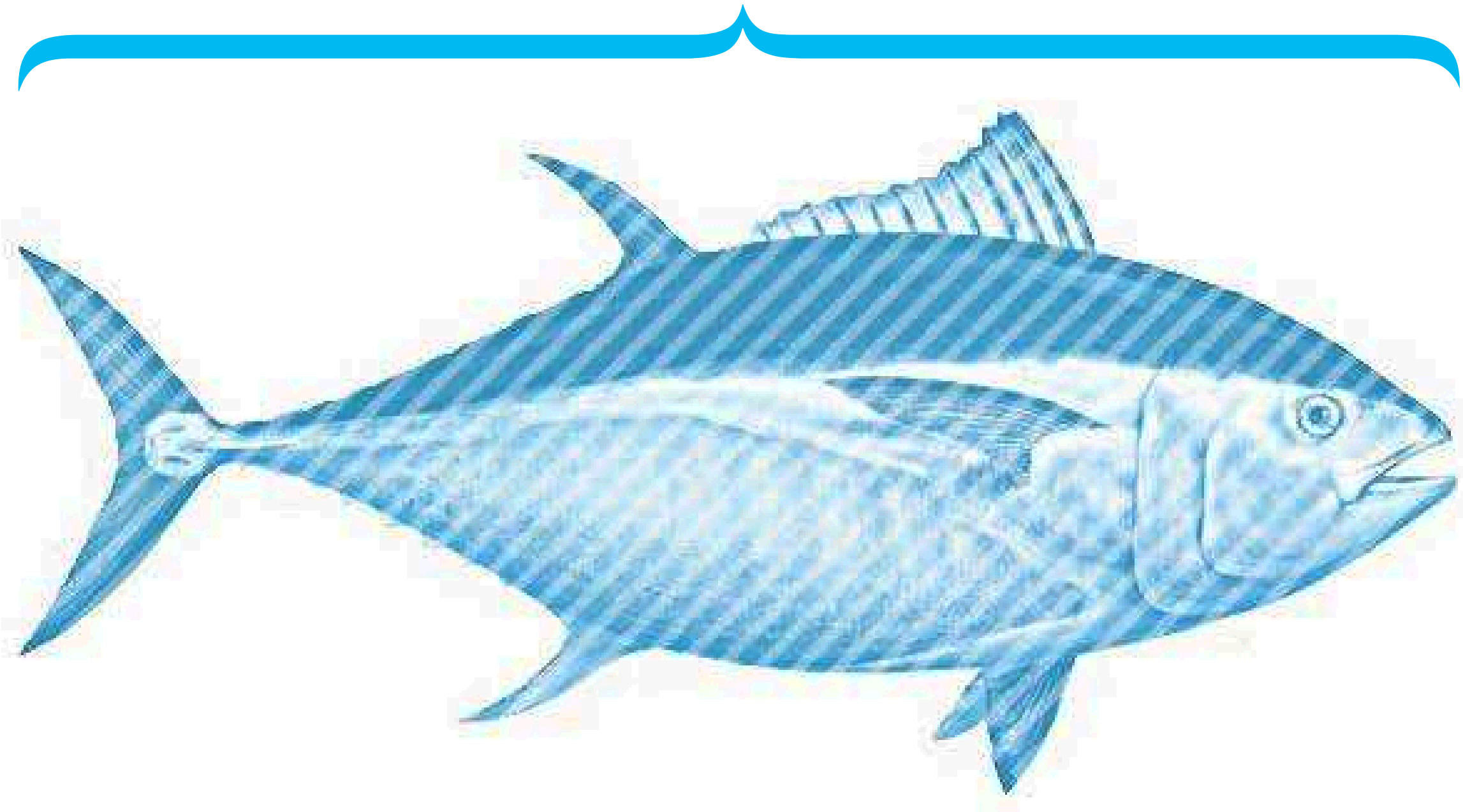
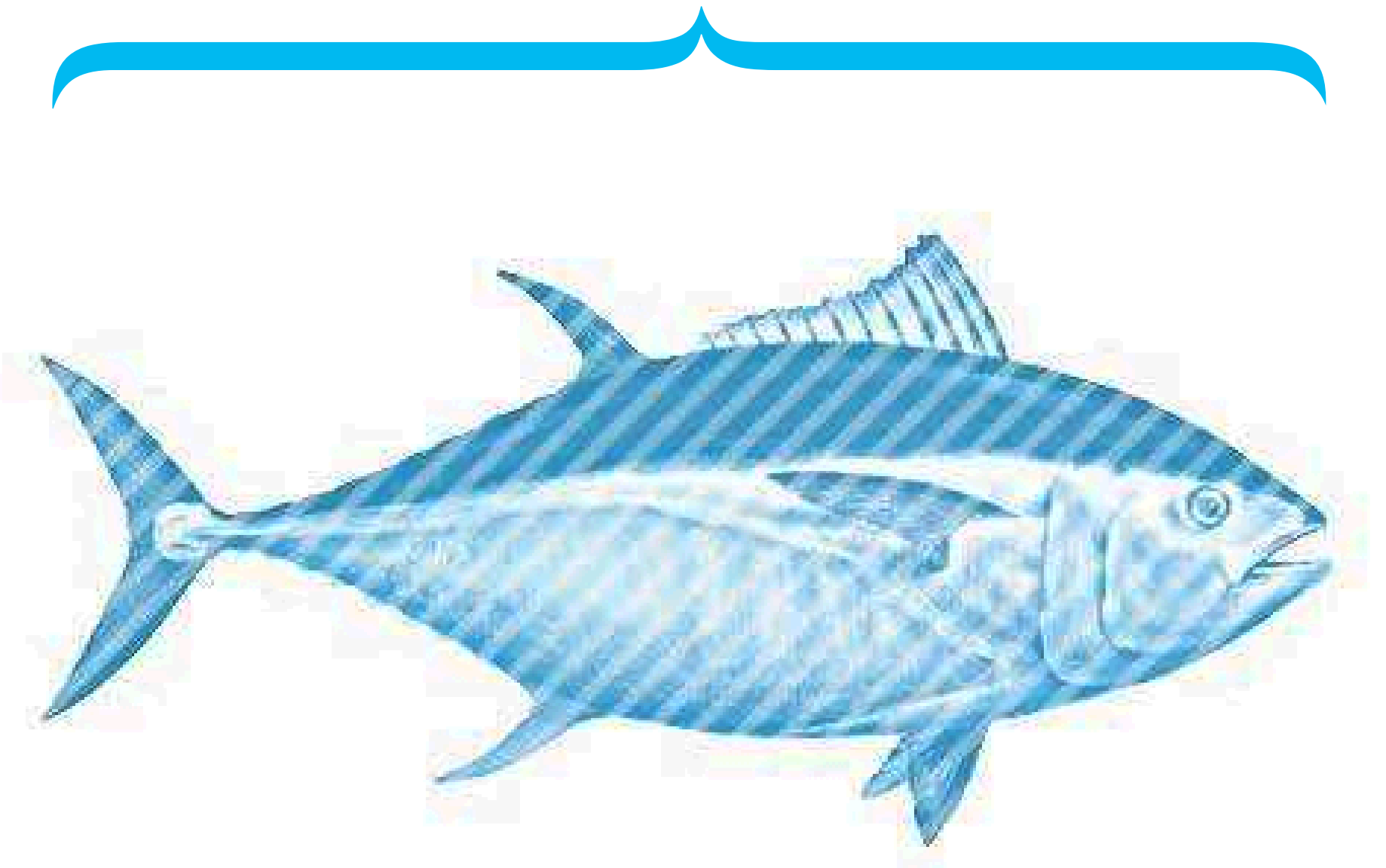
DESMATAMENTO Amazônia: sem alimento, as espécies perdem tamanho

alteração na biodiversidade representa uma profunda reestruturação não apenas das espécies, mas também das principais características dos seres vivos", escrevem os autores na apresentação do ruidoso e respeitado trabalho.

No Brasil, a isca já foi mordida há algum tempo. Há uma década, uma pesquisa apontou que o desmatamento na Amazônia tinha impacto evidente sobre a vida aquática, podendo reduzir o tamanho dos peixes típicos da re-

QUERIDA, ENCOLHI!

Sob altas emissões de carbono, os peixes enfrentam efeitos avassaladores

NOS ANOS 2000

NOS ANOS 2050

PREVISÃO É DE QUE O ATUM, POR EXEMPLO, DIMINUA DE TAMANHO DE 14% A 24%

gião em até 16%. É uma reação em cadeia: a desflorestação aquece os rios, córregos e riachos. O resultado: os processos bioquímicos dos peixes são acelerados, e a demanda por oxigênio aumenta de modo exponencial. Contudo, as guelras, ou brânquias — órgãos que fazem a função de aparelho respiratório —, têm uma área de superfície limitada, que restringe o fornecimento da energia metabólica vital. E, então, o crescimento é freado, como em um bebê incapaz de se alimentar. “Na natureza, os ecossistemas tendem a compensar os obstáculos, em busca de algum equilíbrio de sobrevivência”, afirma o biólogo Paulo Ilha, autor do levantamento amazônico original e hoje analista do Instituto do Meio Ambiente de Garopaba, em Santa Catarina.

É um nó marítimo associado a questões comerciais. A indústria pesqueira moderna tende a preferir peixes maiores, deixando os pequenos para trás — e, contudo, reafirme-se, eles começam a dominar as águas. Cerca de 600 milhões de pessoas em todo o mundo dependem, direta ou indiretamente, da pesca e da venda dos alimentos marinhos. O mercado de peixes e frutos do mar deve totalizar 676 bilhões de dólares em 2024. O encolhimento dos filés pode ter um impacto significativo na renda desses indivíduos, além de provocar alterações significativas nos hábitos alimentares de uma parcela significativa da população, sinônimo de problemas com a saúde. Os peixes são ricos em ômega-3, proteínas de alto valor nutritivo, zinco

e vitamina B12. Uma outra boa vantagem é o fato de terem baixo teor de gorduras saturadas.

A pesca, desde tempos imemoriais, de mãos dadas com a caça, é natural, ajudou o ser humano a salvar-se da morte. É recurso que remonta ao período Paleolítico, há 50 000 anos. Houve muita evolução, de conhecimento e equipamentos, mas houve também depredação exponencial, com evidente desrespeito e ataques a espécies em extinção, capturadas em regiões impróprias. A conta está chegando, embora não seja o fim do mundo e novas legislações ambientais possam frear o ponto de não retorno. Se a pesca nos fez humanos, cabe torcer para que não se torne apenas uma atividade do passado. ■

CONDOMÍNIOS COM GRIFE

A onda de prédios assinados por marcas famosas vira estratégia para incorporadoras ampliarem alcance e atraírem consumidores que buscam altíssimo padrão **VALÉRIA FRANÇA**

DESIGN TOWER,
MIAMI

Condomínio com 59 andares e pé na areia: elevador que transporta o carro para dentro do apartamento é um dos motivos que levaram o atacante Messi a comprar uma unidade. Valores a partir de 19,4 milhões de reais.

DIVULGAÇÃO

HÁ UM INTERESSANTE fenômeno no mercado imobiliário internacional. Brotou em Miami, nos Estados Unidos, palco natural da gênese de tendências de luxo, e já chegou ao Brasil. É a parceria entre incorporadoras e badaladas bandeiras cosmopolitas do universo da moda, dos carrões e de reputadas redes hoteleiras. São os condomínios com grife, atrelados a etiquetas de excelência como Versace e Giorgio Armani, Porsche, Bentley e Pininfarina, Ritz-Carlton e Four Seasons. É mercado promissor. Há, hoje, aos menos 324 projetos em andamento, com 26 000 unidades residenciais, em pelo menos 52 países, segundo estudo da consultoria britânica Knight Frank. O crescimento estimado é de 12% ao ano até 2026.

Dada a variedade de locações e possibilidades, é impossível ter na ponta do lápis a movimentação financeira exata desse nicho de escol. Tem-se a ideia da grandeza, contudo, pelo espanto de empreendimentos como o Porsche Design Tower, construído em

DIVULGAÇÃO

Sunny Isles Beach, na Flórida. Um apartamento ali não sai por menos de 4 milhões de dólares e pode chegar a 15 milhões de dólares, o equivalente a 76 milhões de reais. Atraiu gente como o craque argentino Lionel Messi, estrela do limitado Inter de Miami. O charme do lugar, por assim dizer: um elevador para subir com o carro e estacionar dentro do próprio lar, ao estilo da McLaren de Eike Batista nos tempos de bonança. E vem mais na vizinhança ensolarada, a bordo do Bentley Residences Miami, com inauguração prevista para o ano que vem, e unidades que partem de 6,8 milhões de dólares, algo em torno de 35 milhões de reais. "Para abrigar empreendimentos desse porte, porém, as cidades preci-

VILLA RESIDENCE,
SÃO PAULO

Primeiro projeto, no bairro de Moema, assinado pela celebrada marca italiana de moda: áreas comuns suntuosas, em branco, azul, preto e dourado. A partir de 6 milhões de reais a unidade.

sam ter uma legislação que permita prédios gigantescos", diz Daniel Ickowicz, da incorporadora americana Elite, que recebe grupos de brasileiros interessados em entender o novo campo, para investimento ou mesmo para viver.

O gigantismo — quanto mais alto, mais vistoso e melhor — é norma. Não por acaso, a onda desembarcou na orla de Balneário Camboriú, em Santa Catarina, cidade vocacionada para espigões a beijar as nuvens, entre o espetacular e o exagero. Destaca-se na paisagem o projeto assinado pela Pininfarina, o Yachthouse, com 81 andares, que ganhou fama depois que Neymar comprou uma de suas unidades. É da Pininfarina, também, uma construção do

DIVULGAÇÃO

grupo Heritage, em São Paulo, edifício que dá as mãos à imagem da escuderia italiana por meio de detalhes como os vidros recortados na fachada, que remetem à velocidade de um automóvel, e corredores iluminados que parecem pista de F1. Além da piscina, em que as espreguiçadeiras deram lugar a confortáveis sofás e luminárias individuais. “Cada empreendimento tem um determinado modo de atrair a clientela”, diz Fabiana Lexi, diretora de marketing, produto e comunicação da Helbor, incorporada com mais de quatro décadas de atuação no Brasil.

Mas, afinal de contas, por que o casamento? A ideia é simples. Uma marca já não pode mais se restringir a um de-

HERITAGE,
SÃO PAULO

Torre única, de 32 andares, com apartamentos de 570 a 700 metros quadrados no bairro de Vila Olímpia. A piscina parece uma sala de estar. Um apartamento pode custar 35 milhões de reais.

terminado produto, seja carros, seja roupas, seja lá o que for. Os horizontes urbanos chamam atenção, e atrelá-los a moradas é um recurso inteligente e atraente. Daí a profusão de lançamentos, como o edifício emoldurado pela Artefacto, celebrada loja de móveis paulistana, em parceria com a Helbor, e um outro com a bandeira de luxo da rede Marriott International, o W, em São Paulo, sob os cuidados da construtora Cyrela. "Os hotéis internacionais garantem a excelência do serviço na administração de condomínios", diz Nelson Stabile, da Integra Investments, de Miami. É um jogo de ganha-ganha, para incorporadoras, para as grifes — e para quem tem bala na agulha. ■

O PEQUENO NOTÁVEL

Lançado em 1989, o Game Boy tornou a diversão eletrônica portátil — a janela de surpresas que antecipou o fenômeno dos smartphones e nos trouxe ao mundo de hoje **ANDRÉ SOLLITTO**

VÍCIO O lançamento do aparelhinho japonês inaugurou um capítulo infantojuvenil adotado por adultos: onda imparável

JEAN REY/PHOTONONSTOP/AFP

FOI UM ALVOROÇO. Recentemente, o lançamento na App Store de um emulador do Game Boy, o mítico aparelho portátil lançado pela Nintendo em 1989, atraiu os amantes da nostalgia. Não demorou para que despontasse no topo da lista dos aplicativos mais baixados para iPhone e iPad. Em uma semana, contudo, o treco foi tirado do ar. A alegação: rompimento de regras de direitos autorais. Nos reputados fóruns de fãs e especialistas, contudo, a verdade era outra: houve incômodo da turma da maçã de Cupertino com o sucesso estrondoso da marca japonesa, e ninguém estava disposto a dormir com o inimigo.

O episódio ilumina a divertida aventura de um ícone. O Muro de Berlim ainda estava em pé. Os smartphones eram quimera de ficção científica. A criançada se debruçava diante de aparelhos de televisão, de joystick em mãos, para brincar com videogames de qualidade deplorável. E, então, deu-se aquela revolução em miniatura, com o Game Boy. O propósito: tornar os jogos eletrônicos portáteis. A tela era pequena, e os gráficos, simples e em preto e branco. Mas cabia no bolso, era robusto, permitia que o jogador pusesse fitas de diferentes games e mantinha a diversão por tempo indeterminado, bastando apenas trocar um par de pilhas comuns. Foi uma febre de cabeças magnetizadas pelas telinhas (lembra algo, não?). Vendeu mais de 430 milhões de unidades, na soma com sucessores mais potentes, coloridos e em 3D, e ajudou a criar e fortalecer algumas das maiores franquias do mundo. Agora, aos 35 anos, aposentado, brota na estante de

MYRIAM TIRLER/HANS LUCAS/AFP

POLIVALENTE O Nintendo Switch, a versão mais recente da brincadeira: nas mãos ou acoplado a telas de televisores

colecionadores. Mas deixou vasta herança, a fagulha original que ainda hoje inspira o mercado de entretenimento.

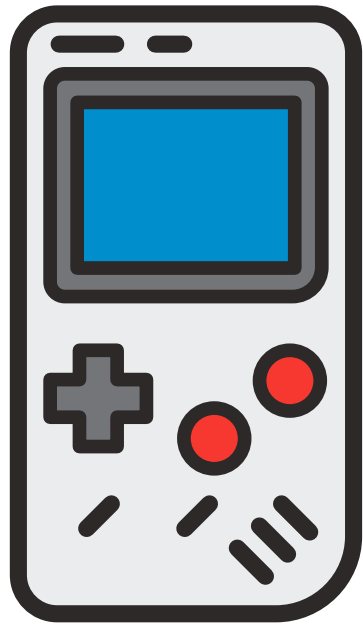
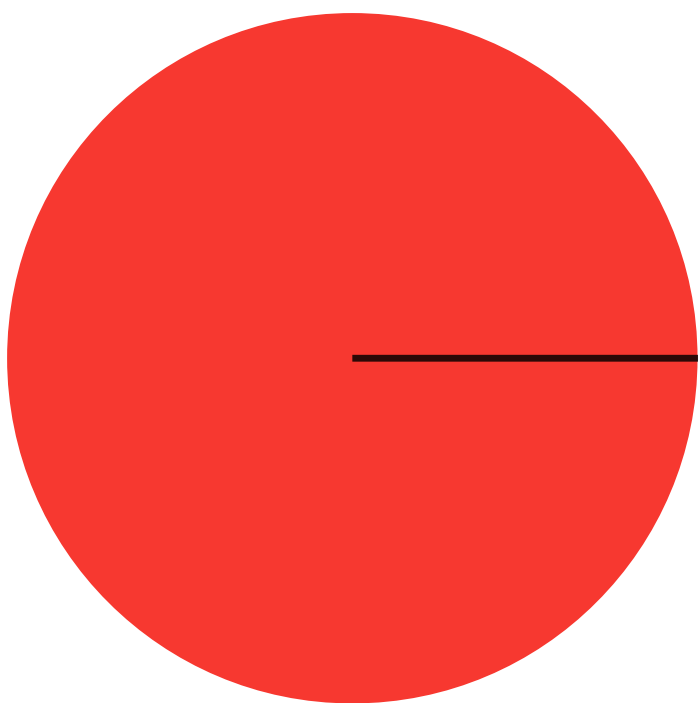
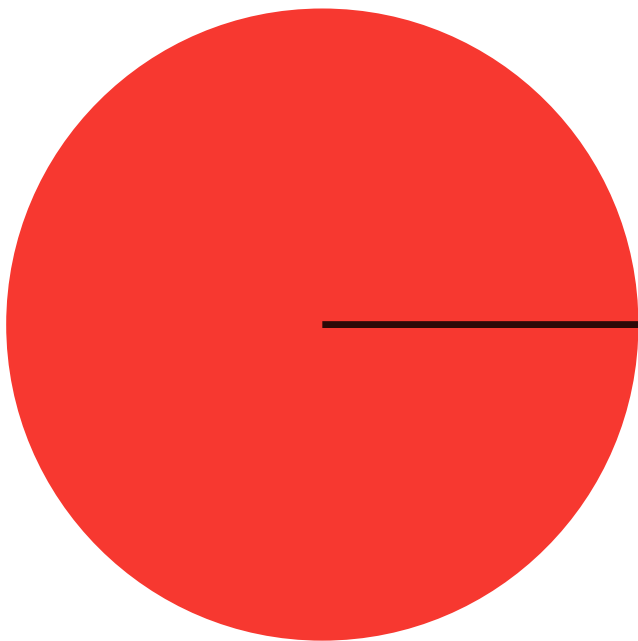
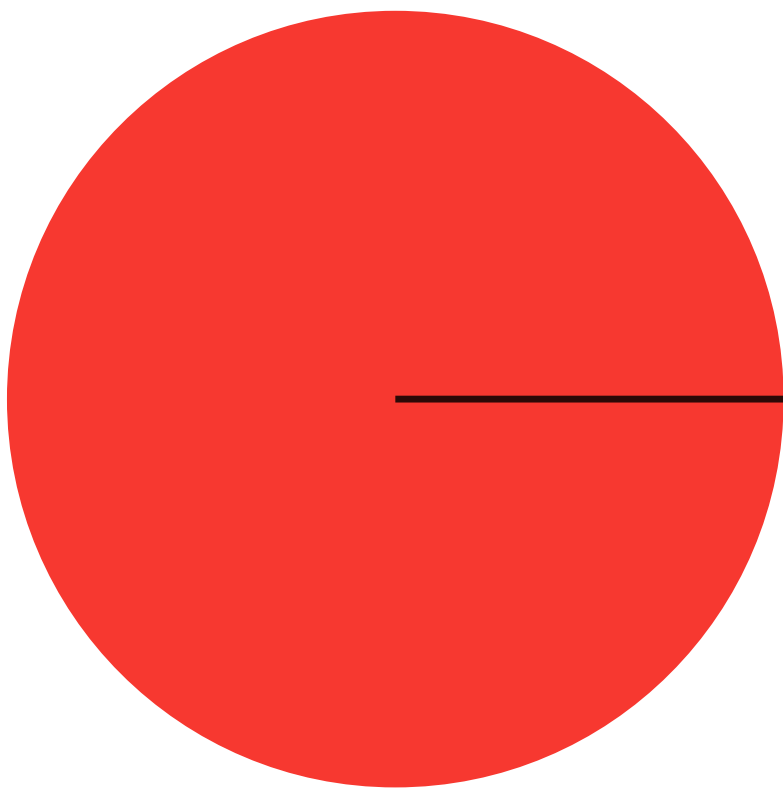
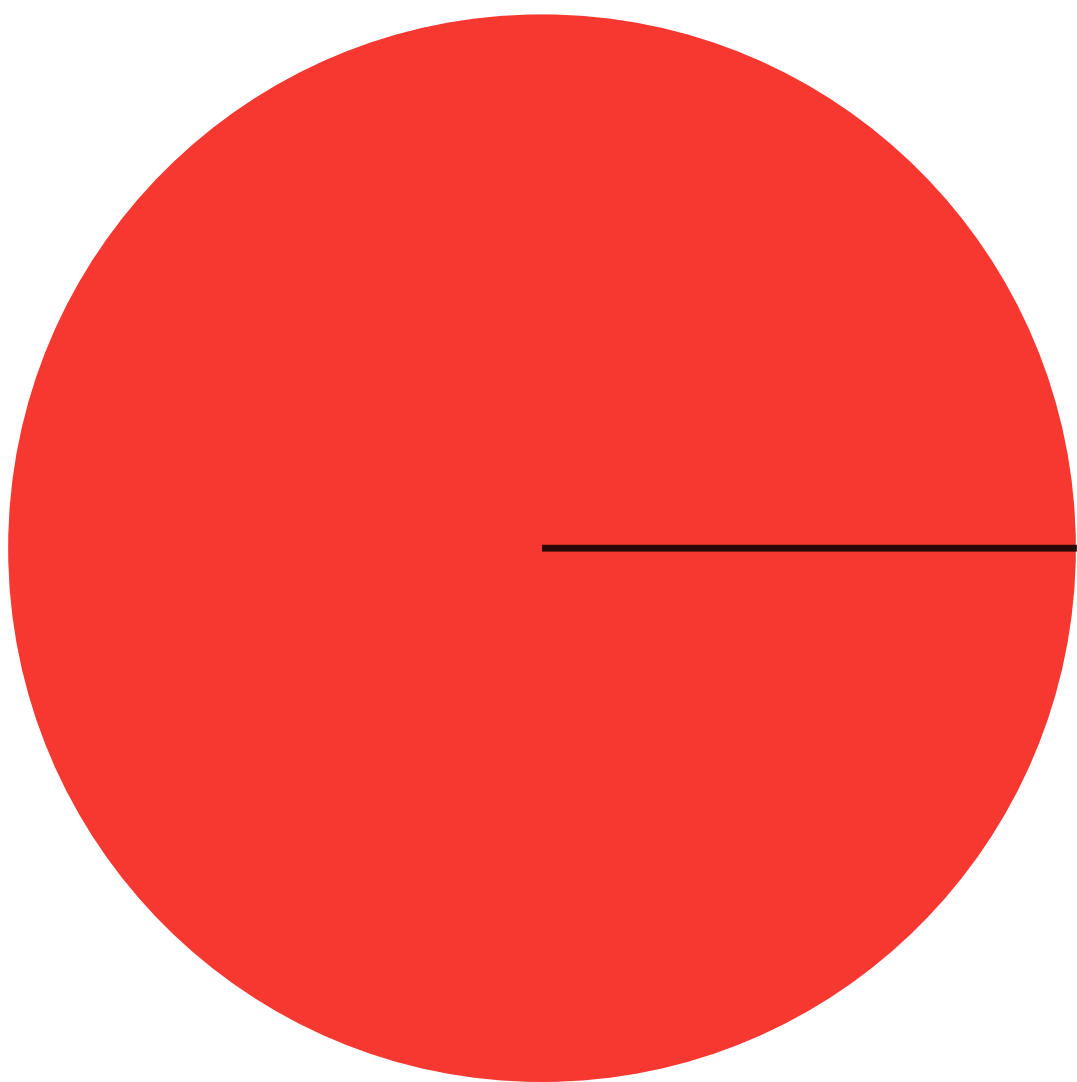
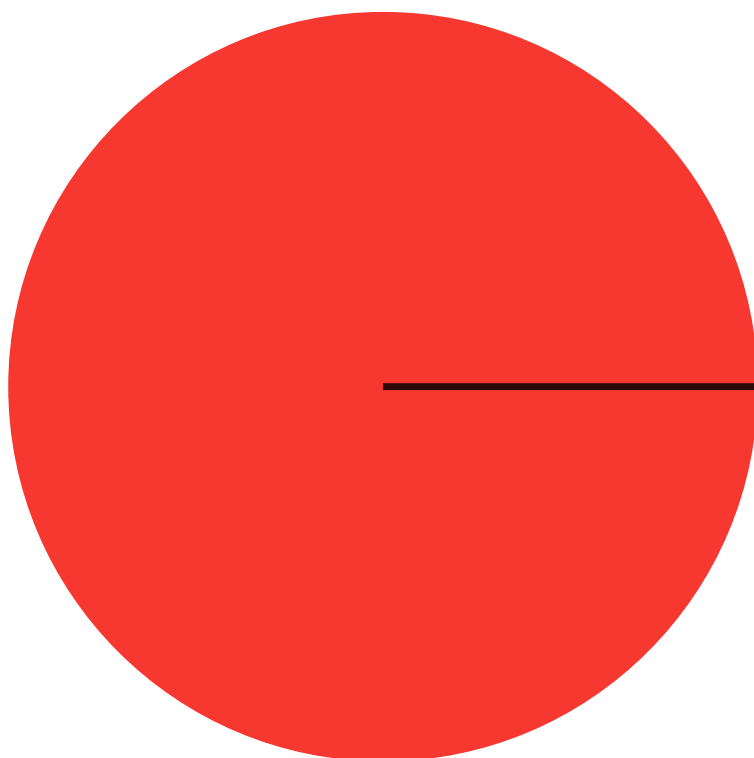
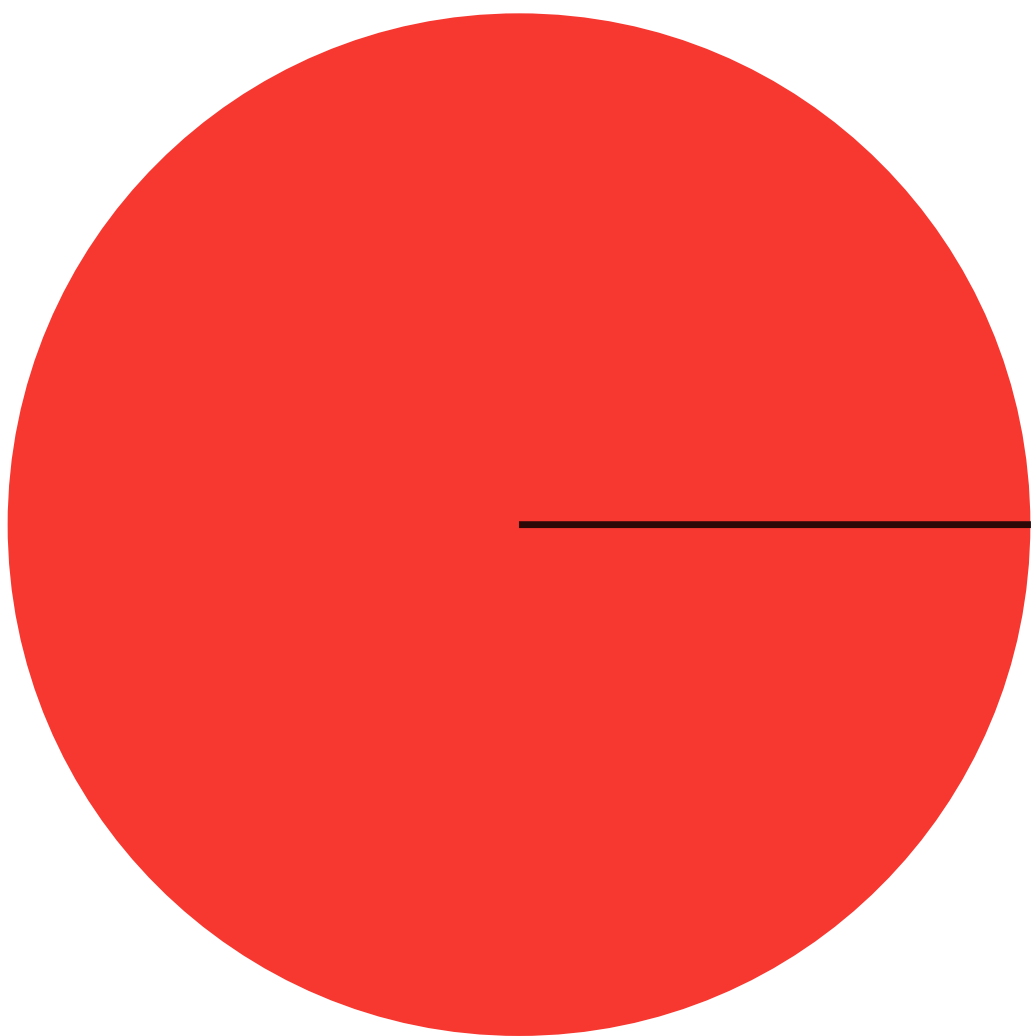
O design minimalista, com apenas quatro botões e um joystick direcional e intuitivo, caiu no gosto. Mas a popularidade brotou mesmo com os títulos disponíveis. O primeiro que vem à mente é, sem dúvida, *Tetris*, o quebra-cabeça desenvolvido pelo russo Alexey Pajitnov. Do alto da tela caíam blocos de formatos variados e era preciso organizá-los em linhas perfeitas para que eles ficassem encaixados. A velocidade ia crescendo de forma contínua e era necessário ter habilidade para escapar do *game over*. Embora estivesse disponível em outras plataformas, no Game Boy ele encontrou o ambiente ideal. As partidas rápidas, que podiam ser realizadas em qualquer lugar, favo-

DIVULGAÇÃO

EM GRUPO O popularíssimo e eterno *Pokémon:* o jogo ao estilo RPG permitiu disputas entre amigos, lado a lado

receram o título, que vendeu 35 milhões de unidades apenas para o console diminuto.

O *Tetris,* no entanto, não foi o único. *The Legend of Zelda: Link's Awakening* ajudou a consolidar o apelo do aventureiro Link, que nos anos seguintes ganharia alguns dos principais games lançados para futuros consoles da Nintendo. Mario, o simpático encanador, brilhava no popular *Super Mario Land.* Todos eles são lembrados com carinho e nostalgia pelos gamers. E, acima de todos, explodiu o *Pokémon,* a série de jogos baseados em lutas entre bichinhos de poderes variados. Ambientado em um mundo fantasioso, o RPG tornou-se um fenômeno. Além da boa história e das batalhas que exigiam planejamento dos jogadores, ele permitiu que amigos competissem lado a lado, cada um com seu aparelho, conectados

POPULARIDADE DE BOLSO

Console feito para ser levado a qualquer canto deu força global à Nintendo (em número de unidades vendidas)

1989
GAME BOY
64,4 milhões

1998
GAME BOY COLOR
54 milhões

2001
GAME BOY ADVANCE
81,5 milhões

2004
NINTENDO DS
154 milhões
2011
NINTENDO 3DS
75,9 milhões
2017
NINTENDO SWITCH
141,3 milhões
Fonte: *Nintendo*

por um cabo. O carisma dos seres fantásticos e a jogabilidade viciante fizeram de *Pokémon* a franquia mais lucrativa da história dos games, adaptada para a TV, o cinema, o mundo dos jogos de tabuleiro e um imenso etc.

Se hoje o hábito de jogar entrou na rotina da humanidade, em todas as faixas etárias, dos grandes épicos feitos para consoles de última geração aos pequenos jogos de smartphones, cujas partidas cabem em qualquer circunstância, convém agradecer — ou atribuir a culpa — ao Game Boy. "Ele representou a gênese de uma ideia, a portabilidade na palma da mão", diz Vicente Martin Mastrocola, professor da graduação de jogos digitais da PUC-SP. À medida que ele evoluiu e ganhou cores, no modelo Colors, animações em 3D e telas sensíveis ao toque, com o 3DS, outras empresas do segmento tiveram de correr atrás.

Até o primeiro iPhone, de 2007, inovador por seu próprio mérito, tinha jogos que usavam as vantagens das telas *touch*, algo já comum aos donos de Game Boy. Atualmente, o Nintendo Switch, console mais recente da companhia japonesa, permite que o jogador escolha se quer usar o sistema acoplado à TV de casa ou de modo portátil, graças a uma tela instalada no equipamento. Tudo somado, o mundo seria outro sem o Game Boy, a chave para um portal de surpresas infinitas. A indústria de entretenimento eletrônico não chegaria aos atuais 273 bilhões de dólares de faturamento em 2024. E o nosso tempo, este que se debruça nas telas, vidrado, talvez fosse outro. Nem pior, nem melhor — mas diferente. ■

PAULO DIAS/MOMENT/GETY IMAGES

ARQUEOLOGIA NA GARRAFA

Nova geração de enólogos da região do Douro, em Portugal, resgata antigas variedades de uvas locais, esquecidas pelo tempo, em interessante movimento **ANDRÉ SOLLITTO**

PATRIMÔNIO
Região nordeste de Portugal: reconhecida pela Unesco

FAZ BEM aos olhos e ao paladar. A região do Alto Douro Vinhateiro, no nordeste de Portugal, próxima da cidade do Porto, com videiras plantadas nas encostas à beira do rio que dá nome à paisagem, é considerada desde 2001 patrimônio mundial pela Unesco, dada a beleza do lugar. Foi ali, em 1756, que o Marquês de Pombal (1699-1782), então secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino de dom José I, criou uma classificação para avaliar as viníco-

MAKSYM KAHARLYTSKYI/UNSPLASH

SEGREDOS Passado: investigação em vinhedos com mais de 150 anos de idade

las daquele chão — e pela primeira vez na história deu-se a demarcação de terra atrelada a um tipo específico de vinho, dito "fortificado", no jargão, de maior teor alcoólico e potencial de guarda. Foi uma jogada pioneira e visionária, feita 99 anos antes da denominação de Bordeaux, na França.

Com o passar do tempo, o Douro começou a produzir também safras de outra ordem, os "tranquilos", de fermentação natural e sem as borbulhas características de um espumante. Eles são elaborados com uvas relevantes como a touriga nacional e a touriga franca (ou francesa, como é conhecida). Há agora, para além da linhagem mais comum, para além dos celebrados fortificados e tranquilos, uma novidade interessante demais para ser desdenhada: a produção de rótulos ancorados em outras

variedades de uvas, antigas, esquecidas pelo tempo, abandonadas, mas que ainda podem vicejar com potência. É um trabalho de arqueologia, liderado pela jovem geração de enólogos, treinados com ciência para olhar o passado do terroir e zelar pela inovação.

Um bom exemplo dessa tendência está na Real Companhia Velha, a mais antiga empresa de vinhos de Portugal. Estabelecida em 1756, quando Pombal assinou o decreto seminal, tinha como missão proteger a qualidade das safras lá extraídas e as boas práticas vitivinícolas. Ao longo de mais de 200 anos, tornou-se nome incontornável em qualquer conversa de amadores e profissionais do Porto. Nos anos 1950, expandiu os negócios. Acreditava-se, naquele tempo, como ainda até muito recentemente, que as "boas uvas" deveriam ser reservadas apenas ao vinho fortificado. Mais tarde, as portas foram abertas para os tranquilos. E agora, enfim, a terceira geração no comando da casa, aos cuidados de Pedro da Silva Reis, tem se debruçado sobre a herança local. "Analisamos os vinhedos que nossos antepassados deixaram e às vezes encontramos trinta, quarenta variedades em uma única parcela", diz Reis. "Até muito recentemente não havia essa preocupação." E deu-se o sucesso de castas autóctones, como gouveio, bastardo, rufete e donzelinho branco, entre outras, de nomes simpáticos. Elas deram origem ao projeto Séries, celebrado internacionalmente pela coragem de vasculhar as camadas do ontem.

VARIEDADES HISTÓRICAS

O mercado está repleto de bons rótulos feitos com uvas tradicionais da região

REAL COMPANHIA VELHA SÉRIES BASTARDO 2018

389 reais

Conhecida como trousseau na França, a uva bastardo produz vinhos delicados e de grande complexidade aromática

A onda não para de crescer, em bonito movimento. Outras vinícolas daquele naco da Península Ibérica buscam iluminar a diversidade de antanho. A enóloga Joana Maçanita, que já prestou consultoria para produtores de norte a sul em Portugal, encontrou no Douro o local ideal para um projeto pessoal, desenvolvido ao lado do irmão, Antonio. Ao analisar vinhedos antigos, alguns com mais de 150 anos de idade, encontrou categorias de uvas promissoras, como a cornifesto, tinta carvalha, tinta bastardinha e casculho. “Nem mesmo reputados e treinados enólogos de Portugal as conhecem”, diz ela, com a preci-

GAIVOSA/PRIMEIROS ANOS 2019

283 reais

Blend que leva tinta amarela e sousão ao lado da popular touriga nacional, mostra a respeitada versatilidade da região

JOANA MAÇANITA GOUVEIO 2021

338 reais

Vinho branco muito fresco assinado pela enóloga que trocou a engenharia pela busca de cepas portuguesas esquecidas

são de quem abandonou o curso de engenharia para mudar de profissão.

A jornada ainda será longa, em um festival de possibilidades, mas há um desafio: convencer o consumidor a abrir mão do conhecido. No mundo do vinho, todo lançamento é visto com desconfiança, antes de ser aprovado em degustações. Se a novidade tem cara de antigamente, como no Alto Douro Vinhateiro, o obstáculo é ainda mais alto. A tradição é dura de ser vencida, até que se possa proferir uma frase de Louis Pasteur (1822-1895): “Uma garrafa de vinho contém mais filosofia do que todos os livros do mundo”. ■

BATALHA SEM FIM

Marco da civilização, o Dia D completa 80 anos e seu legado ainda fascina, pautando de livros de história a séries de TV que investigam o conflito mais importante da Segunda Guerra Mundial

FELIPE BRANCO CRUZ

NORMANDIA Vitória contra os nazistas: praia virou campo de luta emblemático da guerra

U.S. NAVY

No dia 6 de junho de 1944, a aliança entre Estados Unidos, Reino Unido e Canadá dava início à Operação Overlord, a invasão militar mais importante da Segunda Guerra Mundial — e ponto de virada crucial na história da humanidade. A ação contou com 160 000 soldados e 10 000 veículos que, saindo da Inglaterra pelo Canal da Mancha, desembarcaram na costa da Normandia, na França, sob uma intensa saraivada de tiros e bombas nazistas — cena retratada com intensidade extrema no filme *O Resgate do Soldado Ryan* (1998). O premiado longa do diretor Steven Spielberg com o ator Tom Hanks é um entre diversos exemplares primorosos da ficção que mergulharam no feito iniciado ali, conhecido então como Dia D, que há oitenta anos marcava o que viria a ser a vitória dos Aliados no conflito. Para além do cinema, a data foi destrinchada em livros, na TV, na música e até em videogames — e continua a fascinar, como atestam lançamentos recentes. Entre eles, outra parceria de Spielberg e Hanks se destaca: com produção assinada pelos dois, a notável minissérie *Mestres do Ar,* da Apple TV+, lançada neste ano, acompanha pilotos que atuaram nos aviões de bombardeio B-17, conhecidos como Fortaleza Voadora, essenciais para minar a força nazista durante a invasão. O drama fecha uma espécie de trilogia da dupla: após o sucesso de *O Resgate do Soldado Ryan*, eles se uniram para produzir a minissérie *Band of Brothers* (2001), que retratou outro ângulo da invasão, jogando luz sobre a

KEYSTONE-FRANCE/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

PROTAGONISTAS Eisenhower *(à esq.)* e Churchill: os líderes do mundo livre

ação de 23 000 paraquedistas que saltaram de 11 000 aviões atrás das linhas inimigas.

A variedade de olhares mostra que aquele dia histórico é inesgotável — e ainda há muito a se falar sobre ele. Dois novos livros de não ficção lançados recentemente no exterior, ainda sem edição no Brasil, iluminam a participação dos dois principais líderes da invasão. Em *The Light of Battle: Eisenhower, D-Day, and the Birth of the American Superpower* (À Luz da Batalha: Eisenhower, o Dia D, e o Nasci-

mento da Superpotência Americana, em tradução livre), o historiador e professor de direito da Universidade Columbia Michel Paradis conta como a liderança do general Dwight Eisenhower (1890-1969), um militar de carreira que depois da guerra se tornou presidente dos Estados Unidos, foi decisiva no sucesso do Dia D. Do lado britânico, as tensas decisões tomadas pelo primeiro-ministro Winston Churchill (1874-1965) nos dias que antecederam a invasão são reveladas em *Churchill's D-Day: The Inside Story* (O Dia D de Churchill: Os Bastidores da História, em português), contadas pelo general Richard Dannatt, em parceria com o historiador Allen Packwood. Fora do campo da teoria, o Dia D também se tornou uma experiência no videogame: são centenas de títulos que colocam o jogador dentro do embate, sendo o pop *Call of Duty: WWI*, de 2017, a melhor recriação visual do ataque. A razão para tantos títu-

BERT HARDY/GETTY IMAGES

INVASÃO Soldados britânicos em Sword: capítulo pouco conhecido

los variados é prosaica: a invasão foi amplamente registrada. Há farto material em fotos, áudio e vídeos dos atos heroicos alcançados por aqueles soldados. O Exército americano conhecia bem o impacto causado por imagens e filmes — e não se furtou a explorar essa vertente.

Para além da facilidade de recriação histórica, o Dia D fascina cineastas e autores por ser um marco decisivo na transformação dos Estados Unidos em uma superpotência.

NOVO MUNDO

Retratado em filmes, séries e games, o dia 6 de junho de 1944 se mantém vivo na memória da humanidade

AMBLIN ENTERTAINMENT/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

O RESGATE DO SOLDADO RYAN
O épico dirigido por Steven Spielberg, lançado em 1998 e vencedor de cinco estatuetas no Oscar, recria em 27 minutos ininterruptos o dramático desembarque dos soldados na Praia de Omaha, na costa francesa, sob uma chuva de bombas e tiros nazistas que dizimou milhares de vidas.

"De repente, um novo tipo de mundo é construído em torno de 'valores americanos de liberdade'. Essas não eram ideias universais nem na Grã-Bretanha, que mantinha parte do mundo como suas colônias", afirma o autor Michel Paradis a VEJA *(leia a entrevista no quadro).* "Penso que, se o Dia D não tivesse sido tão bem-sucedido, o curso da história europeia e provavelmente da história mundial teria sido espetacularmente diferente."

DIVULGAÇÃO

BAND OF BROTHERS
A série de 2001, disponível nas plataformas Max e Netflix, retrata a história real do treinamento dos paraquedistas da Companhia Easy, que saltaram no Dia D atrás das linhas inimigas, um desafio assustador e essencial no conflito.

Os preparativos para o Dia D começaram a ser gestados um ano antes, com a fabricação dos veículos e armamentos nos Estados Unidos, além do treinamento das tropas. Uma intensa campanha de contrainformação foi lançada para confundir os nazistas, além de uma sucessão de ataques aéreos que minaram parte da capacidade de reação dos alemães. As tropas aliadas invadiram cinco praias, apelidadas de Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword. Após o saldo trágico

DIVULGAÇÃO

CALL OF DUTY: WWII

O game de 2017 faz uma das mais fiéis reproduções da invasão aliada na costa francesa, dando ao jogador a sensação de vivenciar o mesmo inferno experimentado pelos soldados. Além do desembarque na Normandia, o jogo também conta com missões no interior do país.

de 10 000 mortes logo no primeiro dia, elas conseguiram conquistar as praias e, dali, iniciar o desembarque do restante das tropas e tanques, que aos poucos foram tomando o território. Em agosto daquele ano, finalmente Paris foi libertada. Diferentemente da França e do Reino Unido, que lutavam pela sobrevivência, o território americano não sofreu bombardeios e não precisou ser reconstruído. Isso deixou o país em uma situação extremamente favorável para se im-

ROBERT VIGLASKY/APPLE TV+

MESTRES DO AR

Lançada neste ano, a intrigante série da Apple TV+ acompanha os aviadores responsáveis por pilotar os aviões que atacavam posições nazistas na Europa antes do Dia D. O 100º Grupo de Bombardeio foi um dos que mais sofreram baixas na guerra

por como potência econômica e militar, posição que, como se sabe, dura até hoje.

Apesar do protagonismo americano, a participação dos britânicos foi essencial para o sucesso da ofensiva. Os ingleses ficaram responsáveis pela conquista das praias de Sword e Gold. É sobre uma dessas batalhas que fala um terceiro livro sobre o Dia D também lançado recentemente: *Sword Beach — The Untold Story of D-Day's Forgotten Battle* (Praia de Sword — A História Não Contada da Batalha Esquecida do Dia D), do historiador Stephen Fisher. Especialista em assuntos militares náuticos, o autor volta sua pesquisa para ações pouco lembradas, como a atuação de pequenos barcos da guarda costeira.

No próximo dia 6, o governo francês celebrará o Dia D nas cinco praias da Normandia. Autoridades dos países aliados, o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, o rei Charles III, o presidente da França, Emmanuel Macron, e o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, confirmaram presença. Embora Vladimir Putin não tenha sido convidado devido à guerra na Ucrânia, a França, a contragosto dos americanos, fez questão de convidar um representante da Rússia. "Talvez isso lembre aos russos que eles realmente lutaram no passado contra nazistas reais, e não contra nazistas imaginários na Ucrânia", disse um representante da diplomacia americana. O episódio serve de lembrete: a paz conquistada no Dia D ainda é frágil — e relembrar esse dia histórico, mas doloroso, é essencial. ■

“O DIA D FOI ESPETACULAR”

O historiador e professor de direito Michel Paradis analisa as razões que fazem do confronto uma data a ser lembrada.

DIVULGAÇÃO

PESQUISA Paradis: livro sobre Eisenhower

Por que ainda é importante falar do Dia D atualmente? Foi a primeira grande vitória da Segunda Guerra. Ali começou a era da superpotência americana. Todos os antigos impérios europeus decaíram em seguida, inclusive o britânico.

Por que ele foi tão retratado na ficção? Na Segunda Guerra houve vitórias aqui e ali, mas o Dia D foi espetacular e as imagens dos homens subindo a Praia de Omaha ficaram tão icônicas quanto as do pouso na Lua, da chegada dos Beatles aos Estados Unidos ou do assassinato de Martin Luther King Jr. São imagens singulares que capturam momentos cruciais da história.

As crises mundiais atuais são um lembrete de que a paz ainda é frágil? Grande parte da prosperidade que resultou de um mundo muito mais livre e mais liberal foi partilhada de forma desigual. Definitivamente acho que o mundo está se tornando cada vez mais perigoso em termos ideológicos.

MIHAI MALAIMARE JR/AMERICAN ZOETROPE

UM PODER PERTURBADOR

Novo longa de Coppola, *Megalópolis* é extravagante e difícil de digerir – mas é impossível ficar indiferente a sua mensagem antiautoritarismo

RAQUEL CARNEIRO E **JENNIFER QUEEN,** de Cannes

AMBIÇÃO Driver e Nathalie Emmanuel no filme: o perigo das utopias de poderosos

DA SACADA de um enorme edifício, Caesar Catalina, interpretado por Adam Driver, observa a imensidão da cidade abaixo e grita: “Tempo, pare!”. Político, artista, arquiteto e físico quântico, ele almeja construir uma utopia particular — sendo assim, mandar no tempo se revela uma arma de manipulação preciosa. Catalina não é o único com ambições grandiosas no filme ***Megalópolis*** (Estados Unidos, 2024), nova e ousada aposta do diretor Francis Ford

Coppola, exibido recentemente no Festival de Cannes — ainda sem data de estreia no Brasil. Nessa realidade futurista, tecnologias avançadas contrastam com a arquitetura e os modismos da Roma Antiga, mistura do ultrapassado e da inovação que vai além da estética para permear o roteiro. Ao longo de quase duas horas e meia, a produção, sobre poderosos que tentam impor aos demais sua visão de mundo, provoca, confunde, choca e oferece previsões nada otimistas para a humanidade. Ao fundo, cria paralelos entre os Estados Unidos de hoje e a república decadente que abriu espaço para o tirânico império romano no passado.

Aos 85 anos, Coppola tem opiniões políticas contundentes — e sua obra é prova de que ele desconfia de qualquer um com muito poder. Possui também o vigor de um iniciante, ávido por trabalhar e por se aventurar criativamente. A combinação dessas duas facetas foi o combustível de *Megalópolis*. Orçado em 120 milhões de dólares, a extravagância cinematográfica foi rejeitada pelos grandes estúdios, que, apesar da assinatura de Coppola, optaram por investir em produções, por assim dizer, mais certeiras — como filmes rasteiros de super-heróis. O diretor, então, vendeu sua vinícola na Califórnia para bancar o longa do próprio bolso. “Dinheiro não importa”, disse o cineasta em Cannes — sem deixar de ressaltar que sua família ainda possui o suficiente para viver de forma confortável.

Ícone incontestável do cinema, Coppola fez parte de uma geração estrelada que moldou Hollywood nos anos

MEGA/GC IMAGES/GETTY IMAGES

VETERANO O mestre no set: sonho de 120 milhões de dólares pago por ele

1970: a trupe de amigos iniciantes ainda contava com Steven Spielberg, George Lucas e Martin Scorsese. Entre eles, Coppola foi o primeiro a ganhar prestígio graças ao monumental *O Poderoso Chefão* (1972). Na mesma década, o diretor se aventurou no que seria o trabalho mais difícil de sua carreira até ali: o longa de guerra *Apocalypse Now* (1979), ambientado no Vietnã. Os bastidores foram caóticos — com direito até a um infarto do ator Martin Sheen, que adiou gravações. Quando entrou em cartaz, causou

polêmica e deixou críticos confusos: não se sabia então que o filme se tornaria, com o tempo, outra obra-prima aclamada do cineasta — nem que sua temática, sobre o imperialismo americano, se manteria atual por décadas a fio. Foi no set de *Apocalypse Now* que Coppola pensou no roteiro de *Megalópolis* pela primeira vez.

Ao longo desses quarenta anos de planejamento aconteceu de tudo no caminho do filme: do 11 de Setembro, que cancelou a produção, afinal, não pegaria bem um filme criticando os Estados Unidos, até um recente embate de gerações que agitou os bastidores. Dias antes da estreia no evento francês, o longa foi tema de uma reportagem no jornal inglês *The Guardian*, que listou atitudes controversas de Coppola, desde gastar muito sem planejamento, passando por longos sumiços do diretor, até a preparação de uma cena de festa na qual ele dançou e deu beijos nas bochechas de figurantes. O climão, contudo, ficou só na internet: na sessão de gala da estreia e na coletiva de imprensa no dia seguinte, Coppola foi aplaudido e elogiado — até por quem nem gostou tanto assim de seu novo filme. De fato, *Megalópolis* não é fácil de digerir.

Como sugere o nome do protagonista de Adam Driver, Caesar Catalina é inspirado no militar romano Lucius Sergius Catilina (108 a.C.-62 a.C.), que conspirou contra a república de Roma. Coppola aponta que os Estados Unidos de hoje correm o mesmo perigo. “O que está acontecendo em nossa república, nossa democracia, é exata-

ZOETROPE STUDIOS/CORBIS/GETTY IMAGES

CLÁSSICO Cena de *Apocalypse Now:* a semente para o roteiro nasceu ali

mente como ocorreu com Roma”, disse o diretor, que ainda lamentou o crescimento da extrema direita e de “tradições fascistas” enquanto criticava Donald Trump. Sobre a possibilidade de *Megalópolis* ser seu último filme, ele garante não se preocupar com a idade avançada e a chegada da morte: “Não carrego arrependimentos. Vi minha filha ganhar um Oscar, produzi vinho, fiz meus filmes. Quando eu morrer, nem vou perceber”. É um diretor em poder de seu tempo. ■

MISTÉRIO REAL

Após sucesso de *A Mulher na Janela*, A.J. Finn lança livro que ecoa drama pessoal: na história, um escritor atormentado é envolto em polêmicas da vida pessoal **AMANDA CAPUANO**

ASCENSÃO E QUEDA
A.J. Finn: autor foi alçado à fama meteórica e, pouco depois, exposto por mentiras

BRANDON BAKUS

À BEIRA DA MORTE, um escritor de thrillers policiais contrata uma jornalista obcecada pelo gênero para escrever sua biografia. Com milhares de livros vendidos, Sebastian Trapp tem pontas soltas em sua história: a começar pelo réveillon de 1999, quando sua esposa e o filho adolescente desapareceram sem deixar rastros. Vinte anos depois, o sumiço ainda alimenta teorias, incluindo a de que o autor teria assassinado a família. Instigante e magnético, o enredo é fio condutor de ***Ponto Final,*** o segundo livro de A.J. Finn — que estourou em 2018 com o thriller *A Mulher na Janela,* vertido em filme pela Netflix, com Amy Adams no protagonismo.

Com mais de 5 milhões de livros vendidos, A.J. Finn, pseudônimo de Dan Mallory, de 45 anos, também coleciona sua dose de mistérios (e polêmicas) na vida real: em 2019, um artigo da revista *The New Yorker* revelou que o nova-iorquino estava envolto em mentiras: incluem-se aí um doutorado falso, a morte da mãe e do irmão (que estavam vivíssimos e chegaram a acompanhá-lo em viagens publicitárias) e até um suposto câncer inoperável.

PONTO FINAL,
de A.J. Finn (tradução de Fernanda Abreu; Editora Arqueiro; 480 páginas; 69,90 reais ou 44,99 reais na versão e-book)

MELINDA SUE GORDON/NETFLIX

SUCESSO NAS TELAS *A Mulher na Janela:* romance de estreia virou filme da Netflix com Amy Adams

Diagnosticado com bipolaridade, Mallory questionou as fontes anônimas do artigo que chamou de "fantasioso", mas confessou já ter mentido muito na vida — especialmente, alega ele, ao tentar esconder a condição mental. "Há quinze anos eu não diria a ninguém que receberia terapia de choque, ou que estava com dificuldades com a medicação", contou ele a VEJA. "Dizia qualquer outra coisa. Que ia a uma viagem que não existia ou que estava preocupado com algum tipo de tumor, que era um medo recorrente meu. Menti sobre outras coisas também, mas quem não mente quando é jovem?", disse.

Mallory não é o primeiro escritor a tecer contos fantasiosos a respeito de si próprio, como estratégia de marketing editorial. Nos anos 1990, o autor J.T. LeRoy, que até virou tema de um filme que leva o nome dele, de 2018, com Kristen Stewart, se pintou como um ex-garoto de programa soropositivo

abusado pela mãe adicta, quando, na verdade, era uma invenção da roteirista americana Laura Albert. Em 2008, revelou-se que Margaret B. Jones, autora do livro de memórias *Love and Consequences*, em que diz ter pulado de abrigo em abrigo na infância, em uma área infestada de gangues, era, na verdade, Margaret Seltzer: uma mulher branca criada em paz e prosperidade pela família biológica em um bairro rico de Los Angeles. Em comum, esses escândalos mostram escritores que rebaixaram sua posição social, criando uma falsa autenticidade para suas obras.

Apesar das similaridades com o caso de Mallory no capítulo *fake news,* o autor está alguns bons degraus acima no quesito literário. Os últimos anos foram uma montanha-russa para o homem por trás de A.J. Finn. A fama meteórica trouxe a exposição das inverdades e julgamentos advindos disso. O autor, então, enfrentou dificuldades para finalizar seu segundo livro, que chega às estantes seis longos anos depois do antecessor. Ele conta (acredite se quiser) que a obra só saiu depois de retomar as sessões de eletroconvulsoterapia (ECT), procedimento ainda usado nos dias de hoje para tratar alguns casos psiquiátricos graves. "Me ajudou a cruzar a linha de chegada", diz ele. O autor descreve o novo livro como "mais ambicioso e sofisticado" que o anterior. Sobre o coprotagonista misterioso, admite que há certo reflexo de si mesmo. "Ele se importa com o que os outros pensam, e eu também", compara. "Mas não sou tão engraçado ou esperto quanto ele." No caso de Mallory, ficção e realidade são partes inseparáveis do enredo. ■

WALCYR CARRASCO

O POLVO E O REMORSO

Meu prato preferido possui sentimentos — por isso, tentei evitá-lo

O POLVO, grelhado ou ensopado, sempre esteve entre meus pratos prediletos. Tanto que aprendi a cozinhá-lo com um mestre em culinária japonesa. Fácil. Primeiro, dê uma surra no polvo. Sim, não basta ter sido pescado. Precisa apanhar, ser esmurrado e batido contra a pedra da pia. Depois "assuste" o pobre coitado (como se já não estivesse assustado com tal tratamento). Afunde duas vezes na água fervente, para que os tentáculos se retraiam. Ferva a água. Atire o polvo. Conte dez minutos certinhos, retire da água quente e jogue na fria, de preferência com pedras de gelo. Já fiz esse procedimento algumas vezes.

A carne do polvo fica macia. Só há um problema: eu me sinto um monstro. Sempre comi polvo até me fartar. Até o dia em que li um artigo dizendo que esse molusco, vejam só, tem subjetividade. Essa característica o aproxima mais do ser humano do que de um escargot, por exemplo. Enfim, subjetividade e sentimento andam juntos. Eu não comeria um cachorro, por exemplo, embora existam uns bens gordi-

nhos e suculentos. A psique de um polvo é mais cheia de possibilidades. Enfim, o polvo tem alma? Um amigo me indicou um documentário, no streaming, chamado *Professor Polvo*. Trata-se da amizade entre um humano e um polvo. Desenvolvem laços, criam uma relação.

A partir daí, eu não tinha mais coragem de comê-lo. Era como se eu fosse devorar alguém próximo a mim. Não tenho o mesmo sentimento em relação a vacas, confesso. Talvez porque elas pareçam conformadas com seu destino. Nunca gostei muito de aves, mas, enfim, se está no prato... Mas o polvo me despertava um sentimento diferente.

Parei de comer polvo, em solidariedade à sua subjetividade. Até li que é uma espécie com um bom grau de inteligência. Por exemplo, um polvo se reconhece no espelho. Ou melhor, sabe que não é ele mesmo. Inquietante. Mas, vejam, às vezes eu não me reconheço no espelho, principalmente no

"Eu não tinha mais coragem de comê-lo. Era como se fosse devorar alguém próximo a mim"

fim de uma noitada. Isso me faz tecnicamente inferior a um polvo, sem contar o número de braços comparados aos tentáculos. Resisti até pouco tempo atrás. Via um polvo grelhado, engolia em seco e fugia.

Uma vez, no aquário de Portugal, enviei sinais a um deles, mas não foram retribuídos. Dei razão ao polvo. Quem cumprimenta aquele que o devora? Respeitosamente, fiquei meses sem comer polvo. Mas a vida é difícil.

Faz um tempo provei um pedacinho de tentáculo grelhado. Só um pedacinho. Mas há portas que não devem ser abertas. Na sequência, devorei um polvo inteiro, pedindo desculpas à sua subjetividade e pensando: existem polvos filósofos? Não deu outra: o polvo voltou ao meu cardápio. Uma amiga já me prometeu trazer polvo à espanhola, que ela faz muito bem. Aceitei, para breve, porque hoje comi grelhado. Nem peço mais desculpas, sinto apenas algum remorso – subjetividade, será?

Só mudarei novamente se, por exemplo, um polvo escrever um livro ou lançar um funk. Que me perdoem os protetores da natureza. Mas comer polvo é uma delícia, por mais culpa que eu sinta eventualmente. ■

DIAMOND FILMS

IMPLACÁVEL O lutador Kid (Patel): sede de vingança em uma jornada sanguinária contra líderes corruptos

CINEMA

FÚRIA PRIMITIVA ***(Monkey Man;* EUA, Canadá, Singapura e Índia; 2024; em cartaz)**

Kid (Dev Patel) ganha trocados para usar uma máscara de macaco e ser espancado em uma rinha clandestina nos confins da Índia. Ele carrega o trauma de ter testemunhado o assassinato da mãe na infância — episódio que o leva a uma saga por vingança. O lutador consegue um emprego na boate onde seus alvos — um chefe de polícia e um líder religioso corruptos — consomem drogas e garotas de programa. Durante sua jornada retaliativa, o rapaz desafia as estruturas de poder que massacram a população pobre indiana em um retrato que mescla luto, espiritualidade e justiça social. Com cenas de luta muito bem coreografadas em uma estreia primorosa de Patel na direção, o filme é baseado no conto de Hanuman, o deus macaco hindu, e bebe de referências de Bollywood e da franquia *John Wick*.

TELEVISÃO

DOM – TEMPORADA FINAL **(disponível na Amazon Prime Video)**

Entre 2004 e 2005, Pedro Machado Lomba Neto liderou uma quadrilha de assalto a condomínios de luxo no Rio de Janeiro. Filho de policial e morador da Zona Sul, o criminoso recebeu a alcunha de "Dom", título da série nacional de sucesso que chega à sua terceira e última temporada. Com Gabriel Leone na pele do "bandido gato", como também era chamado, os novos episódios acompanham os momentos derradeiros do controverso personagem da vida real: ao narrar a triste jornada do jovem que vai do vício em drogas ao crime, a série expõe o passado e os meandros do tráfico e das milícias que dominam o Rio.

LAURA CAMPANELLA/PRIME VIDEO

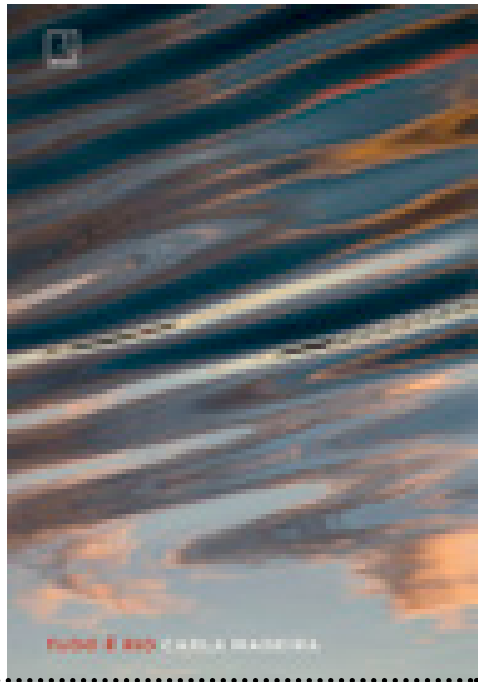
DRAMA REAL Dalton Vigh e Leone na série: criminoso que chocou o Rio

DISCO

LIVES OUTGROWN,

de Beth Gibbons (disponível nas plataformas de streaming)

Consagrada nos anos 1990 como vocalista do Portishead, grupo de trip-hop, que mesclava elementos do jazz, do hip hop e da música eletrônica, a inglesa Beth Gibbons apresenta, enfim, seu primeiro disco solo. Ainda adepta do ritmo lânguido, ela inova ao produzir sons mais orgânicos, pelos quais explora sua relação com o luto, o envelhecimento e a solidão. Na agridoce *Floating On A Moment*, ela lida com a iminência da morte. Ao fim, em *Whispering Love*, flautas e violão sonorizam a busca por um paraíso que alivie a morbidez. ■

FICÇÃO

1 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [2 | 86#] RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [6 | 76#] GALERA RECORD

3 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [5 | 140#] GALERA RECORD

4 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [3 | 98#] BERTRAND BRASIL

5 **IMPERFEITOS**
Christina Lauren [0 | 22#] FARO EDITORIAL

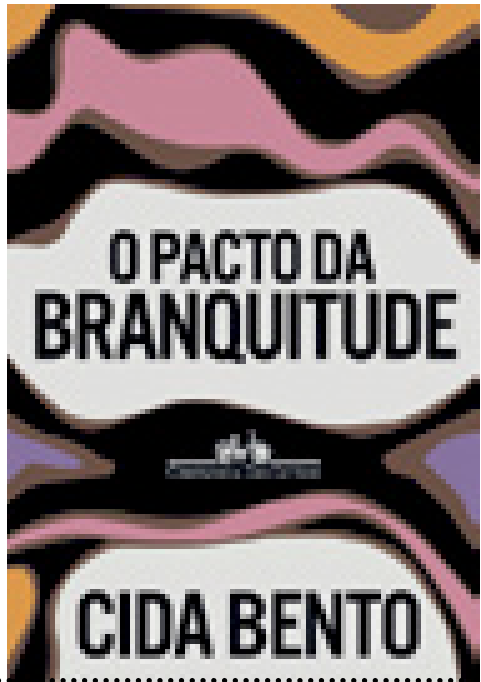
6 **VERITY**
Colleen Hoover [1 | 109#] GALERA RECORD

7 **A PACIENTE SILENCIOSA**
Alex Michaelides [0 | 32#] RECORD

8 **A NATUREZA DA MORDIDA**
Carla Madeira [0 | 2#] RECORD

9 **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [0 | 114#] PARALELA

10 **VÉSPERA**
Carla Madeira [0 | 4#] RECORD

NÃO FICÇÃO

1 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [0 | 16#] COMPANHIA DAS LETRAS

2 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [5 | 47#] VÁRIAS EDITORAS

3 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [0 | 77#] BEST SELLER

4 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [0 | 362#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

5 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [6 | 195#] OBJETIVA

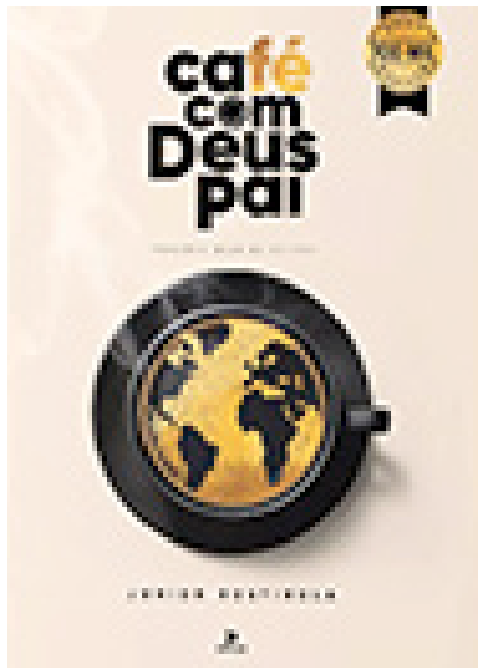
6 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [0 | 132#] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **SE NÃO EU, QUEM VAI FAZER VOCÊ FELIZ?**
Graziela Gonçalves [7 | 15#] PARALELA

8 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [0 | 37#] CAMELOT EDITORA

9 **A VIDA NÃO É ÚTIL**
Ailton Krenak [0 | 10#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **AMÉRICA LATINA LADO B**
Ariel Palacios [1 | 4] GLOBO LIVROS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 22#] VÉLOS

2 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [10 | 169#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [3 | 49#] ALTA BOOKS

4 **O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO** Philippa Perry [4 | 8#] FONTANAR

5 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 94#] GENTE

6 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [0 | 456#] SEXTANTE

7 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [7 | 35#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [2 | 247#] CITADEL

9 **A GENTE MIRA NO AMOR E ACERTA NA SOLIDÃO**
Ana Suy [0 | 3#] PAIDÓS

10 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [8 | 19#] ROCCO

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 419#] VÁRIAS EDITORAS

2 **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [0 | 85#] GALERA RECORD

3 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [0 | 14#] INTRÍNSECA

4 **KIT HOPELESS**
Colleen Hoover [0 | 9#] GALERA RECORD

5 **AMÊNDOAS**
Won-pyung Sohn [0 | 23#] ROCCO

6 **A MECÂNICA DO AMOR**
Alexene Farol Follmuth [0 | 1] ALT

7 **CORALINE**
Neil Gaiman [6 | 74#] INTRÍNSECA

8 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [0 | 11#] MELHORAMENTOS

9 **O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO**
Charlie Mackesy [9 | 25#] SEXTANTE

10 **A BALADA DOS FELIZES PARA NUNCA**
Stephanie Garber [0 | 3#] GUTENBERG

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

REFÉNS DO CLIMA

A VOLKSWAGEN parou. Mandou para casa 6 000 funcionários. Faltam autopeças essenciais fornecidas por 49 fábricas inundadas no Rio Grande do Sul.

O tempo e o vento deixaram a empresa num dilema sobre o estoque de alguns componentes: consumi-lo na produção em São Bernardo do Campo, Taubaté e São Carlos, em São Paulo, ou usá-lo na linha de montagem de São José dos Pinhais, no Paraná, berçário do SUV T-Cross. Escolheu dobrar a aposta na liderança do mercado de veículos utilitários urbanos.

A Volks pôs em marcha, também, um plano de prevenção e adaptação às intempéries no país. Resolveu importar autopeças e já negocia garantia de suprimento na China, na Alemanha e nos Estados Unidos.

A concorrente General Motors continua ilhada em Gravataí, onde tem 5 000 empregados, assim como a fabricante de máquinas agrícolas AGCO, em Canoas. Um em cada quatro residentes dessas duas cidades gaúchas é vítima do desastre climático.

Ao norte, distante quatro horas de viagem de avião, três centenas de indústrias da Zona Franca de Manaus mobilizam-se na antecipação de compras de matérias-primas, peças

e componentes, e em negociações de férias coletivas de parte dos 110 000 empregados. Seguem alertas sobre a seca amazônica, que já começou e deve se agravar a partir de junho.

Prognósticos da Defesa Civil indicam estiagem severa como a do ano passado, a pior no histórico regional, quando as fábricas perderam 16% na produção e tiveram custos extras de 1,5 bilhão de reais na adaptação do cronograma de suprimento às dificuldades de transporte. Quase dois terços do fluxo de mercadorias dependem da navegação fluvial. Antes, a calha vazia de nove rios interditava a cabotagem por até cinco semanas, mas em 2023 a seca durou o dobro do tempo e há possibilidade de ser ainda mais longa no período crítico, entre setembro e novembro.

Na Amazônia, hoje, a torcida é pela baixa intensidade de um fenômeno climático conhecido como La Niña, derivado do resfriamento do Oceano Pacífico. Ele costuma provocar atraso nas chuvas do último trimestre. Se for mais débil do que de costume, pode ajudar a limitar a severidade da seca no período de entrega de produtos eletrônicos, a especialidade da Zona Franca, na temporada comercial pré-natalina.

O histórico da seca na região é preocupante, porque ela aumentou muito nas últimas quatro décadas. O período de estiagem severa, que durava quatro meses, agora é de cinco meses. A persistir esse ritmo, o ambiente amazônico tende a se assemelhar à savana tropical, projetam meteorologistas. Seca duradoura por seis meses é coisa de cerrado, típica de Brasília.

Evidências de mudanças climáticas se espraiam da Ama-

“Líderes vacilam e deixam país vulnerável aos desastres”

zônia aos pampas gaúchos. No Nordeste, cinco municípios baianos já estão em processo de desertificação, informa o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden): Juazeiro, Abaré, Chorrochó, Rodelas e Macururé somam 260 000 habitantes.

Sete em cada dez municípios brasileiros estão absolutamente despreparados para a nova realidade. Ao contrário das cidades gaúchas, 3 679 municípios não têm ou, quando muito, têm baixíssima capacidade de adaptação, prevenção ou políticas de mitigação dos efeitos de desastres climáticos, informa o Ministério do Meio Ambiente.

Semana passada, a secretária de Mudança do Clima, Ana Toni, levou à Câmara uma série de estudos sobre as debilidades nacionais. Comparou: “Se a gente tivesse uma febre permanente de 2 graus, 3 graus, 4 graus a mais, constantemente, nosso sistema biológico entraria em colapso. É exatamente isso que está acontecendo, num crescente, e estamos vulneráveis em todas as regiões do Brasil”.

A saída, por óbvio, é política, mas líderes vacilam na arquitetura de novas políticas. Governo e Congresso, por exemplo,

promovem uma reforma omissa na tributação mais elevada que poderia desestimular o consumo intensivo de derivados de petróleo, como plásticos. Lula repete-se em discursos sobre a gravidade das mudanças climáticas, mas estimula a Petrobras a expandir negócios com combustíveis fósseis, adiando a transição energética. Aprova-se um modesto Fundo do Clima com 10 bilhões de reais e, nos dias seguintes, tem-se uma tragédia climática no Sul com perdas e danos visivelmente muito superiores — e por enquanto incalculáveis.

O país segue refém da flagrante incoerência entre a retórica e a ação política, entregue à esperança, aquele "urubu pintado de verde" da poesia do gaúcho Mario Quintana. ■

INÊS 249

Promovendo a inovação na saúde

Chegou a edição 2024 do prêmio que reconhece a inovação na área médica e os profissionais de saúde que fazem a diferença nessa jornada.

Acesse o site e participe!
premiodeinovacaomedica.com.br
As indicações começam este mês.

veja SAÚDE